(pp. 49-64
are wanting)

THEORIA

DA

CONJUGAÇÃO

EM LATIM E PORTUGUEZ

ESTUDO DE GRAMMATICA COMPARATIVA

POR

F. ADOLPHO COELHO

LISBOA
TRAVESSA DA VICTORIA, 71

1870

PREFAÇÃO

Em 1816 publicou Francisco Bopp uma obra *über das Conjugationssystem der Sanskritprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen, und germanischen Sprache*. Frankfurt, 8.º Esse livro fundava uma nova sciencia, a grammatica comparativa, e com ella o methodo de todo o estudo scientifico da linguagem. Alguns annos antes um poeta e critico, compatriota de Bopp, Frederico Schlegel, no seu ensaio *sobre a lingua e sabedoria dos indios* (1808) tinha apresentado, mas sem demonstração real, a idea de que o antigo idioma sagrado da India, chamado sanskrito, tinha a mesma origem que o persa, o grego, o latim e os idiomas germanicos. O interesse que então começava a inspirar o estudo d'aquelle idioma levou Bopp a dedicar-se a elle, e bem depressa, caminhando nos traços da idea de Schlegel reconheceu a identidade primitiva d'essas linguas, a qual o seu mencionado livro demonstra já em grande parte. O trabalho de comparação, em que Bopp entrou conhecendo já as theorias dos grammaticos indios, tanto mais profundas que as dos grammaticos europeus quanto a lingua a que se applicavam guardava mais a primitiva vitalidade e transparencia que as linguas europeas aparentadas, revelou ao grande fundador da nova sciencia o modo porque se tinha formado o systema grammatical dos idiomas a que foi

dado o nome de indogermanicos, as leis que presidiram ás modificações que se deram no curso da sua vida. De 1833 a 1852 publicou Bopp a obra que verdadeiramente o immortalisa, a *vergleichende Grammatik des Sanskrit, Send, Griechischen, Lateinischen, Litauischen, Altslavischen, Gothischen und Deutschen,* Berlin, 4.º; n'ella se analysa já inteiramente o systema das formas grammaticaes das linguas cujo systema de conjugação era objecto do livro impresso em 1816, e das linguas slavas. Penetrar n'um pequeno numero de annos em a natureza e historia das linguas das raças mais civilisadas e intelligentes, das linguas que fallam quasi todos os europeus, ou a cujo estudo se vota uma parte dos annos consagrados á nossa educação intellectual; assentar por esta analyse de um tão vasto grupo de linguas o methodo applicavel ao estudo scientifico de todas as outras, resolvendo assim problemas que desde a antiguidade classica até hoje teem preoccupado o espirito dos pensadores e dos sabios, eis a gloria de Bopp. Na via aberta por elle lançaram-se immediatamente um grande numero de sabios, cujos trabalhos n'este ramo dos conhecimentos constituem hoje fructos dos mais bellos do genio da investigação paciente e da intelligencia que penetra na essencia das cousas. As sciencias historicas, a sciencia das religiões, isto é, aquellas que se occupam dos interesses mais altos do homem, acharam em a sciencia das linguas um facho que lhes lança luz sobre epochas de que, com os recursos ordinarios d'essas sciencias, seria impossivel nada saber; as raças da India foram proclamadas nossas irmãs, e por ahi os laços da fraternisação de povos que hoje se influem reciprocamente foram estreitados. Nascida ha tão pouco tempo, só pelo seu sentido vasto e profundo poderia essa sciencia absorver, n'um paiz como a Allemanha, annos de applicação constante a espiritos de primeira ordem, e constituir uma parte tão indispensavel, como outra qualquer sciencia, não só no ensino superior, mas ainda no ensino elementar dos gymnasios. Na França, na Inglaterra,

na Italia, na Russia, nos paizes scandinavos, na Belgica, etc., vae ella de dia em dia chamando mais as attenções e alargando-se na esphera do ensino publico, e é antes por falta de homens dedicados a uma sciencia tão difficil pela vastidão e secura das investigações que exige do que por não se reconhecer a sua importancia que ella em paizes que são dos primeiros nos interesses do espirito, como a França e a Inglaterra, tem no ensino um logar ainda bastante limitado. No ultimo d'estes paizes, por exemplo, até chamam de Allemanha professores para ensinarem a sciencia de que Bopp foi o fundador (Max Müller em Oxford, Aufrecht em Edimburgo).

Empenhados na empresa de tornar conhecida em o nosso paiz essa sciencia, o que antes de nós ninguem de modo algum tentou, pareceu-nos que o meio mais facil de conseguir o fim a que aspiramos era chamar para ella o interesse nacional, applicando o seu methodo ao estudo da lingua portugueza, e aproveitando os resultados antes adquiridos que mediata ou immediatamente lançassem luz sobre a nossa lingua.

A essa idea liga-se o estudo que hoje publicamos e que tem por objecto a *theoria da conjugação em latim e portuguez*. É a primeira tentativa de applicação methodica dos principios da grammatica comparativa indogermanica a uma lingua romanica; até aqui as investigações sobre as linguas romanicas teem-se limitado, em geral, a estudar como ellas se desenvolveram do latim, sem se importarem com a natureza e forma primitiva dos elementos grammaticaes que d'esta lingua passaram áquellas. Mas não terão as linguas romanicas o direito de serem estudadas não só como linguas provenientes do latim, mas ainda como linguas indogermanicas? A sciencia deve estudar as transformações do typo primordial indogermanico em todos os seus periodos como obedecendo a um principio sempre o mesmo na sua essencia. Na epocha da sciencia em que o methodo se estabelecia, em que tudo estava por fazer, era impossivel deixar de

fazer secções arbitrarias na historia das linguas e estudar cada uma d'essas secções independentemente; mas logo que o essencial estava feito, logo que poucos resultados novos mais havia que esperar, restava combinar esses dados colhidos por duas vias diversas e reconstruir por inteiro a historia de cada um dos ramos dos idiomas indogermanicos. A sciencia hoje está já bastante adeantada para fazer isso, e para as linguas teutonicas já ha exemplos d'uma similhante reconstrucção. Porque não será ella tentada para as linguas romanicas? Traçar uma linha que vá de cada uma á lingua fonte de todas as linguas indogermanicas, tal como a comparação das mais antigas d'ellas nol-a revelam, seguir passo a passo, em cada uma das linhas assim traçadas, as transformações do typo grammatical primitivo é verdadeiramente no estado actual a obra a fazer, pelo que diz respeito a esse grupo, obra para a qual ha immensos materiaes reunidos e ainda não poucos hão de ser accumulados, que não pode ser feita por um só individuo, mas que uma vez chegada ao seu complemento será o trabalho definitivo n'este campo da sciencia.

Do nosso estudo, estamos certos, adquirir-se-ha a convicção de quanto se ganha acompanhando o estudo das formas das linguas modernas com o estudo das formas das linguas antigas de que ellas proveem; muitos factos importantes, que sem o ultimo estudo, julgariamos modernos mostra-nos esse estudo, não só terem a origem bem longe no passado, mas muitas vezes existirem já lá. O principio da vida da linguagem comprehende-se melhor por essa vida ser considerada n'um muito largo espaço de tempo.

Para o estudo theorico da conjugação latina achámos não só preparados, comquanto dispersos, ricos materiaes, mas ainda excellentes vistas de conjuncto, abrangendo os pontos essenciaes. As principaes ideas sobre a theoria da conjugação latina, cujo typo fundamental é o mesmo das outras linguas indogermanicas, pertencem a Bopp que as expoz, na forma mais perfeita a que chegou, na *vergl. Grammatik*;

para o conjuncto, porém, seguimos particularmente Schleicher, que no seu *Compendium* methodisa excellentemente, como grande mestre, o essencial dos resultados colhidos até então, e buscamos completal-o e corrigil-o com os materiaes que achámos nos outros trabalhos que consultamos, e alguns colhidos nas investigações proprias. O todo passou todavia, como não podia deixar de ser, por uma elaboração original. Para a parte que diz respeito ao portuguez partimos do estudo da *Grammatik der romanischen Sprachen* de F. Diez, que é um dos mais importantes trabalhos de grammatica comparativa feitos na Allemanha. Diez indica n'elle o essencial para o conhecimento das relações da conjugação latina com a romanica; menciona as formas actuaes do verbo portuguez e as principaes das antigas, muitas vezes sem as explicar ou explicando-as só de um modo geral; deixa porém aberto o campo, como não podia deixar de succeder a um trabalho da natureza do d'elle, ao estudo especial e completo das formas de cada uma das linguas de que se occupa; mas seguindo o methodo e os principios que Diez assenta tem-se um fio de Ariadna que dirige, facilita e torna solidas as investigações que teem de se fazerem para o completar[1]. É a condição de todas as obras de verdadeiro valor serem fecundas e excitarem a investigações alheias, que muitas vezes excedem o ponto de vista a que chegaram os auctores d'essas obras; e d'esse numero é a *Grammatik der romanischen Sprachen*, como o são a *vergleichende Grammatik* de Bopp, a *deutsche Grammatik* de J. Grimm.

É impossivel ser-se completo; o nosso estudo havia de ter forçosamente lacunas. Luctámos para que ellas fossem o menos importantes possivel; infelizmente faltaram-nos alguns recursos cuja existencia todavia conhecemos; não pudemos,

[1] Para o leitor apreciar, materialmente apenas, em verdade, o que n'esta parte fizemos, basta dizer que a parte consagrada no livro de Diez á exposição das formas do verbo portuguez occupa menos de onze paginas em 8.º

por exemplo, alcançar a obra de G. Curtius *Tempora und Modi im Griechischen und Lateinischen,* o que lastimamos tanto mais quanto é eminente o logar que Curtius occupa n'estes estudos; das formas verbaes do antigo portuguez seria n'alguns casos conveniente adduzir mais exemplos, e uma ou outra interessante escapou á nossa attenção; mas apesar de tudo esperamos que o nosso livro prove que não aspirámos a fazer um trabalho de erudição banal, unicamente destinado a adquirir certas dimensões imaginarias, aos olhos dos que vêem só a superficie das cousas.

N'elle só queremos manifestar o respeito que temos pelos trabalhos que o inspiraram, que são admirados por todos os homens que não só na Europa, mas tambem em o novo mundo e até na India, se dedicam conscienciosamente ás sciencias cujos objectos são o homem e os productos de sua actividade.

Lisboa, 8 de julho de 1870.

ABBREVIATURAS

1. — Obras sobre a grammatica indogermanica geral ou sobre a especial latina

(A abbreviatura é a parte que precede o colchete)

Bopp] *vergleichende Grammatik des Sanskrit, Send, Armenischen, Griechischen, u. s. w.*, 2.te Ausgabe. Berlin, 1857–61.

Corssen *kritische Beitr*]*äge zur lateinischer Formenlehre.* Leipzig, 1863.

Corssen *kritische Nachtr*]*äge sur lateinischen Formenlehre.* Leipzig, 1866.

Corssen *über Ausspr*]*ache, Vokalismus und Betonung der lateinischen, Sprache.* I Band, 2.te Ausgabe. Leipzig, 1868.

Diez] *grammatik der romanischen Sprachen*, 2.te Ausgabe. Bonn, 1856–60.

Leo Meyer] *vergleichende Grammatik der griechischen und lateinischen Sprache.* Berlin, 1861–65.

Neue] *lateinische Formenlehre.* Mitau, 1861–64.

Schleicher] *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*, 2.te Ausgabe. Weimar, 1866.

Schuchardt] *der Vokalismus des Vulgärlateins.* Leipzig, 1866–68.

Zeitschrift] *für vergleichende Sprachforschung auf dem Gebiete des Deutschen, Griechischen und Lateinischen herausgegeben von Aufrecht and Adalb. Kuhn.* Berlin, 1852 ff. [1]

[1] Do terceiro anno em deante Kuhn ficou sendo o redactor unico d'este jornal, que hoje está no seu XIX anno e que é uma das publicações mais importantes para a grammatica comparativa. Ao lado de artigos doutrinaes, ás vezes de certa extensão, encerra numerosos artigos de critica, escriptos sempre com aquella franqueza que caracterisa a critica allemã e de que se colhem tão bellos resultados. Infelizmente não pudemos alcançar ainda a collecção completa dos volumes d'este jornal, unicamente por falta de recursos pecuniarios, principal embaraço que encontramos em os nossos estudos. Á mesma causa é devido o não termos consultado outros trabalhos da sciencia allemã, cuja existencia todavia não ignoramos. As nossas bibliothecas mal nos offerecem um ou outro trabalho allemão de grammatica comparativa chegado cá por acaso. Na Bibliotheca Nacional de Lisboa, por exemplo, da *Grammatik* de Bopp, um livro que deve estar na estante de todo o homem que pensa e estuda, apenas existem os dois tomos publicados da traducção franceza.

2 — Monumentos e documentos da lingua portugueza

AApost. Actos dos Apostolos, na *Collecção de Ineditos dos seculos* XIV *e* XV, publicada por Fr. Fortunato de S. Boaventura, vol. I. Coimbra 1829.

Cath. Cathecismo, na mesma *Collecção*, vol. I.

CGuiné Chronica de Guiné por Gomes Eannes de Azurara, publicada pelo visconde da Carreira. Paris, 1841.

Claro Opusculos de Fr. João Claro, na *Collecção de Ineditos dos seculos* XIV *e* XV, vol. I.

CRes. Cancioneiro geral de Garcia de Resende, ed. Stuttgart.

CSCruz. Chronicas breves de Santa Cruz em *Portugalliæ monumenta historica. Scriptores* I.

DDin. Cancioneiro de D. Diniz, publicado por Caetano Lopes de Moura. Paris, 1847.

Eluc. Elucidario de palavras, etc. por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. Lisboa, 1798.

FCast. Foros de Castello Rodrigo, em *Portugal. mon. hist. Leges* I.

Fig. Memorias das rainhas de Portugal, por F. F. de la Figanière. vol. I. Lisboa, 1853.

GVic. Obras de Gil Vicente. Hamburgo, 1834.

HGer. Historia geral de Hespanha, publicada por A. Nunes de Carvalho (incompleta).

LCons. Leal conselheiro de D. Duarte, publicado por J. Ignacio Roquette. Paris, 1842.

Leges *Leges et consuetudines* I, em *Portugal. mon. hist.*

LLinh. Livros de Linhagens, na mesma collecção *Scriptores* I.

Lopes Chronica de D. Pedro I por Fernão Lopes na *Collecção de Ineditos de Historia portugueza*, publicada pela Academia das Sciencias, etc. vol. V Lisboa.

Reg. Regra de S. Bento, na *Collecção de Ineditos dos seculos* XIV *e* XV.

Rib. Dissertações chronologicas e criticas por J. Pedro Ribeiro. Lisboa 1810–36.

SMir. Obras de Sá de Miranda, ed. 1784.

TCant. Trovas e Cantares de um codice do XIV seculo, Madrid, 1849 (publicadas por F. A. Varnhagen).

O signal * indica que as formas que precede são determinadas pela inducção e não occorrem nos monumentos das linguas.

THEORIA DA CONJUGAÇÃO

EM

LATIM E PORTUGUEZ

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O VOCALISMO DO LATIM

Alguns dos phenomenos phonicos mencionados nas paginas seguintes ou não são demonstrados, e por consequencia o seu principio apresentado como simples postulado, ou são susceptiveis de mais completa demonstração. Isto vale sobretudo pelo que diz respeito ás modificações vocalicas. Em verdade o estudo das formas grammaticaes (morphologia) deve ser precedido do estudo dos sons (phonologia); mas n'um trabalho que se occupa só de uma parte do systema grammatical, como o nosso, a disposição que adoptamos, comquanto suscite discussões incidentes e repetições, é a unica possivel. Não podemos todavia deixar de apresentar previamente aos nossos leitores algumas noções sobre as modificações das vogaes em latim, que nos pouparão no seguimento a não poucas d'essas discussões e repetições.

De dous generos são as modificações das vogaes no latim, assim como nos outros idiomas aparentados. O primeiro tem causa dynamica, teleologica; serve para a expressão de relações ou de modificações de significação; os glotticos allemães chamam-lhe *gradação* (*steigerung*); mas nós, comquanto este termo nos pareça indicar bem a natureza das cousas, substituimol-o pelo de *reforçamento,* por este substantivo ter um adjectivo cognato (*reforçado*) a que não se dá como ao adjectivo cognato do primeiro um sentido intei-

ramente especial. O *reforçamento* ou gradação admitte dois graus: ao primeiro chamaram *guṇa-s* os grammaticos da India, que foram os primeiros a observarem este interessante phenomeno na sua lingua; ao segundo *vr'ddhi-s*.

Eis em que consiste esse phenomeno. Nos idiomas indogermanicos ha tres vogaes fundamentaes *a*, *i*, *u*, as unicas que possuia a lingua fonte, como se prova pela comparação d'esses idiomas; essas tres vogaes podem ser reforçadas por meio da primeira *a*, que se lhe junta adeante e produz d'este modo as combinações:

$$\underset{\bar{a}}{a + a,} \qquad a + i, \qquad a + u,$$

É assim que a raiz lat. *pac*, que em *pac-i-t* XII tab. Fest. p. 363 (Müller) conserva o seu *a* breve primitivo, apparece reforçada, i. e., com *a* longo, em *pāx pāc-is*, etc.; que a forma radical lat. *mis*, que em *mis-er* apresenta só o *i* breve primitivo, foi reforçada por meio da vogal *a* em *maes-tu-s maer-or* (*ae* por *ai*), etc.; que uma raiz lat. *ru* se vê sem modificação em *ru-d-ere* e reforçada por meio da mesma vogal *a* em *rau-cu-s*.

As combinações *ā*, *ai*, *au*, assim produzidas, são susceptiveis de outra modificação, i. e., de segundo grau de reforçamento, que, como o primeiro, resulta ainda da addição da vogal *a*; assim resultam as novas combinações:

$$a + \bar{a}, \qquad \underset{\bar{a}i}{a + ai,} \qquad \underset{\bar{a}u}{a + au}$$

Em virtude da decadencia phonica, das modificações vocalicas do segundo genero, o segundo grau de reforçamento em latim é muito difficil de distinguir, em geral, do primeiro; alguns casos ha, porém, em que é perfeitamente claro. De uma raiz *snu* vem por meio do primeiro reforçamento o skt. *snau-mi* eu escoo; essa raiz perde o *s* inicial e passa pelo segundo reforçamento em *nāu-s*, a que corresponde lat. *nāv-i-s*, resultante de *nāu-i-s* pela consonantisação ne-

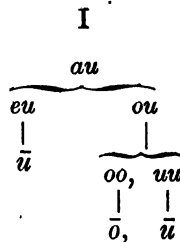
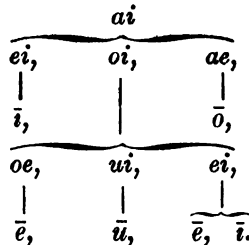
cessaria do *u* latino entre vogaes; em *nāv-i-s*, pois, como n'alguns outros raros casos, temos um exemplo claro do segundo reforçamento em latim, e muitos mais teriamos se esta lingua admittisse, como o sanskrito, vogal longa adeante de outra vogal. N'esta ultima lingua occorrem as combinações *āi*, *āu*.

O primeiro genero de modificações vocalicas pertence ao mais antigo periodo das linguas indogermanicas; a elle estão sujeitas não só as vogaes radicaes, mas ainda as dos outros elementos das palavras. V. Corssen *über Ausspr.* I, 348-627.

O segundo genero de modificações vocalicas tem uma causa mechanica, facilitar a pronuncia. O abrandamento das vogaes collocadas mais alto na escala phonica nas vogaes collocadas mais baixo; a syncope, a assimilhação, a contracção, a transformação de diphtongos em um só som, a abreviação de vogaes longas deante de certas finaes ou em ligação com outras vogaes, etc., são especies d'este genero; a elle pertence tambem o alongamento por compensação. Para o nosso proposito basta apresentar aqui a tabella da mudança e abrandamento das vogaes simples construida por Corssen *über Ausspr.* I [1], 299 (cf. *kritische Beitr.*, s. 546-554):

a em *o*, *u*, *e*, *i*,
o em *u*, *e*, *i*,
u em *e*, *i*,
e em *i*, *u*,
i em *u*,

e as seguintes construidas por nós sobre os dados do mesmo sabio, em que se acha representado o essencial das modificações dos diphtongos:

I

II

N'estas duas tabellas não se pretende significar que só o diphtongo *eu*, nascido de *au* é que se muda em *u*, o diphtongo *ou* nascido de *au* se muda em *ū*, etc. Ellas não mostram a genealogia dos diphtongos mas as suas transformações successivas ou dispares: *au* muda-se em *ou*; *ou*, quer nascido de *au* quer de outros sons, muda-se em *o*; o mesmo para os outros casos.

Os nossos leitores que não poderem consultar os trabalhos originaes allemães sobre a phonologia latina podem estudar com fructo a excellente *Grammaire comparée des langues classiques,* par F. Baudry, vol. I. Paris, 1868. Sem utilidade nenhuma é para dar um idea clara e exacta d'esta parte, assim como do seu objecto total, a *Grammaire générale indo-européenne,* par F. G. Eichhof. Paris, 1867.

ELEMENTOS DA FORMA VERBAL

O verbo exprime a acção e as relações do tempo, modo e pessoa; determinar n'uma lingua ou grupo de linguas quaes são os elementos phonicos que servem para exprimir cada uma d'essas relações, e quaes os que exprimem a acção é, pelo que diz respeito ao verbo, a questão de que a sciencia tem que dar a solução em cada lingua ou grupo de linguas. Para a resolver, um dos principaes dados a conhecer é qual a maneira porque esses elementos se combinam em cada um d'esses grupos de linguas, por outras palavras, como n'elles se forma a palavra. No preterito

das linguas semiticas o elemento que exprime a pessoa acha-se regularmente depois das outras partes que compõem as suas formas; no futuro, aquelle elemento precede tambem estes. Nas linguas indogermanicas, porém, a analyse não descobre senão uma forma de palavra e n'essa a raiz (o elemento de significação) precede sempre os elementos de relação. Pelo que diz respeito ao verbo, a ordem dos elementos é: thema temporal + desinencia pessoal; quando ha expressão da modalidade, o suffixo de modo colloca-se entre o thema temporal e a desinencia pessoal. A um thema temporal a que se juntou um suffixo de modo pode chamar-se thema modal. Reconhecida a desinencia pessoal, que em virtude da decadencia phonica pode faltar no periodo historico das linguas, fica o thema. Este ou é modal (munido d'um suffixo de modo), ou simplesmente temporal; determinado esse suffixo resta unicamente analysar como foi formado o thema temporal, isto é, como n'elle se acha expresso o tempo da acção. Assim no latim *no-sci-t,* o *t* final exprime a 3.ª singular; o elemento *sci* o presente (cf. o perfeito *nō-vi* em que esse elemento falta); *no,* a raiz, a acção de *conhecer.*

Os themas temporaes são simples ou compostos; simples são aquelles em que ha uma só raiz ou um thema verbal unico; taes são: *dici-*, thema do presente da raiz *dic,* formado com esta mais o suffixo verbal (temporal) *-i-; amā-*, thema do presente formado pela raiz *am* + mais suffixo *-ā-; nominā-,* thema do presente, formada pelo thema nominal *nomin* + suffixo *-ā-;* themas temporaes compostos são aquelles em que a um thema ou raiz verbal simples se junta o thema temporal d'um verbo auxiliar; taes são: *dic-si (dixi),* em que á raiz *dic* se juntou *si,* thema do perfeito da raiz latina *es; amā-vi* por **amā-fui,* em que ao thema verbal *amā-* se juntou *fui,* thema do perfeito da raiz latina *fu,* como abaixo será demonstrado.

VERBOS PRIMARIOS E VERBOS DERIVADOS

Chamamos verbos primarios ou primitivos os que os glotticos allemães chamam *stammverba* (Schleicher, etc.), ou *wurzelverba* (Leo Meyer, etc.): são esses verbos aquelles que em as suas formas, além das desinencias pessoaes e suffixos modaes, só offerecem a raiz e os elementos que servem para formar os themas temporaes: taes *dic-o*, *dic-si*; *vol-o*, *vol-ui*, etc. Os verbos d'esta classe em latim pertencem á terceira conjugação.

Verbos derivados são aquelles que fóra das formas do presente offerecem, além da raiz, elementos que primitivamente não serviam para a formação do thema do presente ou d'outros themas temporaes. Esses elementos de derivação conservam-se em todas as formas do verbo, ao contrario dos elementos formativos de thema temporal, que só apparecem nas formas dos tempos a que pertencem; assim emquanto o elemento formativo do presente *-i* em *dic-i-t*, etc. desapparece no perfeito *dic-si*, o elemento de derivação *-ā* em *amā-t* permanece tambem no perfeito e tempos que a este se referem: *amā-vi*, *amā-v-era-m*, etc.; cp. tambem *amā-tu-s*.

Em latim ha apenas uma classe de verbos derivados que é a dos verbos em primitivo *-a-ja*, suffixo de derivação que n'essa lingua se scinde em *-ā*, *-ē*, *-ī*. Essa classe comprehende os verbos da primeira, segunda e quarta conjugação. No corpo do nosso estudo tractaremos miudamente da formação dos verbos derivados em latim.

Não é raro encontrar verbos primitivos seguindo a forma dos derivados e vice-versa; assim *habe-t* por * *habi-t* é um verbo primitivo com forma de derivado; *volvi-t* é um verbo derivado com forma de primitivo, pois n'elle se descobre o suffixo *-vo*, *-va*, formativo de themas nominaes e não de themas temporaes.

Não é raro encontrar misturadas formas de verbos derivados com formas de verbos primitivos; por exemplo,

sonā-t tem ao lado *son-ui* e não * *sonā-vi*, *mone-t* *mon-ui* e não * *monē-vi*, etc (cf. infra).

No periodo de decadencia das linguas os elementos formativos do thema do presente fundem-se algumas vezes tão intimamente com a raiz que apparecem tambem fóra das formas do presente; assim *ju-n-go*, raiz *jug* (cp. *jug-u-m*, *con-jug-* etc.), em que *n*, sendo parte do suffixo do presente, foi arrastado por metathese para o interior da raiz, tem ao lado *ju-n-c-si* por * *juc-si*, *ju-n-c-tu-s* por * *juc-tu-s*. Um facto d'estes não dá de modo algum a um verbo o caracter de derivado.

RELAÇÃO DA CONJUGAÇÃO LATINA COM A INDOGERMANICA EM GERAL

A comparação dos mais antigos idiomas indogermanicos prova que na conjugação da lingua fonte se distinguiam tres pessoas em tres numeros, singular, dual, plural; que havia duas vozes, activa e media, sendo a ultima expressa pela repetição da desinencia pessoal (p. ex. * *vagh-a-ta-ti* vehitur); dous modos propriamente dictos, o optativo e o conjunctivo, além do indicativo e imperativo; quatro tempos de thema simples, o presente, o perfeito, o aoristo simples e o imperfeito com augmento; dous tempos de thema composto, o futuro e o aoristo composto (Schleicher § 268).

O verbo latino distingue tambem tres pessoas, mas só dous numeros, singular e plural, tendo abandonado a distincção do dual e plural; possue formas do medio-passivo, não produzidas pela repetição da desinencia pessoal, mas baseadas sobre outro principio de formação (v. infra); funde o optativo e o conjunctivo n'um só modo e emprega primitivas formas optativas e conjunctivas para exprimir o futuro nos verbos da terceira e da quarta conjugação; dos tempos primitivos de thema simples apenas conserva o presente, que offerece exemplos de quasi todas as formas que devia ter na lingua fonte, e o perfeito, tendo pois perdido o aoristo simples e o imperfeito com augmento; dos

primitivos tempos compostos nenhum conservou. Em compensação d'essas perdas apresenta o latim algumas formações novas, sempre baseadas sobre o typo de formação grammatical indogermanica; são ellas: o imperfeito simples da raiz *es* e da raiz *fu*; e os tempos compostos: imperfeito em *-b-a-*, perfeito em *-si,-ui,-vi,* mais que perfeito indicativo, futuro, futuro exacto, optativo perfeito, optativo mais que perfeito, optativo imperfeito.

RELAÇÃO DA CONJUGAÇÃO PORTUGUEZA COM A LATINA EM GERAL

A conjugação portugueza distingue como a latina tres pessoas em dous numeros; abandonou inteiramente as desinencias medio-passivas; conserva o modo optativo-conjunctivo; dos tempos do verbo latino apenas perdeu o futuro e o optativo imperfeito e perfeito; o futuro exacto conserva-o, mas aproveitado como optativo perfeito. Formações novas apenas ha na conjugação portugueza a d'um futuro por composição impropria ou periphrasistica e a d'um chamado falsamente modo condicional, que não é mais que um imperfeito formado tambem por composição impropria [1].

[1] Chamam-se palavras formadas por composição propria aquellas cujo thema (thema é a base da palavra, o que fica tirado o suffixo de caso em os nomes, e a desinencia pessoal e o suffixo de modo em os verbos) é constituido pela ligação de dous themas: *longi-manus* é uma palavra formada por composição propria, pois o seu thema *longi-manu-* resulta da ligação dos dous *longi-* por *longo-* (*longu-s*) e *manu-*. Chamam-se palavras formadas por composição impropria ou falsos compostos aquellas em cujo thema ha, não a ligação de dous themas, mas sim a d'uma palavra e d'um thema; assim *con-dic-io(n)* é uma palavra formada por falsa composição pois o seu primeiro elemento *con-* (por *cum*) é, não um thema, mas uma palavra completa que se emprega tambem independentemente. Em virtude da alteração phonica pode a primeira palavra fundir-se intimamente com a segunda; assim *pos-su-m* resulta da união de *pote* por *poti-s* com *su-m*; *nullus* de *ne ullus*, etc.

DA ORDEM QUE SEGUIMOS

Schleicher na exposição das formas da conjugação adopta o principio logico de «tractar primeiro o que é geral, commum a todas as formas verbaes, e depois o que é especial, limitado a certas formas.» Não tendo descoberto principio melhor para a disposição do estoffo do nosso estudo, entendemos que só tinhamos n'esta parte que seguir o mestre. Assim primeiro tractamos das desinencias pessoaes, depois dos suffixos de modo e em terceiro logar da formação dos themas temporaes. Para complemento consideraremos por fim as formas nominaes que se ligam immediatamente ao verbo (infinito, gerundio, participios, supino).

I

DESINENCIAS PESSOAES DA VOZ ACTIVA

PRIMEIRA PESSOA SINGULAR

A desinencia da primeira pessoa do singular, isto é, aquelle elemento phonico do verbo cuja funcção é identica á do pronome pessoal *eu*, é em latim *-m*, do thema pronominal indogerm. *ma*; cp. *mi-hi*, *mē*, etc., e a desinencia correspondente em sanskrito (*-mi*, *-m*), grego (-μι, -ν), etc. Essa desinencia conserva-se nas formas:

1) do imperfeito da raiz italica *fu* = indogerm. *bhu*, o qual em latim soa *-b-a-m* (por * *fu-a-m*) e occorre só em composição com themas verbaes (*am-ā-b-a-m*, *dic-ē-b-a-m*, etc.);

2) do imperfeito da raiz lat. *es* = indogerm. *as* (ser; cp. skt. *as-mi* sou) *er-a-m* por * *es-a-m* [1];

[1] A mudança de *s* em *r* entre vogaes é um phenomeno perfeitamente regular em latim, em que elle tem numerosos exemplos, dos quaes são bem conhecidos alguns como *corporis* por * *corposis*, cp. nom. *corpus*; *juris* por * *jusis*, cp. nom. *jus*; *aeris* por * *aesis*, cp. nom. *aes*, etc. V. Corssen *über Ausspr.* I, 229 sqq.

3) do optativo e do conjunctivo como *s-ie-m, indu-i-m, dic-a-m, veh-a-m, leg-a-m*;

4) do presente indicativo da raiz *qua* (dizer; primitivo *ka*), *in-qua-m* e da raiz *es*, *s-u-m* (por * *es-u-m*), em que a desinencia thematica é a vogal da raiz na primeira e a vogal ligativa *u* na segunda.

Em todas as outras formas da primeira pessoa do presente, assim como nas do perfeito, deixou de ser pronunciada e escripta essa desinencia: *fer-o* de * *fer-o-m*, *dic-o* de * *dic-o-m*; *dic-ī* por [*de*]-*dic-ei-m*, *te-tig-ī* por * *te-tig-ei-m*, etc.

Segundo Verrio Flacco era frequente em Catão e n'outros escriptores ante-classicos o abandono d'essa desinencia nas formas da primeira pessoa do presente conjunctivo, do que nos foram conservados os seguintes exemplos:

attinge Fest. p. 26 (ed. Müller)	por	*attingam*
dice id. p. 72		*dicam*
ostende id. p. 201		*ostendam*
recipie id. p. 286		*recipiam*

(Corssen *überAusspr.* I, 267). No antigo latim era tambem o *m* final das formas do accusativo singular frequentes vezes apocopado, e no latim vulgar do seculo III em deante nunca pronunciado (Corssen ob. cit. 267-276). Tambem no latim vulgar da decadencia a desinencia da primeira pessoa singular era frequentemente apocopada nas formas em que ella ainda nos apparece no latim da epocha ante-classica e classica; isso provam formas como

su Orell. Henz., 7411 / *so* Orell. 4810, 4811	por *sum*
carpere Monb. d. Ak. d. Wissensch. z. Berl. 1861, s. 768,	*carpere-m*

(Corssen ob. cit., 275).

Em portuguez é completa a destruição da desinencia da primeira pessoa singular; assim as formas do imperfeito em *-b-a-m* soam *-v-a* (*am-a-v-a* = lat. *am-a-b-a-m*) ou

simplesmente -*a* (*diz-i-a* = lat. *dic-ē-b-a-m*); a primeira pessoa singular do imperfeito da raiz *es* é em portuguez *er-a*; as formas do conjunctivo não apresentam tambem nenhum vestigio da desinencia (*am-e*, *dig-a*, etc.); a forma *in-qua-m* não tem representante em a nossa lingua e a forma *s-u-m* pronuncia-se e escreve-se *sou* (*sô*), forma que assenta sobre a adduzida *so* do latim vulgar, e em que o *o* final foi tractado como o de *sto*, *do*, que se pronunciam e escrevem *estou*, *dou*. No antigo portuguez occorrem todavia algumas formas nasalisadas da primeira pessoa singular do presente indicativo da raiz *es*, que em parte se ouvem ainda ás vezes na bocca do povo, e em que ha o unico vestigio da desinencia da primeira pessoa do singular que offerece a nossa lingua; são ellas:

sõo DDin. 44,
soon TCant. 51,
som CGuin. c. 42, HGer. c. 143. 124, LLinh. 151, etc.,
sam CRes. I, 70. 179. 237., GVic. I, 338. 68. 107. 133.,
san id. I, 135.

A forma *sou* apparece já n'um documento da era 1303 = anno 1265 em Rib. I, 292.

No seculo XVI os nossos primeiros grammaticos não sabiam bem por qual d'algumas d'essas formas deviam optar: «Nos generos dos verbos, diz Fernão d'Oliveira Grammatica da linguagem portuguesa (1536), c. 47, não temos mais q̃ hũa so voz acabada. em .o. peq̃no: como ensino. amo. & ando: a qual serue como digo em todos os verbos tirando algũs poucos como são estes .sei. de saber. & vou. & dou. & estou. & mais o verbo sustãtivo o q̃l hũs pronũciã em .om. como som. & outros em ou. como sou. & outros em ão como são. & tãbẽ outros q̃ eu mais fauoreço em .o. peq̃no como .so. no pareçer da premeira pronũciação cõ .o. & .m. q̃ diz som. he o o mui nobre johã de Barros a rezaõ q̃ da por si e esta: q̃ de som. mais perto vẽ a formaçã do seu plural o qual diz .somos. com tudo sendo eu moço peq̃no fui criado em são domingos Deuora onde fazião zõba-

ria de mỹ os da terra porq̃ eu assi pronũciava segũdo q̃ aprendera na beira ». A passagem do nosso grammatico testemunha ao mesmo tempo pela tendencia nas formas que adduz a tornarem-se dialectaes.

Diez *über die erste portugiesische Kunst-und Hofpoesie* tractando das formas verbaes dos primeiros cancioneiros diz p. 116: « Pres. ind. sg. 1. *soon* (bisyllaba), tambem empregada nos monumentos juridicos. Uma forma posterior é *sõo* (unisyllaba), a esta segue-se a actual *sou* ». Mas isto não é inteiramente exacto, pois a forma *sou* occorre já, como mostrámos, n'um documento de 1265. Diez continua loc. cit.: « A accentuação da mais antiga forma é *sóon*; não occorre em rima, porque nenhuma palavra, como parece, tinha uma similhante terminação: se se tivesse pronunciado *soón*, ter-se-hia ella certamente achado n'esse logar. A sua nasalidade justifica-se etymologicamente e tambem existe em *com* (lat. *cum*), mas d'onde provém o *o* duplicado? Querer-se-hia por esse modo distinguir melhor a palavra da 3. plur. *son*? » A razão da bisyllabilidade da forma *soon* que o illustre sabio não determinou é todavia bem clara. Em *soon* temos em primeiro logar um modo errado de escrever; o modo exacto é *sõo* que se encontra em DDin.; n'aquelle primeiro modo de escrever a nasalisação acha-se indicada na ultima vogal quando o devia ser na que a precede. Isto é usualissimo na orthographia da edade media; assim *irmaons* por *irmãos*, *baroens* por *barões* nos AApost., etc., e ainda na orthographia de alguns escriptores do seculo XVI, por exemplo em Barros Gramm. port., *caẽs*, *paẽs* por *cães*, *pães*, etc. O modo de escrever, pois, verdadeiramente conformado á pronuncia é *sõo*, forma em que não vemos mais que *sõ*, etymologicamente bem clara, com a addição de um *o* por analogia das formas normaes da 1.ª singular do presente indicativo, e isto tanto mais facilmente quanto a lingua favorece a paragoge do *o* depois de vogal nasalisada; cp. *sermão* que provém da ant. forma *sermon sermõ* por meio da intermedia *serman sermã* que, como as

similhantes se encontram a cada passo nos escriptos portuguezes do seculo XV [1]. A forma *sõo* assenta sobre uma *sono* hypothetica para o portuguez, mas que é em italiano a forma primeira singular do presente do indicativo da raiz *es*, e é formada n'essa lingua pelo mesmo principio de analogia.

PRIMEIRA PESSOA PLURAL

A desinencia da primeira pessoa plural em latim é *-mus*, que apparece em todos os tempos (*am-a-mus*, *am-a-b-a-mus*, *am-ā-v-i-mus*, etc.). A forma indogerm. d'essa desinencia deve ter sido *-masi* (primaria) ou *-mas* (secundaria) como mostram o vedico *-masi* e o sanskrito *-mas*, além dos principios phonicos do latim em que *-u* nasce de indogerm. *a* ou *u*. Em *masi* vê a grammatica comparativa a união do pronome da primeira pessoa *-ma* (eu) com o da segunda *-si* = *-sa* (tu), vindo assim *mus* a significar «eu + tu», que depois adquiriu a significação mais larga de «nós», que abrange um numero indeterminado de individuos.

Em portuguez conserva-se essa desinencia; a sua vogal tem o som tenuissimo do *o* mudo, isto é, um som indefinido entre *o* e *u*, e escreve-se por isso *-mos* (*am-a-mos* = *am-a-mus*, *am-a-v-a-mos* = *am-a-b-a-mus*, *am-á-mos* = *am-a-[vi]-mus*, etc.). Modos de escrever como *outorgamus*, *vendemus* n'um documento da era 1298, Rib. I, 278, são frequentes nos mais antigos documentos portuguezes. Cp. nos mesmos *todus aqueles*, *todus seus direitus* (plur.) ob. cit., p. 278, *nossus filius* (plur.) id., p. 277, etc.

SEGUNDA PESSOA SINGULAR

No latim a desinencia da segunda pessoa singular tem tres formas:

[1] É mister observar todavia que depois de *o* nasalisado cae em todas as outras formas *o* final; assim *som* de **sõo* = *sono*, *tom* de **tõo* = *tono*.

1) -*tī* do thema pronominal indogerm. -*ta* por -*tva*, que se encontra no latim *tu*, *ti-bi*, *tē*, etc. Esta forma da desinencia só apparece no perfeito *de-di-s-tī*, *fec-i-s-tī*; no antigo latim occorre -*tei* = -tī:

ges-i-s-tei Corpus Inscriptionum latinarum I, 33
re-sti-ti-s-tei id. 1006.

Schleicher s. 673 olha essas formas em -*tei*, -*ti* como formadas por analogia da desinencia em -*i* longo da primeira pessoa singular; mas Corssen *über Ausspr.* I, 595, vê n'ellas um verdadeiro reforçamento vocalico, sendo assim -*tī* de -*tei* = -*tai* = - indogerm. -*ti* (reforçado com a vogal *a*), forma parella de -*ta*;

2) -*s* = indogerm. forma secundaria -*s* de -*si* (cp. as formas da terceira pessoa singular).

Essa forma -*si* olha-a Schleicher s. 670, como resultante de -*ti* por assibilação talvez occasionada por a tendencia para se distinguir o pronome da segunda pessoa do da terceira, -*ti* de -*ta*. A desinencia -*s* occorre em latim em todos os tempos, excepto o perfeito: *am-a-s*, *am-a-b-as*, *am-e-s*, etc.

Em portuguez essas duas formas permanecem e apparecem nos mesmos casos que em latim; -*ti* muda-se porém em -*te* pela tendencia da nossa lingua para mudar o *i* final em *e*: *de-s-te*, *am-a-[vi]-s-te*, *soub-e-s-te* (*sap-u-i-s-ti*). No antigo portuguez occorrem ainda modos d'escrever como

escolis-ti AApost. 1,24,
induxes-ti Reg., c. 7,
provas-ti id., id.,
fezis-ti id., id.,
entendis-ti id., id.,
enposes-ti id., id.,
deitas-ti id., c. 2, *vis-ti* id., id.;

3) -*tō*, desinencia emphatica do imperativo, que provém da forma -*tō-d*, que se encontra no antigo latim, mas como desinencia da terceira pessoa (*estod* em Fest. s. v. *plora-*

re), e que corresponde á vedica *-tā-t* (cp. a terceira singular e a segunda plural).

Em latim as formas não emphaticas da segunda pessoa singular do imperativo não offerecem desinencia pessoal; por exemplo, *amā, lege, dice, vestī,* etc. Evidentemente n'essas formas perdeu-se uma primitiva desinencia pessoal, talvez a mesma que encontramos na skt. *-dhi* (em *ad-dhi* come tu, etc.).

Em portuguez apenas occorrem essas formas imperativas sem desinencia pessoal; por exemplo: *ama, lê* (por *lee*), *dize, veste,* etc.

Das formas emphaticas não ha vestigio algum.

SEGUNDA PESSOA PLURAL

A desinencia da segunda pessoa plural em latim é *-tis* de **tisi* = indogerm. *-tasi*; cp. skt. dual *-thas* e a analogia da primeira e da terceira pessoa plural; assim em *-ta-si, -ti-si* ha união das duas formas do pronome da segunda pessoa singular, significando essa desinencia «tu e tu». A desinencia *-tis* apparece em latim em todos os tempos: *fer-tis, dā-tis, da-b-a-tis, de-di-s-tis, dē-tis,* etc.; mas no imperativo perde o *s* e muda o *i*, tornado final, em *e* (*-te* : *-tis* :: *pote* : *potis*, etc.). Ao lado d'esta forma *-te* da desinencia da segunda pessoa do imperativo occorre em latim uma emphatica *-tō-te* que corresponde á vedica *-tā-t*; n'ella se vê repetida a forma *ta* do thema pronominal *tva*.

Em portuguez o *t* da desinencia da segunda pessoa plural só permanece inalterado no perfeito, em que o *s* o precede e protege; assim *les-tes* = lat. *legis-tis*, *amas-tis* = *ama-[vi]-s-tis*; fóra do perfeito o *t* da desinencia, achando-se entre a vogal d'esta, que tambem foi mudada em *e* na forma *-tis*, e a vogal final do thema, abrandou em *d* [1], assim de *dic-ĭ-tis* vem ant. port. *diz-é-des*, de *am-ā-tis*

[1] Cp. *meda* = lat. *meta*, *vedar* = lat. *vetare*, *maduro* = lat. *maturus*, *greda* = lat. *creta*, *cedo* = lat *citus*.

ant. port. *am - á - des*, de *dic - ĭ - te* ant. port. *diz - é - de*, de *am - ā - te* ant. port. *am - á - de*, etc. Esta relação phonica das formas da desinencia da segunda pessoa plural das duas linguas permanece inalterada até ao seculo XV, em que esse *d* = lat. *t* foi syncopado em quasi todas as formas como se fosse um lat. *d* [1]. Examinemos miudamente a historia d'este phenomeno.

Em todos os documentos e monumentos litterarios portuguezes anteriores ao reinado de D. João I a desinencia da segunda pessoa plural, fóra do perfeito é invariavelmente *- des*, no imperativo *- de*.

Dos primeiros cancioneiros são os seguintes exemplos:

cuydades DDin., p. 6,
matades id., 5. 6,
desemparades id., 19,
dades id., id.,
leyxades TCant., n. 26,
perdedes DDin., 1. 19. 112. 126.
podedes id., 3. 7. 126,
queredes id., 18,
fazedes id., 20. 25. 26. 45,
devedes id., 18, 51,
doedes id., 77,
metedes id., id.,
corregedes id., id.,
tragedes id., id.,
entendedes TCant., 37,
tenedes id., 54,
creedes id., id.,
valedes id., id.,
facedes id., 136,
tornedes id., 164,
parecedes id., id.,
erades DDin., 24,
sentiredes id., 1,
saberedes id., 10,
faredes id., 35,
seeredes id., 77,
poderedes id., 89,
fariades id., 62,
diredes TCant., 30,
averedes id., 37,
fazede DDin., 9,
querede id., 52,
oyde id., 28,
punhade id., 41,
selade id., 145,
dizede id., 155,
metede TCant., 2,
avede id., 24,
puñad(e) id., 27,
soffrede id., 35,

[1] Lat. *d* é syncopado regularmente entre vogaes em portuguez; exemplos: *sé* por ant. *see* = lat. *sedes*, *vou* = lat. *vado*, *ver* = lat. *videre*, *comer* = lat. *comedere*, *fiel* = lat. *fidelis*, *juiz* = lat. *judex*.

entendede id., 37,
pensedes DDin., 78,
dedes id., id.,
queixedes TCant., 164,
possades DDin., 26,
queirades id., 6,
vejades id., 17,
façades id., 129,
vallades TCant., 54,
digades id., id.
morassedes DDin., 84,
matassedes TCant., 126,
soubessedes DDin., 32,
fizessedes id., 51,
vivessedes id., 85,
ouvessedes TCant., 126.

Renunciamos a dar aqui uma lista das numerosas formas não syncopadas que occorrem em documentos anteriores ao reinado de D. João I e que não tem ao lado ainda formas syncopadas; nas Cortes de D. Fernando da era 1401 = anno 1363, por exemplo, só encontramos formas como

sodes art. 18,
tolhedes art. 12,
façades art. 12,
pediades art. 101,

e n'uma carta do mesmo rei datada de 1 de maio da era 1410 = anno 1372

disedes
diziades
pediades [1].

Mesmo em nenhum de numerosos documentos do reinado de D. João I, anteriores ao anno 1410, os quaes percorremos, achámos forma alguma da desinencia da segunda pessoa plural com o *d* syncopado, emquanto que n'elles colhemos grande numero de formas não syncopadas; taes são:

guardedes Carta de D. João I, era 1423,
façades id.,
ajades Cortes de Coimbra da era 1423,
dedes id.,
prometeredes id.,
guardaredes id.,
prometades id.,
alcedes id.,
tomedes id.,
façades id.,
colhades id.,
ponhades id.,
fezessedes id.,
mandedes id.,

[1] Todos os documentos de que adduzimos formas sem citarmos collecção em que se achem foram consultados em mss. e estão pela maior parte ineditos.

perdoades id.,
escusedes id.,
revoguedes id.,
reprendades id.,
mandades id.,
mandedes id.,
fazedes id.,
leixades Cortes de Coimbra da era 1428, capitulos especiaes do Porto,
leixedes id., id.,
tinhades id., id.,
soiades id., id.,
podesedes id., id.,
possades id., id.,
tomades id., artigo especial,
constrangedes id., id.,
dades id., id.,
constrangades id., id.,
mandedes id., íd.,
entremetades Cortes de Evora da era 1429, capitulo especial de Ponte de Lima,
sabede id., id.,
façades id., id.,
queredes id., id.,
costrangedes id., id.,
mandedes id., id.,
rreçebades id., id.,
rreçebedes id., id.,
cometades id., artigo especial do Porto,
escolhades id., id.,
façades id., id.,
mandedes Cortes de Coimbra da era 1432,
dedes id.,
mudedes id.,
sabedes id.,
façades id.,
mandedes Cortes de Coimbra 2 de janeiro, era 1433,
ponhades id.,
sabedes id.,
vejades Cortes do Porto da era 1436, artigo especial de Silves,
conprades id.,
façades id.,
dedes Carta de D. João I, 1 de janeiro, era 1438,
constrangades id.,
acostumades id.,
sodes Carta de D. João I, 22 de março, era 1439,
dizedes id.,
saibades id.,
façades id.,
dessedes id.,
consentades id.,
sabede Carta de D. João I, 26 de setembro, era 1444,
pediades id.,
vaades id.,
erades id.,
façades id.,

ponhades id.,
sabede Cortes d'Evora, erà 1446, artigos especiaes de Santarem,
conprades id.,
aguardedes id.,
façades id.,
vaades id.,

consintades id.,
diziades Carta de D. João I, 18 de novembro, era 1447,
recebiades id.,
dizedes id.,
enviades id.,
ajades id.

N'um documento da era 1448 = anno 1410 (Capitulos geraes propostos pela camara de Santarem nas cortes de Lisboa d'esse anno, Archivo Nacional, maço 1.º do Supplemento de Cortes, n.º 27) occorre o forma syncopada mais antiga que as nossas investigações descobriram: *guardés* (escripta *guard˜s*) ao lado de *façades*
vades
concentades

A partir d'essa epocha apparecem formas syncopadas ao lado de não syncopadas; mas as primeiras adquirem de cada vez maior predominio, de modo que do fim do seculo XV em deante apenas apparecem algumas raras formas não syncopadas que em parte ainda hoje se conservam.

Assim no Leal conselheiro encontramos:

louvees c. 12,
fazees c. 14,
dizees id.,
queiraees c. 16,
olharees c. 24,
temperaae id.,
desejees id.,
façaaes id.,
ponhaaes id.,
devaaes id.,
requerees id.,
ordenaae id.,
compraaes (cumpr.) id.,

ao lado de

notade c. 7,
consiirade id.,
preegade id.,
convertede c. 41,
arredade id.,
obrades id.,
cessade id.,
aprendede id.,
buscade id.,
defendede id.,
sejades c. 88,
opremedes id.,
achades id.,

fazees id., ao lado de *possades* id.,
avisaae id., *parade* id.,
devees id., etc.
vyverees id.,
acharees id.,
tornaraees id.,
tenhaaes id.,
ponhaaes id.,
sentiis c. 25,
dizees c. 41,
podees id.,
contees c. 47,
outorguees id.,
perguntaae c. 60,
entenderees c. 88,
leaaes c. 93,
tenhaaes id.,
passaaes id.,
embarguees id.,
sabee id.,
pensaae id.,
lessees id.,
saibaaes id.,
queiraaes id.,
paraae c. 101,
estaaes id.,
contaaes id.,
saberees id.,
sooes (= mod. sois) id.,
etc.

Nos Opusculos de Fr. João Claro (1450-1520) occorrem, entre outras, as seguintes formas:

sooes p. 191, p. 231, ao lado de *sodes* p. 234,
avees p. 232, *credes* p. 215,
manifestaaes id., *dizede* id.
daaes id.,

condescendees id.,
acabees id.,
levees id.,
amerceae p. 233,
desprezees id.,
salvaae p. 235,
ajudaae id.

Lopes emprega tambem formas syncopadas e formas não syncopadas:

avees c. 1,	ao lado de	*erades* c. 3,
ouvirees id.,		*foçedes* id.,
creaaes c. 2,		etc.
sabee c. 3,		
farees id.,		
deseiaades id.,		
verees c. 28,		
seiaaes id.,		
etc.		

O mesmo se dá nos outros escriptores da mesma epocha, predominando n'elles as formas syncopadas.

Em Gil Vicente encontramos ainda formas com o *d*, mas a suá existencia aqui resulta sem duvida da imitação do fallar popular; exemplos são:

sodes I, 132, por *sondes* com a vogal do thema nasalisada,	*sabedes* id.,
	olhade id., 180,
	amanhade id., 258,
dizede id., 240,	*ajudade* id., 259,
corregede id., 258,	*deixedes* id., id.

Em os escriptores chamados classicos faltam inteiramente essas formas, postas de parte as que ainda hoje se conservam.

Na Grammatica da lingua portugueza de João de Barros publicada em 1540 as formas dadas das segundas pessoas do plural são as seguintes:

ind. pres.	*amáyes,*	*ledes,*	*ouuis,*	*soes,*
imp.	*amáueys,*	*lieys,*	*ouuieyes,*	*éreyes,*
perf.	*amastes,*	*lestes,*	*ouuistes,*	*fostes,*

p. q. perf.	*amáreyes,*	*lèreyes,*	*ouuireyes,*	*foreyes,*
fut.	*amareyes,*	*lereyes,*	*ouuireyes,*	*sereyes,*
imp.	*amáy,*	*lede,*	*oui,*	*sede,*
conj. pres.	*ameyes,*	*ouçáyes,*	*leáyes,*	*seiayes,*
imp.	*amasseyes,*	*ouuisseyes,*	*lesseyes,*	*fosseyes,*
fut.	*amardes,*	*lerdes,*	*ouuirdes,*	*fordes.*

Essas formas só differem das actuaes correspondentes na orthographia. As que apresentam o *d* = *t* da desinencia latina *-tis* conservam-se ainda com outras em que não se dá a syncope em questão. Essas formas são 1) as formas em que em virtude da queda da vogal final do thema ou da contracção a desinencia pessoal se achou em contacto com uma consoante ou vogal nasalisada; isto dá-se em *pon-des* = lat. *ponĭ-tis*, *pon-de* = lat. *ponĭ-te*, *ten-des* de **tẽ̄edes* = lat. *tenē-tis*, *ten-de* = lat. *tenē-te*, *vin-des* de **vĩ̄i-des* = lat. *venī-tis*, *vin-de* = lat. *venī-te* e em o futuro do conjunctivo e infinito pessoal: *amar-des* de *amarĭtis* por *amaveritis*, ou de *amar* (= lat. *amāre*) + *des*; 2) n'algumas formas do presente e imperativo cujo thema é uma simples raiz vocalica ou em que pela syncope da consoante e contracção de vogaes o thema se acha reduzido á consoante ou ligação de consoantes inicial da raiz e á sua desinencia; isto dá-se em:

cre-des = lat.	*credi-tis,*	*cre-de* = lat.	*cre-dite,*
le-des	*legi-tis,*	*le-de*	*legi-te,*
vê-des	*vidē-tis,*	*vê-de*	*vidē-te,*
ri-des	*ridē-tis,*	*ri-de*	*ridē-te,*
i-des	*ī-tis,*	*i-de*	*ī-te,*
		se-de	*sedē-te,*

A conservação do *d* da desinencia pessoal no primeiro caso resulta d'elle se achar protegido contra a syncope pela consoante *r* ou pela vogal nasalisada: os grupos *r* + *d*, vogal + *n* + *d* são em portuguez assaz fixos. No segundo caso é evidente que a permanencia do *d* é devida a acharem-se já reduzidas a um pequeno corpo as formas em que se dá, e á tendencia para evitar a confusão das formas. Ao lado

do principio destruidor ha na linguagem tambem um principio conservador; ao lado dos phenomenos mechanicos, que levam em muitos casos á confusão, ha n'ella phenomenos racionaes que produzem a distincção. Estas ideas são elementares para quem estuda as linguas sob o ponto de vista scientifico. A permanencia do *d* nas formas do segundo caso, não se baseando sobre um principio de caracter tão inviolavel como as leis puramente phonicas, não tem nada de necessaria; uma forma como *hy* CRes. I, 46 por *ide* o comprova.

A vogal *e* da desinencia da segunda pessoa plural *-des*, *-de* do ant. portuguez achando-se, pela queda da consoante *d*, em contacto com a vogal final do thema, comporta-se da seguinte forma no portuguez moderno: se a vogal do thema é *a* accentuado, o *e* não se modifica: *amá-es*, *amá-e*; se essa vogal é *a* não accentuado o *e* funde-se com ella no diphtongo *ei*: *amáve-is*, *dízie-is*, *sentie-is* por **amáva-es*, **dizía-es*, **sentía-es*; se aquella vogal é *e*, o *e* da desinencia pessoal muda-se em *i*: *dize-is*, *have-is*; se a vogal final do thema é *i* o *e* da desinencia pessoal fica absorvido por ella: *sentí-s*, *vestí-s*. Phenomenos semelhantes se dão em a nossa lingua tambem fóra da conjugação.

As formas syncopadas do seculo XV e começo do seculo XVI não provam que o portuguez moderno se conforme n'esta parte exactamente com o portuguez antigo. Nas formas como *louvees*, *fazees*, *desejees*, *sabee*, etc., a constancia da orthographia parece indicar que a dissimillação dos dous *ee* não se tinha ainda operado, isto é, que se ouvia não o diphtongo *ei*, mas um duplo *e*. Nas formas como *avisaae*, *passaaes*, *pensaae* o *a* geminado indica simplesmente o logar do accento, segundo o uso da antiga orthographia; essas formas na pronuncia não differiam pois das modernas. Uma differença mais notavel nos offerecem as formas como *aues* CRes. I, 9, *dyzes* id., 21. 51, *metes* id., 49, *morres* id., id., cuja accentuação era *aués*, *dyzés*, etc., por *haveis*, etc. N'essas formas, que correspondem ás do

gallego moderno *falés*, *amés*, *batés*, *fendés*, *acendés*, *baterés*, etc., observa-se absorpção do *e* da desinencia pessoal no *e* final do thema.

As formas emphaticas em *-tō-te* do imperativo faltam inteiramente no portuguez.

TERCEIRA PESSOA SINGULAR

A desinencia da terceira pessoa singular é em latim *-t* = indogerm. *-t* (forma secundaria) de *-ti* (forma primaria abrandada de *-ta*); cp. *-m* de *-mi*, *-s* de *-si*. Esse *ta* é um pronome demonstrativo, que em latim só occorre em composição em *is-te*, *is-ta*, *is-tu-d* (do thema *is-to-*), mas que apparece independente em sansk. *ta-t* neutro, grego το- (τό-ν etc.) gotico *tha-* (*tha-ta* neutro), etc. No imperativo, *-to* provém de antigo **-tō-d* = osco *-tū-d*, grego τω (-τ), vedico *-tāt* (assim *veh-i-t* = sansk. *váh-a-tā-t*), forma que Schleicher ob. cit. p. 677, olha como um signal pessoal alargado vocativamente, e que pode suppor-se existisse já no indogerm., em que devia soar *-tā-tu*, significando assim elle, elle. Exemplos da desinencia da terceira pessoa singular: *veh-i-t*, *fer-t*, *veh-e-b-a-t*, *fer-e-b-a-t*, *fer-to*, etc. Essa desinencia apparece abrandada em *d* n'uma antiquissima inscripção:

fecid, Corpus Inscrip. Lat. I, 54 junto de *dedit*.

Nas inscripções do tempo da republica e de Augusto não occorrem exemplos d'esse abrandamento que reapparece nas do tempo dos imperadores

reliquid Orel. H. 6669,
struxidque Or. 132,
fecid Inscriptiones Christ. urbis Romae de Rossi 384 (390 er. christã),
cesquid id. 452 (397 e. c.),
exead Inscrip. Regni Napolitani ed. Mommsen 2779
sid id. 3368
(Corssen *über Aussprache* I, 195).

Mais importante é a apocope da desinencia que se observa em diversos periodos da lingua latina. Eis o que Corssen ob. cit. I, 185 f. nos diz a este respeito:

« As mais antigas inscripções latinas até ao tempo da segunda guerra punica apenas apresentam uma forma da terceira pessoa singular, que exprima o *t* por meio da escripta, a saber:

dede C. I. L. I, 62 b (Lanuvium). ut supra 169 (Pisaurum). ut supra 180 (Pisaurum),

e em verdade no remate de formas consecratorias, nunca n'uma inscripção da cidade Roma ou n'um documento do estado. Mas muito antigas inscripções conservam o *t* d'essa forma verbal; assim:

dedet, t. Scip. Barb. f. C. I. L. I, 32. u. s. 63. 64.
dedit, u. s. 54.

e egualmente nas seguintes formas verbaes:

fuit, t. Scip. Barb. u. s. 29.
cepit, u. s.
subigit, u. s.
abdoucit, u. s.
fuet, t. Scip. Barb. f. u. s. 32.
cepit, u. s.
dedet, u. s.
fecit, u. s. 53.
fecid, u. s. 54.
velit, u. s. 192.
licuiset, u. s. 33.
recipit, u. s.
posidet, u. s. 34.
defecit, u. s.
sit, u. s.
dat, u. s. 168.

« Os sarcophagos dos Scipiões mostram assim que os Scipiões e os romanos instruidos, pelo tempo da primeira e segunda guerra punica, pronunciavam o *t* final da terceira pessoa singular indicativo tão claramente como seus successores no tempo de Augusto, que aquelle apocopado *dede* pertence ao fallar popular da planicie, nomeadamente ao *dialecto de Piceno*, em que tambem os suffixos de caso, desappareciam d'um modo notavel (*über Ausspr.* I, s. 185).»

« As inscripções a stylo de Pompeia, que todavia decorrem do tempo de Augusto e seus immediatos successo-

res, não indicam algumas vezes o *t* final da terceira pessoa singular por meio da escripta; assim em:

ama, Garr. Graff. Pomp. tab. VI, 2. p. 60. por *amat*
valia, u. s. *valeat*
peria, u. s. *pereat*
parci, u. s. *parcit*
abia, t. Pomp. Or. 2541 *habeat*
(cp. Bull. arch. Neap. I, 8. Ritsch. Rhein. Mus. XIV, 400).

A existencia d'estes modos d'escrever foi confirmada por C. Zangemeister. Muito mais frequentes vezes, porém, se conservou o *t* final da terceira pessoa singular nas inscripções a stylo de Pompeia; assim segundo Garruci V, 1: *sit*, *audiat*, *vigilet*, *pulsat*, *somniet*, V, 4: *amat*, *veniat*, *est*, V, 5: *amat*, *debet*, V, 6: *manet*, VI, 1: *notavit*, VI, 2: *tenet*, VII, 1: *habet*, IV, 6: *gustat*, *lingit*. Que o *t* n'esses modos d'escrever não era puramente o signal d'um som morto, mas do *som* dental *ainda vivo*, conclue-se de que o som *t*, mesmo onde elle não é escripto, ainda forma *posição* com a vogal consoante inicial da palavra seguinte, nas inscripções de que se tracta, por ex. Garr. u. s. t. V, 4: Quisquis *amāt*, *veniāt*, Veneri volo frangere costas, junto de u. s. VI, 2: Quisquis *amā*, *valiā*, *pleriā* qui *parcĭ* amare, e no remate do ultimo verso deve ter sido audivel em *parcĭ* adeante da vogal inicial da palavra seguinte. Na *bocca do povo da Campania* tinha assim o *t* final das formas precedentes, no remate de syllabas de accento profundo, uma pronuncia tão surda e tenue que os gravadores de paredes de Pompeia duvidavam se este som devia ser ou não indicado com o signal graphico *t*.

«Pela mesma razão deixa de ser escripto frequentes vezes nas inscripções de tempo posterior o *t* da terceira pessoa singular do perfeito e presente, emquanto nas formas coevas do plural ainda se conserva ou é escripto *d* em seu logar; assim em:

posi, t. Sard. Archäol. Anz. 1860, p. 78. *vixi*, Bull. d. Inst. R. 1861, p. 48.

veixse, Ann. d. Inst. R. 1865, p. 311.
vixsi, I. Christ. u. R. de Ross. 276 (378 e. c.)
vixe, u. s. Proll. XLIII (520 e. c.)
visse, u. s. 1097 (564 e. c.)
fece, Bull. Arch. Nap. n. s. VII, 23, 2
exsivi, I. Christ. u. R. d. Ross. 572 (407 e. c.)
requievi, Boss. I. Lyon. XVII, 20 (454 e. c.)
militavi, u. s. XVII, 11 (sec. V e. c.)
es, I. R. N. 2072. Marin. Att. d. fr. Arv. 210, 1
iace, I. Christ. u. R. d. Ross. 1098 (565 e. c.)
requiesci, u. s. 1162 (468 e. c.)
quiesci, Lersch. Centralm. III, 61.
quesce, Mai, I. Christ. 366, 8.
cesque, u. s. 440, 5.
quiesce, C. I. Dan. et Rhen. Stein. 1806.
dona, I. R. N. 3487 (524 e. c.)
duna, u. s. 6697.

(e outras Schuch. Vok. d. Vulgl. I, 120. 121. 122. II, 45, 47.). Tambem falta o *t* da terceira pessoa singular do conjunctivo imperfeito em:

exsurgere, Or. H. 5570 (I. d. Constantin. posterior a 326 e. c.)
exhibere, u. s.
frequentare, u. s.

«Estes modos d'escrever mostram que desde o quarto seculo da era christã o som do *t* final era na lingua do povo em parte pronunciado surda e fracamente, em parte inteiramente supprimido. Não é possivel determinar até que ponto era levada em cada um dos dialectos provinciaes esta degeneração phonica. Que, porém, o *t* final das mencionadas formas verbaes não tinha completamente desapparecido no ultimo latino popular, conclue-se de que restos do mesmo se conservam nas linguas romanicas (ob. cit. I, 188-189).»

Esses restos de que falla Corssen encontram-se, por exemplo, 1) no provençal, sómente no perfeito: *chantet* (cantou),

mordet (mordeu), *sentit* (sentiu), e esse *t* muda-se muitas vezes em *c*: *donec* (deu), *preguec* (prégou), *moric* (morreu), etc. Diez II, 184; 2) no antigo francez geralmente com fidelidade: *chant-et* (elle canta) *chanteve-t* (elle cantava), *chant-a-t* (elle cantou), etc. ob. cit., 212-213; 3) no francez moderno para evitar o hiato em casos como *a-t-il*, *viendra-t-elle*, *aime-t-on*, em que apparece o *t* da desinencia, etc.; ob. cit., 233.

Em portuguez apenas occorre um caso da conservação da desinencia da terceira pessoa singular na forma antiga *es-t* = mod. *é*, que se encontra n'alguns dos mais antigos documentos e nos primeiros cancioneiros, por exemplo em

est carta doc. era 1293 Rib. I, 276,
est dito doc. era 1298 id., 277,
est dicto doc. era 1303 id., 286,

mas a forma usual sendo *é*, que se encontra a cada passo nos escriptos mencionados, ha razão de perguntar se *est* representa uma forma viva, se é apenas um modo d'escrever puramente etymologico. Os exemplos dos cancioneiros respondem com evidencia que *est* era realmente uma forma viva, porquanto ella se acha regularmente empregada n'elles quando a palavra seguinte começa por vogal, isto é, para evitar o hiato, como succede com as formas verbaes da terceira pessoa singular no francez moderno; assim se dá em:

est o prazo passado DDin., 137,
hu est a terra melhor id., 4,
grave est a mi id., 23,
grave vos est assy id., id.,
est amada TCant., 11,
est assi id., 28,
est a mia Señor id., 49,
tal est o meu sen id., 82,
est a dona id., 90,
est assi id., 95,
non est a de Nogueira id., 123,

est' est o mayor ben id., 152,
ne est ome nado id., 184,
se assi non est a mia Señor (orig. *e miña Señor*) id., 137,
melhor est, e mais será meu ben id., 270;
mas *est é oge* id., 222, etc.

Exceptuando este caso do antigo portuguez não restam vestigios alguns em a nossa lingua da desinencia da terceira pessoa singular; assim:

ind. pres.	*ama*	=lat. *ama-t,*	*lê*	=lat.	*legi-t,*
imp.	*amava*	*amaba-t,*	*lia*		*legeba-t,*
perf.	*amou*	*amavi-t,*	*leu*		
plus. q. perf.	*amara*	*amavera-t,*	*lera*		*legera-t,*
conj. pres.	*ame*	*ame-t,*	*leia*		*lega-t,*
imp.	*amasse*	*amavisse-t,*	*lesse*		*legisse-t.*

TERCEIRA PESSOA PLURAL

A desinencia da terceira pessoa plural é em latim *-nt* por *-nti,* forma apenas conservada em *trementi* Carm. Sal. em Festo (Corssen *über Auspr.* I[1], 260) = á forma indogerm. primaria *-nti*; empregada depois dos themas de desinencia vocalica (*bhará-nti* skt.), emquanto a forma mais completa *-anti* era empregada depois dos themas de desinencia consonantal. Esta ultima forma, em que se conserva a vogal do primeiro elemento da desinencia da terceira pessoa plural (*an*) acha-se representada em latim em *s-unt* por **es-onti* (cp. skt. *s-ánti* por **as-anti.* Nas formas do perfeito latino em *-run-t* = ant. *-r-ont* temos simplesmente essa forma do presente da raiz lat. *es s-unt,* mudado o *s* em *r* (v. infra).

O imperativo tem *-nto* correspondente provavelmente a uma desinencia indogerm. *-ntāt*; por exemplo *vehu-nto* = indogerm. *vagha-ntāt* (cp. a forma vedica emphatica do imperativo em *-ntāt* em Benfey *kurze Sanskrit Grammatik,* s. 91).

Em *-nti, -anti* ha união da raiz pronominal demonstra-

tiva *an*, de que é formado um thema *ana-* que apparece em lithuanio e slavo em todos os casos e em sanskrito no instrumental femenino *aná-jā*, etc., e que se encontra na particula latina *an* e em composição em *fors-an, forsit-an, for-tasse-an* (cf. Corssen *kritische Beitr.*, s. 303 f.), com a raiz pronominal da terceira pessoa *-ta, -ti*. Na forma vedica imperativa *-ntāt*, a que parece corresponder a latina *-nto*, o *t* final é resto da reduplicação do pronome *-ta*, reduplicação que, como no singular, tinha força vocativa. Esse *t* final caiu em latim, e o que dá probabilidade á conjectura de que a forma *-nto* d'esta lingua corresponda realmente á vedica é o *o* final que regularmente provém de *ā* primitivo quando a seu lado tem *i* correspondente a *ă* primitivo; assim de **-nta* vem *-nti, -nt*, mas de *-ntā-[t]* vem *-ntō, -nto*.

A desinencia do terceira pessoa depois de reduzida em latim á forma *-nt* passou ainda por ulteriores modificações.

Eis o que nos diz Corssen a este respeito:

«Inscripções do mesmo periodo (o tempo da primeira e da segunda guerra punica) mostram a queda da articulação consonantal final *-nt* da terceira pessoa singular do indicativo perfeito em:

dedro, C. I. L. I, 177 (Pisaurum).
dederi, u. s. 178.
censuere, u. s. 185. 186.
consuluere, u. s. 186.

Mas junto com essas formas tambem se conserva *nt* ou sómente *t* em:

dederont, u. s. 181 (Picenum).
dedrot, u. s. 173 (Pisaurum).
coraveront, u. s. 73 (cf. Add.).
probaveront, u. s.

«O edito sobre as Bacchanaes do anno 186 a. C. tem junto uma da outra

censuere (u. s. 196, 3. 9. 18. 26) e *consoluerunt*.

«Este documento, firmado com o nome de dois consules

romanos, mostra assim que n'esse tempo, junto da forma completa da terceira pessoa plural perfeito em - *ērunt*, tambem a forma truncada em - *ēre* era usada na linguagem da classe elevada, emquanto a terceira pessoa singular conserva o seu *t* final.

«Essas formas truncadas não são raras em inscripções desde o tempo dos Gracchos até ao fim da republica; assim:

coiravere, C. I. L. I, 566, 567, 1412.
coeravere, u. s. 1131, 1147, 1161, 1162.
curavere, u. s. 1192, 1406.
fecere, u. s. 532, 567, 1166, 1553 c.
probavere, u. s. 1149, 1161, 1162, 1163, 1192.
contulere, u. s. 1343.
terminavere, u. s. 1111.
vixsere, u. s. 1012.

«Quasi todas essas formas pertencem a inscripções de edificações ou consecratorias; apenas a ultima occorre n'uma inscripção tumular. Muito mais frequentes são, porém, nas inscripções d'esse periodo as formas completas em - *nt* da terceira pessoa plural perfeito; assim:

abalienaverunt, id. 204, I, 32.
abalienarunt, u. s. 204, II, 27.
adsignaverunt, u. s. 200, 11. 77, 81.
ameiserunt, u. s. 204, II, 1.
coiraverunt, u. s. 565. 1116. 1230. 1343. 1555.
coirarunt, u. s. 1478.
coeraverunt, u. s. 536. 1149. 1163.
coerarunt, u. s. 1187. 1218. 1251. 1252. 1287.
couraverunt, u. s. 1419.
quraverunt, u. s. 1428.
curarunt, u. s. 1234, 1250. 1279.
composeiverunt, u. s. 199, 2.
dedicarunt, u. s. 603, I, 1150.
deposierunt, u. s. 1009.
dixserunt, u. s. 199, 3.
dixerunt, u. s. 199, 4.
deixerunt, u. s. 200, 85. 88.

fuerunt, u. s. 199, 37. 200, 77. 81. 90. 204, I, 1. 3. 14. 15. 29. 34.
dederunt, u. s. 200, 11. 77. 1116.
emerunt, u. s. 1055. 1143.
fecerunt, u. s. 365. 619. 1041. 1270. 1405.
iouserunt, u. s. 199, 4.
iuserunt, u. s. 199, 3.
legerunt, u. s. 202, II, 10. 14. 1188. 1251. 1247.
nominarunt, u. s. 1007.
posierunt, u. s. 1284.
possederunt, u. s. 204, I, 18. 26. 31.
probaverunt, u. s. 600. 1188. 1280.
probarunt, u. s. 1150. 1178. 1187. 1189. 1279. 1251. 1407.
redemerunt, u. s. 1252.
sublegerunt, u. s. 202, II, 10. 14.
terminaverunt, u. s. 610. 611.

«A respeito d'essa predominancia das formas inteiras deve observar-se particularmente que os documentos legislativos romanos, do tempo dos Gracchos até ao de Cesar, só apresentam essas formas em -*erunt*, nunca aquellas formas truncadas em -*ere*. D'ahi segue-se que aquellas *formas inteiras* pertenciam então á *linguagem da classe elevada das capitaes* e á *linguagem escripta da prosa*, as truncadas ao contrario mais á linguagem do povo, e por isso tambem usavam frequentemente d'ellas os poetas dramaticos e todos os poetas em geral, que, demais, obrigados pelas exigencias do metro, escolhiam entre as duas formas. Entre os prosadores amam Catão, Sallustio e mais tarde Frontão as formas populares em -*ere*, emquanto Cicero e Cesar usam de preferencia as formas em -*erunt* dos documentos legislativos romanos (cp. Neue Formenl. d. Lat. Sprache II, 294 f.).

«Quão determinadamente na *linguagem da classe elevada do tempo de Augusto* predominavam as formas em -*erunt*, conclue-se de que em dous dos mais completos monumentos da lingua d'essa epocha, no monumento de Ancyra e no discurso funebre de Turia, as mesmas occorrem exclusivamente, apenas com uma excepção; assim:

acceperunt, Mon. Ancyr. R. g. d. Aug. Momms. Ind.
appellaverunt, u. s.
conflixerunt, u. s.
constiterunt, u. s.
deduxerunt, u. s.
fecerunt, u. s.
habuerunt, u. s.
pervenerunt, u. s.
petierunt, u. s.
pugnaverunt, u. s.
steterunt, u. s.
fuerunt, u. s.
cesserunt, Zwei Sepulcralr. Momms. l. Tur. I, 25.
contigerunt, u. s. II, 26.
inciderunt, u. s. I, 35.
fuerunt, u. s. II, 26.
sollicitarunt, u. s. I, 25.

«A forma unica n'estas inscripções do tempo de Augusto é:

fuere, id. I, 27.

«Desapparecimento do *t* final da terceira pessoa singular, permanecendo a nasal *n* tornada final, mostram modos de escrever do latim da decadencia como:

fecerun, I. R. N. 2658, I. Christ. u. R. d. Ross. 48 (338 e. c.)
quiescun, I. R. N. 3528.
accipiun, I. Christ. u. R. d. Ross. 193 (382 e. c.)
vivon, Ann. d. Inst. R. 1860 p. 248.
deflen, I. Christ. u. R. d. Rossi. 288 (360 e. c.)

(etc. Schuch. u. s. I, 122). Como a nasal tornada final de taes formas verbaes soava surda e obscuramente, acha-se então *m* escripto em logar de *n*; assim em:

fecerum, I. R. N. 2037. 2775. 2824. 7197. Or. 7360.
convenerum, Marin. Att. d. fr. Arv. t. XI a, 21 (618 e. c.)
dedicarum, Or. 3740.»

Corssen *über Ausspr*. I, 185-188.

Em portuguez o *t* da desinencia da terceira pessoa plural apparece inteiramente apocopado. Modos de escrever como *dent* FCast. p. 857, *erectent* id. p. 884 ao lado de *den* id. p. 850, *entren* id., *adugan* id. p. 854, *façan* id. p. 849, etc., não provam que o *t* fosse ainda pronunciado na epocha dos documentos que nol-as offerecem: o *t* n'elles

assenta simplesmente sobre uma orthographia imitada dos documentos em latim barbaro. O *n* da desinencia, tornado final, deixa de ser articulado, reduzindo-se a uma simples *resonancia nasal*, ou, para nos conformarmos mais com a expressão usual, funde-se com a vogal que a precede n'uma vogal nasalisada; d'ahi vem que na escripta o *n* da desinencia ora se acha representado no portuguez antigo por -*n*, ora por -*m*, ora por o til; assim: *façan*, *entren*, *deren*, *ayan*, *sean*, *adugan*, *deuiren*, *queseren*, *queseron*, etc. FCast.; *conoscam*, *fezerom*, *veerem*, *forum*, doc. era 1306 Rib. I, 280-281; *teverõ*, *forõ*, *trouuerõ*, etc. HGer.; mas o *m* era o mais usual modo de representação da nasal na edade media. N'alguns modos de escrever como *chamaro* Eluc., *foro* id. a nasalidade da vogal deixou de ser indicada; mas é inteiramente provavel, que n'este, como n'outros casos analogos, haja apenas desleixo do copista ou tabellião, que se esqueceu de traçar o til ou a nasal.

No portuguez moderno as formas da terceira pessoa plural terminam constantemente, na pronuncia, em o diphtongo nasalisado *ão*, excepto no indicativo presente dos verbos provenientes de verbos latinos primarios e derivados em -*ē*, -*ī*, no optativo presente dos verbos em -*a*, e no optativo mais que perfeito e futuro de todos, formas em que a terminação da terceira pessoa plural é, em regra, -*em* [1]. O *a* d'aquella primeira terminação é no presente do indicativo dos verbos em -*a* a desinencia do thema verbal, (*amã*-*o* de *amã*-*n*(*t*); no imperfeito em -*v*-*a*, -*a* = lat. -*b*-*a* provém do -*a* final do thema temporal; o mesmo se dá no mais que perfeito em -*r*-*a*, -*er*-*a* = lat. *er*-*a* (*ama*-*ra*, *tiv*-*era*, etc.); no conjunctivo presente dos verbos em -*e*, -*i*, tambem aquelle *a* da terminação *ão* provém de lat. *a*. O *e* da terminação -*em* provém ora de lat. *e*, ora de lat. *u*, como veremos abaixo. N'algumas formas o

[1] Não teem essa terminação as formas dos verbos *haver*, *ir*, que soam *hão*, *vão*, as dos verbos *estar*, *dar*, que se confundem com os verbos derivados em -*a*, e soam *estão*, *dão*, e a do verbo *ser*.

a da terminação *ão* provém de lat. *u*; isto dá-se no presente da raiz *es*, *são* = lat. *sunt*, e nas formas do perfeito em *-r-unt*. Estas formas são ainda, em geral, no antigo portuguez mais fieis ao typo latino; assim no mais antigo documento em portuguez que conhecemos ellas terminam constantemente em *-um*:

fecerum Rib. I, 273,
forum, *furum* id., 274,
conocerum id., id.,
overum id., id.,
filarum id., id.,
fructarum id., id.,
derum id., id.,
prenderum id., id.,
troserum id., id.,
levarum id., id.,
amazarum id., 275,
venerum (vieram) id., id.,
agarum (lede *ajarum* por *acharum*) id., id.,
lerum (colheram) id., id.,
gacaram (lede *jagarum*) id., id.,
jagarum (chagaram) id., id.,
etc.

Esse *-um* apparece geralmente mudado em *-om* ou *-on* nos escriptos portuguezes da edade media; assim n'um documento da era 1240:

encommendarom Rib. I, 271,
disseron id., 272,
disserom id., 273,
outorgarom id., id.,
ouverom id., id.,

Da terceira pessoa plural do presente indicativo da raiz *es* occorrem no antigo portuguez as seguintes formas:

sunt doc. era 1298, Rib. I, 285, em que o *t* não representa segundo todas as probabilidades um som vivo,
sum Reg., c. 73, evidentemente na pronuncia a mesma forma que a precedente,
som doc. era 1303, Rib. I, 292, Claro, p. 189,
son TCant., 5. 24. 245,

O *o* da desinencia d'essas formas do perfeito, assim como o da terceira do plural do presente da raiz *es*, encontra-se já algumas vezes mudado em *a*; assim *disseran* já no doc. citado da era 1240 em Rib. I, 272, *sam* no doc. citado da

era 1303 em Rib. I, 292. No CRes. essa modificação é levada já a todas formas. É evidente que essa troca de *o* por *a* resulta já da analogia geral, já sobretudo da confusão das formas do perfeito com as do mais que perfeito: *forom* de *fuerunt* coincidia quasi com *foram* de *fuerant*.

Na terminação *ão* a que correspondem até ao seculo XV *-am* (*-an*), *-um* (*-un*), *-om* (*-on*), o *a* é etymologicamente bem claro, assim como a nasalidade; mas d'onde vem o *o* final? É evidente que temos aqui um som paragogico, como nas formas nominaes em *-ão* (*sermão*, *oração*, etc.) por *-am* de *-om* (ant. *sermom*, *oraçom*, etc.). O mesmo *-o* apparece em italiano em *canta-n-o* de *canta-n(t)*, *cantava-m-o* de *cantaba-n(t)*, *fur-on-o* de *fu-e-r-un(t)*, etc. Quando começou em portuguez esse *o* a ouvir-se na pronuncia? eis o que é difficil de resolver. No seculo XV é elle já frequentes vezes indicado na escripta. Na moderna orthographia geralmente só é indicado no presente e no futuro assim *amão*, *amarão*, *vão*, *irão*, etc.; mas *amavam*, *amaram*, etc.

OBSERVAÇÃO

Outras explicações das desinencias pessoaes do verbo indogermanico teem sido propostas; a que damos é a geralmente acceita, porque é a unica susceptivel de demonstração scientifica; as outras proveem do desejo de dizer cousas novas sobre os pontos em que a verdade já está descoberta; taes são as de Scherer *zur Geschichte der deutschen Sprachen* (Berlin, 1868), examinadas e refutadas por A. Kuhn *Zeitschrift* XVIII, 330-347. 355. 358. 387-407; a de Frederico Müller *Suffixlehre der indogerm. verbum* (*Sitzungbericht der kaiserlich Akademie der Wissenschaft. Philologische classe*, 1860 Marz. Wien); e a de Caix de Saint-Aymour *la Langue latine étudiée dans l'unité indo-européenne* (Paris, 1868), p. 186 sq. Este ultimo não se deve de modo algum equiparar com os dous citados cujas vistas, n'esta parte, estão em opposição com os dados scientificos; a

Langue latine etudiée dans l'unité indo-européenne revela o firme proposito de inculcar grande profundeza de vistas e apresentar cousas novas; mas o seu auctor não consegue encobrir a sua pobreza de ideas e ignorancia completa do estado actual da philologia latina. Corssen *Zeitschrift* XVIII, 125 ff. deu sobre essa obra o juizo que merece. Se fallo aqui n'ella é porque os livros francezes são o meio ordinario e quasi exclusivo de estudo n'este paiz e poderia, portanto a essa obra, na falta de conhecimento de bons guias, ser attribuido por leitores portuguezes um valor que não tem. Na França ha homens de alto merito na sciencia da linguagem; mas esses hão de ser, por via de regra, os menos conhecidos em o nosso paiz.

TABELLA DAS DESINENCIAS PESSOAES

	Latim	Portuguez
Singular.		
1.ª pessoa	-*m*, —	—
2.ª pessoa	-*s* (pres., etc.)	-*s*,
	-*tī* (perf.)	-*te*,
	-*tō*, — (imperat.)	(falta), —
3.ª pessoa	-*t*, —	—
	-*tō* (imperat.)	(falta)
Plural.		
1.ª pessoa	-*mus*,	-*mos*,
2.ª pessoa	-*tis*,	ant. -*des*, mod. -*es*, -*is*,
	-*te* (imperat.)	ant. -*de*, mod. -*e*, -*i*,
	-*tōte* (imperat.)	(falta)
3.ª pessoa	-*unt* { -*e*,	(falta)
	-*unt* { -*un*, -*um* (lat. vulg.)	ant. -*um*, -*om*, -*am*, mod. *am* (-*ão*),
	-*nt*, -*n* (lat. vulg.)	(*e*)˜, (*a*)˜*o*

N. B. O traço — indica a apocope; o signal ˜ que a nasal deixou de ser articulada, nasalisando-se a vogal precedente. As formas raras e excepcionaes não são indicadas,

como a da desinencia da segunda pessoa plural no portuguez moderno *-des*, *-de* em *le-des*, *le-de*, etc. N'esta como nas outras tabellas só tractamos de indicar a generalidade dos factos.

II

DESINENCIAS PESSOAES DA VOZ MEDIO-PASSIVA [1]

Tendo perdido a primitiva voz media, que ainda se encontra em sanskrito, antigo baktrico, grego e gotico (n'este ultimo só n'alguns restos) e que só differia da voz activa em se acharem em suas formas duplicadas as desinencias pessoaes, como resulta com evidencia das investigações de Kuhn e Mistelli no *Zeitschrift* XV, o latim recorreu a uma nova formação para compensar essa perda. Podemos admittir que n'um antigo periodo havia no latim dous modos de substituir o medio primitivo; um consistia simplesmente em juntar ás formas do activo o pronome reflexo *se*; o outro em construir o participio medio em *-mino-* com o verbo *esse*, que em certas circumstancias ficava elliptico. Assim ao lado de um **amo-se* eu me amo ou sou amado occorreria um **ama-mino-s sum* com funcção naturalmente um pouco diversa; ao lado de **amamus-se* um **amami-ni* ou *ama-minae sumus* (Schleicher s. 704). A natureza dos elementos d'essas construcções periphrasisticas tornava necessariamente as duas especies quasi nada distinctas e naturalmente as suas funcções acabaram por se fundirem n'uma unica; desde então a lingua não fez mais que usar promiscuamente as duas especies, mas d'um modo que ellas se completassem uma á outra, predominando todavia a primeira. Factos como este dão-se muitos no curso da vida das linguas. No latim, por exemplo, encontramos com a

[1] As formas da voz media ou reflexa nas linguas indogermanicas servem tambem para exprimirem a passividade; d'ahi a denominação de medio-passivas.

p. 49-64, wanting

a conjugação em - *i*, muitos d'esses verbos que hoje seguem a conjugação em -*i* seguiam antigamente a conjugação em - *e*, e uns e outros muitas vezes se apresentavam em ambas as formas parallelamente. Eis alguns exemplos d'entre um verdadeiramente consideravel numero que colhemos: *metire* TCast. p. 850, *metir* ao lado de *meter* id. p. 852, *morire* id. p. 850, *escreuiren* id. p. 860, *ronpire* id. p. 862, *corrire* id. p. 863, *uendiô* id. p. 858, *uendio* id. p. 876, *vendiste* AApost. 5, 4 (*vendeste* id. 5, 8), *recebir*, *reciba* FCast. p. 863, *conosciren* id., *arrompir* id. p. 871, *perdire* id. p. 866, *perdir*, *perdio* id. p. 881, *perdiste* LLinh. p. 188, *tolhir* FCast. p. 874, *repentir* id., *nacire* id. p. 881, *entendisti* Reg. c. 7, *fezisti* id. id., *escolisti* AApost. 1, 24, *comiste* id. 11, 3, *cingeste* HGer. c. 146, *descingeo* id. c. 147, *enfinger* DDin. 130, *confingede* id. id., *fingeo* HGer. c. 107. Tambem os verbos derivados mudavam naturalmente de conjugação; assim: *deuire* FCast. p. 850, *deuiren* id. p. 854, *ualir* id. p. 885, *moviste* LLinh., p. 188.

Que esta troca de conjugações não é um facto moderno, proprio ao portuguez e aos outros idiomas romanicos, é cousa que pode ser facilmente demonstrada, pois são numerosos os casos de similhante troca em latim e já de leve nos referimos a este ponto. Quando tractarmos da formação do imperfeito composto veremos como n'esse tempo os verbos primitivos se tinham conformado aos derivados em - *ē* já no mais alto periodo do latim a que podemos remontar historicamente, isto é, no periodo a que pertencem os primeiros monumentos escriptos d'essa lingua. Os verbos primitivos de thema em - *io* (v. infra) confundiam-se muitas vezes com os verbos derivados em - *ī*; assim Lucrecio 1, 71 escreve *cupiret* por *cuperet*, Ennio *parire* em Prisc. 10, 2, 8. 10, 9, 50, Plauto Asin. 1, 1, 108 *moriri*. Encontramos tambem em latim *linere* ao lado de *linire* (Columella 4, 24, 6), *arcesso* ao lado de *arcessiri*, *lacesso* ao lado de *lacessiri* (Columella 9, 8, 3), etc. Muitos verbos que na linguagem archaica tinham a forma dos primitivos teem nos

periodos posteriores a forma dos derivados em -ē. Quintiliano 1, 6, 7, censura *si quis antiquos secutus fervere brevi syllaba dicat*; Plauto Most. 1, 1, 41 emprega *olĕre*; *scatĕre* occorre em uma citação em Cicero Tuscul. 1, 28, 69 e em Lucrecio 5, 952. 6, 896. Horacio Serm. 2, 8, 78 usa *stridĕre*. Numerosos factos da mesma especie poderiamos accumular aqui; limitando-nos aos já mencionados indicaremos aos leitores que desejarem maior desenvolvimento d'este ponto Neue II, 318-332 e Schuchardt index (III, 345).

Estas observações previas, comquanto nos arrisquem a repetições, far-nos-hão comprehender melhor alguns dos pontos particulares relativos ás modificações porque os themas temporaes passaram em latim e portuguez.

THEMAS DO PRESENTE

Nos idiomas indogermanicos occorrem formas do presente produzidas por differentes processos: 1) O thema do presente n'uns casos é constituido só pela raiz, a que se junta immediatamente a desinencia; a vogal radical apresenta-se na sua forma original ou reforçada: este parece ter sido o meio mais primitivo de formar o thema do presente; 2) o thema forma-se com a raiz, tendo a vogal não reforçada ou reforçada, e o suffixo -*a*; 3) a raiz reduplicada constitue o thema e, sendo terminada em vogal, esta é reforçada; 4) a raiz com um dos suffixos -*na*, -*nu*, constituem o thema; 5) o thema é formado pela raiz + suffixo -*ja*; 6) constituem o thema a raiz com o suffixo -*ska*; 7) junta-se á raiz o suffixo -*ta* para formar o thema. Facilmente se conjectura que cada uma d'essas formas de thema tivesse funcção diversa, que da mesma raiz se formassem com aquelles suffixos, differentes themas para exprimir varias relações, no periodo em que a esses suffixos se ligava uma idea clara, de modo que ao lado de uma forma * *bhara-mi* (= lat. *fero*) houvesse outras * *ba-bhara-mi*,

* *bhar-na-mi*, etc. Esta conjectura confirma-se já pela discrepancia, que se observa n'alguns casos, das diversas linguas indogermanicas na conservação das formas do presente, já em que a mesma lingua conserva em muitos casos mais de um thema do presente da mesma raiz; assim lat. *plico-o* ao lado de *plec-to* e skt. *pṛ-ṇa-k'-̣mi*; grego χα-ίν-ω ao lado de χά-σκ-ω (= lat. *hi-sco*), etc.

Qual é a natureza d'esses suffixos que juntos á raiz constituem os themas do presente? Bopp § 495 pensa que a maior parte são pronomes cujo objecto é ligar a uma cousa a acção ou qualidade significada *in abstracto* pela raiz. Assim uma raiz significa a idea de amar por a adjuncção d'um d'aquelles suffixos, designa-se uma pessoa que ama. Depois, essa pessoa é determinada pela desinencia pessoal, que indica se é «eu», «tu» ou «elle» quem ama. O suffixo *-a* seria pois o mesmo que o pronome demonstrativo *a* (v. p. 58 e sq.); o suffixo *-na* o thema pronominal *na* (Bopp § 369); o suffixo *-ta* o thema pronominal *ta*, que se encontra em skt. *tat*, grego το, etc. (id. § 498, cf. § 343). Bopp (§ 501, cf. § 749), porém, em contradicção com as suas ideas, vê em o suffixo do presente *-ja*, *-jo* um verbo auxiliar. Tambem Corssen *kritische Beitr.* s. 37, conjectura que o suffixo *-sca* em *gno-sco*, *na-sco-r*, etc. é identico á raiz *sak*, que em sanskrito soa *sak'*, em lat. *sequ*, *soc*, (*sequ-o-r*, *soc-iu-s*, etc.), cuja significação original é ir. *gno-sco* significaria assim eu vou conhecer.

I. *Themas constituidos pela raiz sem suffixo*

N'esta classe as desinencias pessoaes juntam-se immediatamente á raiz para formar o presente. Deve ter sido este o mais antigo modo de formação d'este tempo no indogermanico. A raiz apresenta-se ou na sua forma simples ou reforçada. Os exemplos, ainda frequentes em sanskrito, são em pequeno numero em latim. Eis os unicos que offerce esta lingua:

a) raizes-themas com vogal não reforçada

1. presente da raiz lat. *es* = indog. *as* (ser; cp. skt. *as-mi* eu sou):

1.ª s. *s-u-m*	por **es-u-m* (de **es-m*)		*u* vogal euphonica ou ligativa,
1.ª p. *s-u-mus*	por **es-u-mus* (de **es-mus*)		
2.ª s. *es*	por **es-s* (de **es-si*),		
2.ª p. *es-tis*,			
3.ª s. *es-t*,			
3.ª p. *s-unt*	por **es-ont*;		

2. algumas formas do presente da raiz lat. *vol* (**vel* querer):

1.ª p. *vol-u-mus* por **vol-mus* (*u* ligativo),
2.ª p. *vol-tis*,
3.ª s. *vol-t*,
3.ª p. *vol-unt*;

3. a 3.ª s. do presente da raiz lat. *ed* = indogerm. *ad* (comer; cp. skt. *ád-mi*), *es-t* elle come (por *ed-t*, em virtude das leis phonicas da lingua) ao lado de *ed-o*, *ed-i-mus*, etc., que pertencem á II classe;

4. a 3.ª s. do presente da raiz lat. *fer* = indog. *bhar* (levar; cp. skt. *bí-bhar-mi*), *fer-t*; mas esta forma não é, sem duvida, primitiva, provindo de **fer-i-t*, que pertence á II classe;

5. as formas do presente da raiz lat. *da* (pôr), que corresponde a uma raiz indogerm. *dha*, como mostram raiz skt. *dha* em *da-dhā-mi* eu ponho, e a raiz grega θε em τί-θη-μι, etc.,

1.ª s. *do*
1.ª p. *dĭ-mus*
2.ª s. *dĭ-s*
2.ª p. *dĭ-tis*
3.ª s. *dĭ-t*
3.ª p. *du-nt*,

que apparecem só nos compostos *ab-dĭ-t*, *crē-dĭ-t*, *con-dī-t*, *ad-dī-t*, *per-dĭ-t*, etc. Estas não parecem, todavia, ter pertencido primitivamente a esta classe.

b) raizes com a vogal reforçada

A esta especie pertence seguramente o thema do presente da raiz *ĭ* (excepto a primeira pessoa), cujo perfeito é *ĭ - vi* e o supino *ĭ - tu - m*. Nas mais antigas inscripções apparecem as formas

ei - t - u - r
ad - ei - t - u - r
ei - s
ei - t
ei - te.

O diphtongo contrahiu-se depois em *ī*, que mais tarde só permanece na primeira e na segunda do plural:

ī - mus
ī - tis.

Os antigos poetas, todavia, offerecem ainda as medidas

ī - t
in - ī - t.

(Corssen *über Ausspr*. I, 599).

A forma da primeira singular foi modificada segundo a analogia geral dos themas terminados em *a*; em vez de uma forma **ei - m*, **ī - m* que nos fariam esperar as correspondentes skt. *ē - mi*, grego εἶ - μι, lituanio *ei - mi*, acha-se em latim *e - o*.

Tambem parecem pertencer a esta classe

1) *flō*
flā - s
flā - t
etc.

raiz lat. *fla* em *flā - tu - s*, *flā - men*, *flā - bru - m*, etc. (Curtius *Grundzüge der griechischen Etymologie* s. 271),

2) ant. lat. *fō - r*
fā - r - i - s
fā - t - u - r
etc.,

presente medio da raiz lat. *fa*, que occorre tambem em

fā-bula, fă-bulor, etc. (Corssen ob. cit. I, 598, Curtius ob. cit. s. 267); cp.

skt. *bhā-mi* grego φη-μι
bhā-si φη-ς
bhā-ti, φη-σι

2) *nō*
nā-s
nā-t (por *nā-t*)
etc.,

presente da raiz lat. *na* por *sna*; cp.:

skt. *snā-mi* (lavo-me, banho-me)
snā-si
snā-ti.

O presente da raiz *da* (dar) em antigo latim era

dō
dā-s
dā-t
dă-mus
dă-tis
da-nt,

isto é, a vogal era reforçada mas só no singular. Nas antigas formas do presente da raiz *sta* (estar) o reforçamento extendia-se, porém, a todas as pessoas:

stō
stā-s
stā-t
stā-mus
stā-tis
sta-nt.

(Corssen *über Ausspr*. I, 598). N'esse estado da lingua aquellas formas reforçadas pertencem a especie de themas em questão; mas pertenciam ellas a esta especie primitivamente? As formas sanskritas e gregas do presente das raizes *da* e *sta* apresentam a raiz reduplicada:

skt. *da-dā-mi*, grego δί-δω-μι,
da-dā-si, δί-δω-ς,

da - dā - ti,	δί - δω - σι,
etc.,	etc.,
ti - shṭhā - mi,	ἵ - στη - μι,
ti - shṭhā - si,	ἵ - στη - ς,
ti - shṭhā - ti,	ἵ - στη - σι,
etc.	etc.,

o que torna evidente que nas formas latinas correspondentes se perdeu a reduplicação.

II. *Themas constituidos pela raiz com o suffixo* - a

Em sanskrito encontram-se numerosas formas do presente cujo thema é constiuido pela raiz com o suffixo - *a*, que na primeira pessoa é reforçado; assim

tud - ā - mi	*bhar - ā - mi*
tud - á - si	*bhar - á - si*
tud - á - ti	*bhar - á - ti*
tud - ā - masi	*bhar - ā - masi.*

Em latim são em consideravel numero as formas produzidas d'este modo, mas n'ellas, em virtude dos principios phonicos da lingua e da tendencia para maior differenciação das formas de cada pessoa, o suffixo apresenta-se com tres formas

- *o* 1.ª sing.
- *i* 1.ª plur., 2.ª sing. e plur. e 3.ª sing.
- *u* 3.ª plur.

Este parallelismo de formas mostra, em virtude de um principio a que já atraz alludimos, que o *o* da primeira pessoa provém de um *ā* primitivo, como elle se encontra nas formas sanskritas referidas. Assim lat. *fero* - por **fero - m* corresponde exactamente ao skt. *bharā - mi, veh - i - t* ao skt. *vah - á - ti*; mas na primeira do plural latino em vez de **fero - mus, *veho - mus,* etc., que nos fariam esperar os skt. *bhar - ā - masi, vah - ā - masi* e *fero* e *veho* encontramos *fer - ĭ - mus, veh - ĭ - mus,* em que a forma do suffixo assenta sobre um *ă* e não sobre *ā*.

N'esta classe de themas ha duas especies; n'uma a vogal da raiz apparece sem reforçamento; n'outra essa vogal acha-se reforçada. Como o reforçamento não pode dar-se em raizes terminadas por duas consoantes, os themas cujas raizes estão n'este caso pertencem necessariamente á primeira especie. Exemplos:

a) themas com a vogal da raiz não reforçada: [1]

ăg-i-t,	cp. *ēg-i, ac-tu-m,*
ĕm-i-t,	*ēm-i, em-(p)-tu-m,*
lĕg-i-t,	*lēg-i, lec-tu-m,*
scăb-i-t,	*scāb-i,*
căd-i-t,	*cĕ-cĭd-i, cā-su-m* (por * *cad-tu-m*),
căn-i-t,	*cĕ-cĭn-i, can-tu-m,*
prĕm-i-t,	*pres-si* (por * *prem-si*), *pres-su-m,*
gĕr-i-t (raiz *ges*),	*ges-si, ges-tu-m,*
tĕg-i-t,	*tec-si* [2], *tec-tu-m,*
trăh-i-t,	*trac-si, trac-tu-m,*
vĕh-i-t,	*vec-si, vec-tu-m,*
ăl-i-t,	*al-ui, al-ĭ-tu-s, al-tu-s,*
con-sŭl-i-t,	*con-sŭl-ui, con-sul-tu-m,*
cŏl-i-t,	*cŏl-ui, cul-tu-m,*
frĕm-i-t,	*frĕm-ui, frĕm-ĭ-tu-m,*
gĕm-i-t,	*gĕm-ui, gĕm-ĭ-tu-m,*
mĕt-i-t,	*mes-sui, mes-su-m,*
mŏl-i-t,	*mŏl-ui, mŏl-ĭ-tu-m,*
oc-cŭl-i-t,	*oc-cŭl-ui, oc-cul-tu-m,*
trĕm-i-t,	*trĕm-ui,*
strĕp-i-t,	*strĕp-ui, strĕp-ĭ-tu-m* (Prisc.),
tĕr-i-t,	*trī-vi, trī-tu-m,*
quaes-i-t, quaer-i-t,	*quaes-i,* etc.

Nas seguintes formas a raiz termina por duas consoantes:

[1] Para evitar perda de espaço damos como exemplo, em geral, só formas da terceira pessoa singular.

[2] Para melhor intelligencia das formas, em vez do *x* escrevemos os sons que o compõem.

ac-cend-i-t, cp. *ac-cend-i*, *ac-cen-su-m*,
pre-hend-i-t, *pre-hend-i*, *pre-hen-su-m*,
pend-i-t, *pe-pend-i*, *pe-pen-su-m*,
ang-i-t, *anc-si*,
carp-i-t, *carp-si*, *carp-tu-m*,
sculp-i-t, *sculp-si*, *sculp-tu-m*,
serp-i-t, *serp-si*,
ung-i-t, *unc-si*, *unc-tu-m*,
merg-i-t, *mer-si*, *mer-su-m*,
tex-i-t, *tex-ui*, *tex-tu-m*,

b) themas com a vogal da raiz reforçada:

cūd-i-t, *cūd-i*, *cū-su-m*,
īc-i-t, *īc-i*, *ic-tu-m*,
caed-i-t, *cĕ-cīd-i*, *cae-su-m*, [1]
flīg-i-t, *flic-si*, *flic-tu-m*,
cēd-i-t, *ces-si*, *ces-su-m*,
lead-i-t, *lae-si*, *lae-su-m*,
lūd-i-t, *lū-si*, *lū-su-m*,
rād-i-t, *rā-si*, *rā-su-m*,
rēp-i-t, *rep-si*, *rep-tu-m*,
rōd-i-t, *rō-si*, *rō-su-m*,
scrīb-i-t, *scrip-si*, *scrip-tu-m*,
sūg-i-t, *suc-si*, *suc-tu-m*,
sūm-i-t, *sum-(p)si*, *sum-(p)tu-m*,
trūd-i-t, *trū-si*, *trū-su-m*,
etc.

III. *Themas constituidos pela raiz reduplicada*

O numero d'estes themas é muito pequeno em latim. Quando a raiz termina em consoante junta-se-lhe o suffixo -*a*; quando termina em vogal, esta é tractada como se fosse aquelle suffixo. Eis as formas d'esta classe que a analyse tem descoberto em latim:

[1] A raiz é *scid*, cujo *s* inicial caiu, n'essa forma, mas se conserva intacto no verbo da IV classe *scind-o* por **scid-no*, cp. perf. *scid-i*.

1) *gi-gni-t* por * *gi-gen-i-t*, forma fundamental *ga-gan-a-ti* (cp. grego γί-γ(ε)ν-ο-μαι), raiz *gen* (produzir, gerar; cp. *genu-s*, etc.);
sīd-i-t por * *sisd-i-t* e esta de * *si-sid-i-t*, forma fundamental * *si-sad-a-ti* (cp. grego ἵζει, skt. *sīd-á-ti*. Em *sisd-i-t* o segundo *s* caiu atraz do *d*, e a vogal precedente alongou-se por compensação, como em *ī-dem* por * *ĭs-dem*, *dī-dūco* por * *dĭs-duco*, etc.;
2) *si-sti-t*, forma fundamental * *si-sta-ti*, raiz *sta* (cp. *stă-tu-m*);
se-ri-t por * *si-si-t* (*r* de *s*), forma fundamental * *si-sa-ti*, raiz *sa* (semear); cp. *să-tu-m*, etc.;
bi-bi-t por * *pi-pa-ti* (cp. skt. *pi-bā-ti* elle bebe), raiz *pa* em *pō-tu-m*, etc.

IV. *Themas constituidos pela raiz com o suffixo* -na

D'estes themas uns conservam o logar original da liquida *n* do suffixo, outros arrastam-na por metathese para o interior da raiz. No primeiro caso estão aquelles cuja raiz termina em vogal ou *r*; taes são

li-ni-t,	raiz *li*,	cp. *lē-vi*, *lĭ-tu-m*,
si-ni-t,	*si*,	*sī-vi*, *sĭ-tu-m*,
cer-ni-t,	*cer*,	*crē-vi*, *crē-tu-m*,
ster-ni-t,	*ster*, *stra*,	*strā-vi*, *strā-tu-m*,
sper-ni-t,	*sper*,	*sprē-vi*, *sprē-tu-m*,
pō-ni-t (por * *po-si-ni-t*)	*si*,	*po-s-ui*, *po-sī-vi*,
con-tem-ni-t,	*tem*,	*con-tem-(p)-si*, *con-tem-(p)-tu-m*,

Á lingua archaica pertencem as formas
da-nu-nt, raiz *da* (dar),
prod-i-nu-nt, *ob-i-nu-nt*, *red-i-nu-nt*, } raiz *i* (ir),

ex-ple-nu-nt, raiz *ple*, cp. *ple-o*;
ne-qui-nu-nt, raiz *qui* (poder); cp. *ne-qu-ē-s*.

Nas formas tambem archaicas

in-seri-nu-nt,
feri-nu-nt,
soli-nu-nt

(Corssen *kritische Beitr*. s. 326) o suffixo *-na* juntou-se, não immediatamente á raiz, mas a themas já completos; cp. *ferĭ-mus*, *sole-t* (de um primitivo **sol-i-t*), *seri-t* por **se-si-t*.

Em *ster-nu-o* vemos um thema em *-nu*, *ster-nu-*, formado da raiz *ster* (cp. *ster-ni-t*), thema a que se juntou por analogia das raizes em *-u* (vid. infra) o suffixo *-io*; assim *ster-nu-o* de **ster-nu-io*.

Nos themas em *-na* em que a raiz terminava em momentanea, o *n* do suffixo foi arrastado para o interior da raiz, e ahi tão intimamente ligado aos outros sons d'este elemento verbal que n'alguns verbos apparece tambem fóra dos themas do presente; assim temos

vi-n-c-i-t por **vic-ni-t*,	cp. *vīc-i*, *vic-tu-m*,
li-n-qu-i-t,	*līqu-i*, (*re*) *lic-tu-m*,
fra-n-g-i-t,	*frēg-i*, *frac-tu-m*,
pa-n-g-i-t,	*pĕ-pĭg-i*, *pac-tu-m*, e *pag-u-nt* da antiga lingua, etc. (Neue II, 316),
ta-n-g-i-t,	*tĕ-tĭg-i*, *tac-tu-m*, e *tag-i-t* Pacuv. em Fest.,
fu-n-d-i-t,	*fūd-i*, *fū-su-m*,
fi-n-d-i-t,	*fīd-i*, *fis-su-m*,
sci-n-d-i-t,	*scĭd-i*, *scis-su-m*,
ru-m-p-i-t,	*rūp-i*, *rup-tu-m*,
cu-m-b-i-t,	*cŭb-ui*, *cŭb-ĭ-tu-m*,

Os seguintes verbos empregam a nasal no perfeito e no supino, ou só no primeiro ou no segundo, por analogia do

presente; taes formas pertencem ao periodo em que a nasal não valia já nada como signal do presente:

e-mu-n-g-i-t, e-mu-n-c-si, e-mu-n-c-tu-m, raiz *muc* em *mūc-u-s*, etc.,
pla-n-g-i-t, pla-n-c-si, pla-n-c-tu-m, raiz *plag* em *plāg-a*, etc.,
ju-n-g-i-t, ju-n-c-si, ju-n-c-tu-m, raiz *jug* em *jŭg-u-m, con-jŭg-*, etc.,
fi-n-g-i-t, fi-n-c-si, mas *fic-tu-m*,
pi-n-g-i-t, pi-n-c-si, mas *pic-tu-s*,
stri-n-g-i-t, stri-n-c-si, mas *stric-tu-m*,
tu-n-d-i-t, tŭ-tŭd-i, tūn-su-m ao lado de *tū-su-m*.

V. *Themas constituidos pela raiz com o suffixo* -ja

Os themas d'esta classe em sanskrito apresentam, como os themas em *-a*, reforçamento na vogal final *a* na primeira pessoa; assim skt. *nah-jā-mi* ao lado de *nah-ja-si*. Em latim essa vogal passa exactamente pelas mesmas modificações que o suffixo *-a*. Assim do primitivo *-ja* da primeira pessoa singular, conservado em sanskrito, vem lat. *-io* (*-jo*); de *-ja* das outras pessoas vem lat. **-ji*, em que a semi-vogal *j* cae, e *-iu* (*-ju*); assim presente da raiz *cap* (cp. *cēp-i, cap-tu*-m)

cap-io (por **cap-io-m*)	de **cap-jo-mi*,
cap-i-s (por **cap-ji-s*)	**cap-ja-si*,
cap-i-t (por **cap-ji-t*)	**cap-ja-ti*,
cap-i-mus (por **cap-ji-mus*)	**cap-ja-masi* (não *cap-jā-masi*, como faria esperar o sanskrito),
cap-i-tis (por **cap-ji-tis*)	**cap-ja-tisi*,
cap-iu-nt	**cap-ja-nti*,

Pertencem tambem a esta classe

fŭg-io, cp. *fūg-i, fŭg-ĭ-tu-m*,
făc-io, *fēc-i, fac-tu-m*,

săp-io,	*săp-ui,*
quăt-io,	*quas-su-m,* (por **quat-tu-m*),
răp-io,	*răp-ui, rap-tu-m,*
păr-io,	*pe-pĕr-i, par-tu-m,*
fŏd-io,	*fōd-i, fos-su-m* (por **fod-su-m* de **fod-tu-m*),
lăc-io,	
jăc-io,	*jēc-i, jac-tu-m,*
mor-io-r,	*mor-tu-s,*
grad-io-r,	*gres-su-s* (por **gred-su-s* de **gred-tu-s*),
pat-io-r,	*pas-su-s* (por **pat-tu-s*),

a-jo por **ag-jo*, raiz *ag* (dizer); cp. *ad-ag-iu-m*,

mē-jo por **mig-jo*, raiz *mig*; cp. *mi-n-g-o* por *mig-no, mic-tu-s* [1],

er-o (eu serei), por **es-io*, raiz *es*, plural *er-unt* por **es-iu-nt* (cp. grego ἔσομαι por ἐσ-*jo*-μαι), em que o *j* caiu tambem adiante de *a* e *u*. Esta forma do presente tem, como muitas outras formas do presente, significação do futuro,

-b-o por **b-io* e este de **bu-io*, presente da raiz *bu*, *fu*, que só apparece em composição, nas formas do futuro, como *da-b-o*, etc.,

f-io, que não provém de *fac-io*, mas de *fu-io*, presente da raiz *fu*, parallelo a *-b-o* (Corssen *Zeitschrift* X, 152 f.),

spic-iu-nt Cat. em Fest. p. 344; *in-spĭc-io*; cp. *in-spec-si, in-spec-tu-m.*

Talvez pertençam tambem a esta classe *pello*, *per-cello*, *tollo*, *vello*, *curro* e similhantes, que estariam assim por **pel-jo*, **per-cel-jo*, **tol-jo*, **fal-jo*, **vel-jo*, **cur-jo*; cp. *pe-pul-i*, *per-cul-i*, *te-tul-i*, etc. N'essas formas haveria pois assimilação de *l-j* em *l-l*, *r-j* em *r-r*. Mas este

[1] Em *a-jo* e *mē-jo* perdeu-se pois o *g* final da raiz que se conserva nas outras formas adduzidas; a perda d'essa consoante produziu o alongamento por compensação da vogal precedente.

ponto não está ainda resolvido. V. Corssen *kritische Beitr.* s. 307 f., Schleicher s. 787.

Se uma hypothese de Curtius *Grundzüge* s. 590 achasse contraprova nos principios da phonica latina, collocariamos n'esta classe as formas *tendo*, *fendo*, *cudo*, *rudo*. Comparando

ten-d-o com grego τείν-ω por τεν-*j*ω,
got. *than-ja*,
fen-d-o grego θείν-ω por θεν-*j*ω,
cu-d-o bohemio *ku-j-u*, slavo eccl. *ku*, } mesma significação de *cudo*.
ru-d-o skt. raiz *ru* (*rāu-mi* grito, gemo, etc.)

Curtius acha possivel que o *d* das formas latinas provenha do *j* do suffixo *-jo*. A existencia de uma tal relação phonica na lingua grega está perfeitamente demonstrada, mas pelo que diz respeito ao latim essa existencia está ainda no campo das meras possibilidades, como o grande glottico, cuja hypothese citamos, é o primeiro a dizer.

Alguns verbos derivados, taes como *sta-tu-o*, *metu-o*, *tribu-o* parecem ter sido formados dos respectivos themas nominaes *sta-tu-*, *metu-*, *tribu-*, etc., por meio do suffixo *-jo*, cujo *j* foi syncopado entre a desinencia d'aquelles themas e a vogal do suffixo; assim temos *sta-tu-o* por **sta-tu-jo*, *metu-o* por **metu-jo*, etc. D'este modo explica-se bem porque taes verbos derivados tomaram a forma de primitivos.

VI. *Themas constituidos pela raiz com o suffixo* -ska

A esta classe pertencem

(g)na-sco-r (sou produzido, nasço), raiz *gna* (*gan*); cp. *gnā-tu-s*,
(g)no-sci-t, raiz *gno* (*gna*, *gan*); cp. *i-gnō-tu-s*,
gli-sci-t,
sci-sci-t, cp. *sci-o*,
hi-sco, cp. *hi-ā-re*,

pa-sci-t, raiz *pa* (alimentar); cp. *pa-ni-s*, etc.

di-sci-t (por * *dic-sci-t*) raiz *dic* (mostrar, dizer); cp. *dic-o*, *di-dic-i*,

crē-sci-t, raiz *cre* (*car*); cp. *crē-vi*, *car-o*, etc.

O latim archaico offerece *e-sci-t* (doze Tabuas, etc.), que, como *erit*, tinha funcção de futuro. *e-sci-t* está por * *es-sci-t*, raiz *es*, e significa propriamente «elle vae ser»; v. Corssen *kritische Beitr.* s. 35. Tambem pertencem a esta classe *po-sci-t* (por * *porc-si-t*), raiz *prec*, *proc*, em *prec-or*, *proc-ax*; *com-pe-sci-t* (por *com-perc-sci-t*), raiz *perc*; cp. raiz skt. *park'* *coercere*, *cohibere* (Kuhn *Zeitschrift* VIII, 67); *ve-sci-t* talvez por * *veg-sci-t*, da forma radical latina *vi-g-* (em *vig-ē-re*, etc.).

Encontram-se em latim seguindo a forma de primitivos muitos themas constituidos pela raiz + um elemento (ou mais elementos) de derivação + suffixo *ska*. Essas formas são as conhecidas ordinariamente como inchoativas. Corssen *kritische Beitr.* 36 f. analysa miudamente o seu modo de formação. Os verbos como *ir-a-sco-r*, *puer-a-sco*, *gel-a-sco*, *clare-sco*, *longi-sco*, *vetusti-sco*, etc., proveem, segundo esse profundo glottico, não immediatamente de themas nominaes como *ira-*, *puero-*, *gelu-*, *clare-*, *longi-*, *vetusto-*, etc., pois n'esse caso o *a* de *puer-a-sco*, *gel-a-sco* ficaria sem explicação, mas de verbos denominativos em *-ā-re*, *-ē-re*, *-ī-re*. De *ir-a* veiu primeiramente um verbo * *ir-ā-re*, cuja existencia nos comprova *ir-ā-tu-s*, e do thema *ir-ā-* se formou depois o inchoativo *ir-ā-sco*. O mesmo processo se applica para explicação dos outros inchoativos em que existe o elemento de derivação *-a*, *-e*, *-i*. Em muitos casos perdeu-se o verbo denominativo de que se formou o inchoativo, n'outros conservou-se. Assim *ac-e-sci-t* tem ao lado *ac-ē-t*, *ar-e-sci-t* *ar-e-t*, *pall-e-sci-t*. *pall-e-t*, *langu-e-sci-t* *langu-e-t*, *liqu-e-sci-t* *liqu-e-t*, *mad-e-sci-t* *mad-e-t*, etc.

N'alguns casos o inchoativo parece ser formado, não do

thema d'um verbo derivado, mas do thema d'um verbo primitivo; assim *re-viv-i-sci-t* (perf. *re-vic-si*) ao lado de *viv-i-t*. Em *con-qui-ni-sci-t* (por * *con-quic-ni-sci-t*; cp. perf. *con-quec-si*), *fru-ni-scor* (eu goso; *fru-ni-tus*, formado pelo typo dos verbos derivados) da raiz *frugv* em *fru-or*, *fruc-tu-s*, ha o suffixo *-na* que indica que esses inchoativos proveem de themas da IV classe. O mesmo suffixo *-na* existe em *nanc-i-scor*. Este verbo é formado de um primitivo *nanc-i-t* por * *nac-ni-t* (v. IV classe), cuja existencia nos revela *nac-tu-s* (Schleicher s. 787; cf. Bopp II, 133). Corssen *kritische Beitr.* s. 37 não quer admittir a existencia do primitivo *nanc-ĕ-re* e explica *nanc-i-sco-r* como formado do derivado *nanc-ī-re* usado por Graccho (Prisc. X, 21). Mas sendo a raiz n'estas formas *nac*, como mostra *nac-tu-s*, só a explicação dada acima nos pode dar razão da nasal. *nanc-ī-re* não é pois mais que o primitivo *nanc-ĕ-re* seguindo, como tantos outros, a forma dos derivados.

O suffixo *-ska* existe tambem no verbo de forma de derivado *mi-scē-re*, que provem provavelmente d'um primitivo * *mi-scĕ-re*, formado da raiz *mic* que nos revelam o skt. *miç-ra-s mixtus*, *ā-mik-sha* leite misturado, grego μίγ-νυ-μι misturo, etc. (Curtius *Grundzüge* s. 300). O suffixo *ska* fundiu-se em latim intimamente com a raiz de modo que percorre todas as formas do verbo e apparece em todos os derivados: *mi-scu-i*, *mi-x-tu-s* (*mi-s-tu-s*), *mi-sc-ellu-s*, etc.

VII. *Themas constituidos pela raiz com o suffixo* -ta

O suffixo *-ta* formativo de themas do presente occorre em muito poucos casos e sempre depois de raizes terminadas em guttural; eis esses casos:

pec-ti-t (elle pentea)	cp. grego πέκ-ω,
nec-ti-t,	cp. raiz skt. *nah* (ligar),
plec-ti-t,	raiz *plic*, cp. *plic-o*,
flec-ti-t,	raiz *fleh*, cp. *fleh-o*, *flec-si*.

Na lingua portugueza conservam-se um numero consideravel dos themas latinos do presente, cuja formação acabamos de explicar. Uma lista de taes themas não teria aqui mais que um interesse puramente lexicologico; por isso não a damos, limitando-nos a tractar d'um modo geral as modificações por que as suas desinencias passaram em portuguez, considerando apenas em especial os themas da I e da V classe. Como nenhuma formação nova d'esses themas era possivel, a questão reduz-se quasi exclusivamente n'esta parte ao estudo das modificações phonicas d'esses themas.

1. Destino das desinencias dos themas da II, III, IV, VI e VII classes em portuguez, considerados em geral.

As desinencias d'esses themas são em latim constantemente:

1.ª sing.	*-o-*	1.ª plur.	*-ĭ-*
2.ª	*-ĭ-*	2.ª	*-ĭ-*
3.ª	*-ĭ-*	3.ª	*-u-*

Em portuguez essas desinencias ou se conformam ás dos themas dos verbos derivados em *-e*, e então soam:

1.ª sing.	*-o-*	1.ª plur.	*-é-*
2.ª	*-e-*	2.ª	*-é-*
3.º	*-e-*	3.ª	*-e-*

ou ás dos themas dos verbos derivados em *-i* e n'este ultimo caso soam:

1.ª sing.	*-o-*	1.ª plur.	*-í-*
2.ª	*-e-*	2.ª	*-í-*
3.ª	*-e-*	3.ª	*-e-*

Cf. p. 54 sq. Dominam, porém, tambem aqui as leis de desinencia da nossa lingua; assim depois de *z* (= lat. *c*), e *r* cahe o *e* final da terceira pessoa singular, que não é protegido por desinencia pessoal. A lingua antiga nem sempre é fiel a esse principio; a lingua moderna observa-o estrictamente: *diz* de *dic-i-t* (*dize* FCast. p. 890); *in-duz* de *in-duc-i-t* (*en-duze* LCons. c. 50); *faz* de *fac-i-t* (*faze* FCast. p. 867), mas imper. *dize* (GVic. I, 262),

faze (id. 326); *traz* (ant. *trage* TCant. 114; *trax* DDin. 81) de *trah-i-t* (cf. ant. *trahe* FCast. p. 867, *trae* TCant. 205); *quer* de *quaeri-i-t* (*quere* FCast. p. 856); *pon* TCant. 133, DDin. 53; cp. *praz* (*plaz* doc. era 1298, Rib. I, 285, *prax* TCant. 76) de *plac-e-t*; *luz* de *luc-e-t*. Similhante apocope se nota em *perdon* TCant. 28. 238, DDin. 8 de *perdone-t*, *pon* id. 53. Em *perdon* vê Diez *über die erste Poesie u. s. w.* s. 34 uma forma provençal; mas olhamos *pon* e *perdon* como formas dialectaes parallelas a *põe*, *perdoe*, e formadas de **pone*, **perdone*, como *sermon* de **sermone*, etc. O antigo portuguez é uma lingua syncretica, em que as formas parallelas, desenvolvidas segundo os principios mesmos da lingua e não devidas a influencia estranha, apparecem em grande numero, como este nosso estudo em parte mostra. Em TCant. 246 e LLinh. II, 229 occorre uma forma *di* por *diz* que parece contrahida de *die* resultante de *dize* pela syncope do *z*, que se nota em *dir-ei*, *far-ei* por *dizer-hei*, *fazer-hei*, etc. No LCons. c. 47 ha o imperativo *di* (*dime*).

2. Themas da I classe. O presente da raiz *es* em portuguez é:

1.ª s. *s-ou* (v. p. 21)
1.ª p. *s-o-mos*
2.ª s. *es*
2.ª p. *s-o-is* ant. *s-oo-es* CGuin. c. 12,
s-o-des Rib. I, 292. etc.;
s-u-des doc. era 976, id. 196.
3.ª s. *é*
3.ª p. *são*, ant. *sã*, *som* (v. p. 45).

Só ha que notar n'estas formas a terceira pessoa singular e a segunda plural. *é* por **es* (cast. *es*), que fariam esperar as relações phonicas, resulta evidentemente de se querer distinguir a terceira pessoa singular da segunda singular *es*. Porque não foi o *s* antes apocopado n'esta ultima? A razão é simples. O *s* final na segunda singular tem ainda significação em a nossa lingua: é o signal constante d'essa se-

gunda pessoa; emquanto na terceira era um elemento sem significação para a consciencia obscurecida da lingua, que não podia ver n'elle a consoante radical, e demais um som que vinha perturbar a analogia.

Os themas *val*, *nā*, *flā*, *fā* perderam-se em a nossa lingua; os compostos de -*dŏ* (*per*-*do*, etc.) seguem a analogia dos themas em -*a*; as formas portuguezas do presente de *dō* e *stō* correspondem exactamente ás latinas:

dou	*estou*
dá-*s*	*está*-*s*
dá	*está*
da-*mos*	*esta*-*mos*
da-*es* (ant. *da*-*des*)	*esta*-*es* (ant. *esta*-*des*)
dão	*estão*.

3. Themas com o suffixo -*ja*. O *j* do suffixo, como vimos, apparece em latim só na primeira pessoa do singular e na terceira do plural. O portuguez não conserva vestigios d'elle na terceira pessoa do plural: de *fug*-*iu*-*nt*, *fac*-*iu*-*nt*, *sap*-*iu*-*nt*, etc., veem port. *fog*-*em*, *faz*-*em*, *sab*-*em*, etc. A conformação ao typo geral é aqui completa. Mas na primeira do singular a nossa lingua n'uns casos syncopa o *j*, depois d'elle ter influido sobre a consoante precedente, quando essa influencia é possivel, n'outros arrasta a semi-vogal por metathese para o interior da raiz: assim temos d'um lado *jaz*-*o* (não **jac*-*o*) de *jăc*-*io*, *fŭj*-*o* (não **fug*-*o*) de *fŭg*-*io*, *faç*-*o* (não **fac*-*o*) de *făc*-*io*, d'outro *ca*-*i*-*b*-*o* de *cap*-*io*, *pa*-*i*-*r*-*o* de *păr*-*io*, ant. *mo*-*i*-*r*-*o* TCant. 5, *mo*-*y*-*r*-*o* 27, (*moiramos* CGuin. c. 71, *moirer* DDin. 16); mas mod. *morro*. Em *sei* de *săp*-*io*, o *i* final representa o *j* do suffixo: de *săp*-*io* veiu primeiro **sa*-*i*-*b*-*o* (cp. o conjunctivo *sa*-*i*-*b*-*a*), d'onde por syncope do *b* **sa*-*i*-*o*, **se*-*i*-*o*. A queda do *o* de **se*-*i*-*o* teve talvez por fim evitar a homonymia com *seio* (*sinus*) como em **heio* de *habeo* a homonymia com *ei*-*o*. Não confiamos todavia muito n'esta explicação. É possivel que a queda do *o* seja puramente mechanica.

THEMAS DO PERFEITO

Os themas do perfeito em latim são simples ou compostos; os ultimos conteem um perfeito simples unido a uma raiz ou um thema verbal: *fu-i* é um perfeito simples; *jac-ui* por **jac-fui* um perfeito composto. A explicação dos themas simples offerece grandes difficuldades; é este até o ponto mais obscuro da theoria da conjugação latina. Esses themas dividem-se, no estado conhecido da lingua, em duas categorias: uns teem a syllaba radical reduplicada; outras só a raiz, com a vogal alongada, em geral. O resto dos elementos dos themas do perfeito são os mesmos nas duas categorias. O seguinte quadro indica todos os elementos d'esses themas:

1. *a*) raiz reduplicada ou
   b) uma raiz não reduplicada, quasi sempre com a vogal alongada;
2. depois da raiz um elemento *-i*, primitivamente longo em todas as pessoas, ao qual se juntam immediatamente as desinencias pessoaes na primeira pessoa singular e plural e na terceira singular;
3. um *-s*, que se colloca depois do elemento *-i* na segunda pessoa singular e plural e na terceira plural, mudando-se em *-r* na ultima.

É assim que temos, por exemplo:

pu-pug-ī
fēc-ī
pu-pug-ī-s-tī,
fēc-ī-s-tī,
pu-pug-ī-t
fēc-ī-t
pu-pug-ī-mus
fēc-ī-mus
pu-pug-ī-s-tīs,
fēc-ī-s-tīs,
pu-pug-ē-r-ont (por **pu-pug-ī-s-ont*),
fēc-ē-r-ont (por **fēc-ī-sont*).

1. *a*) Em sanskrito, grego, etc., o perfeito é produzido pela reduplicação, e esta deve ter sido o primitivo meio de formar o perfeito no indogermanico: a raiz repetida, seguida do thema pronominal exprimia a acção como completamente acabada: *vid vid ma* significaria «eu vi». No periodo historico das linguas indogermanicas as cousas não se passam d'um modo tão simples; a alteração phonica, o reforçamento vocalico, n'alguns casos a apparição de novos elementos entre a raiz e a desinencia pessoal veem complicar o primitivo processo.

Em latim apenas 27 formas do perfeito, que em parte pertencem á lingua archaica, apresentam reduplicação, que obedece aos seguintes principios phonicos:

A consoante inicial da syllaba de reduplicação permanece inalterada: *cĕ-cĭd-i, cĕ-cĭn-i, tŭ-tund-i, pŭ-pŭg-i, fĕ-felli*, etc. Quando a raiz começa por um dos grupos consonantaes *sc, st, sp* perde o *s*, que se mantem, todavia, na syllaba de reduplicação; assim: *sci-cid-i* por **sci-scid-i* da raiz *scid* (em *scind-o, scis-su-s*, etc.); *ste-ti* por **ste-sti* da raiz *sta*; *spo-pond-i* por **spo-spond-i* da raiz *spond*. É evidente que opera aqui a lei da dissimilação.

A consoante ou grupo consonantal por que termina a raiz não apparece na syllaba de reduplicação; assim: *pe-peg-i* e não **peg-pig-i, mo-mord-i* e não **mord-mord-i, to-tond-i* e não **tond-tond-i, pe-pend-i* e não **pend-pend-i*, etc.

Nas formas em que a primitiva vogal da raiz era *a*, a syllaba de reduplicação tem *e*; por exemplo: *ce-cin-i*, raiz *can*, cp. *can-tu-m*; *pe-pig-i*, raiz *pag*, cp. arch. *pag-i-t*; *te-tig-i*, raiz *tag*, cp. arch. *tag-o*; *ce-cid-i*, raiz *cad*, cp. *cad-o*; *pe-per-i*, raiz *par*, cp. *păr-io*; *pe-perc-i*, forma radical *parc*, cp. *parc-o*; *te-tin-i*, raiz *tan*, cp. skt. *tan-ō-mi*, *fe-felli*; cp. *fallo*; *pe-pend-i* de *pend-o*, *te-tend-i* de *tend-o*, em que a raiz tinha *a*; *de-di*, raiz *da*; *pe-pul-i*, raiz indogerm. *spar* (Corssen *kritische Beitr.* s. 308 f.); *pe-pēd-i*, raiz lat. *pad* por

pard, cp. skt. *pard-ē* pcdo; *te-tul-i*, raiz *tal*, cp. *tollo*, *tol-erare*, grego τάλ-α-ς, etc. Quando, porém, a vogal *o* por primitivo *a* se estabeleceu firmemente na raiz a syllaba, de reduplicação tem *o*: *mo-mord-i* de *mord-eo*, raiz indogerm. (e skt.) *mard* rasgar: *po-posc-i*, raiz lat. *porc*; cp. raiz skt. *prak'h* (o *sc* provém do suffixo do presente *ska*, unido intimamente com a raiz como succede frequentes vezes com os suffixos do presente), etc. Da lingua archaica conservam, entretanto, Nonio e Gellio as formas *memordi*, *peposci*, *spepondi*.

Quando a vogal da raiz é *i*, a syllaba da reduplicação tem tambem *i*; por exemplo: *sci-cid-i*, raiz *scid*; cp. *scindo* e raiz skt. *k'hid*; *di-dic-i-t*, raiz *dik*; *bi-bi* ao lado de *bi-bo*, raiz *pi* ao lado de *pa*. *ce-cīd-i* de *caed-o* tem *e* por causa do primeiro elemento do diphtongo *ae*.

Quando a vogal radical é *u*, a syllaba de reduplicação tem tambem *u*; assim: *pu-pug-i*, raiz *pug*, cp. *pungo*; *tu-tud-i*, raiz *tud*, cp. *tundo*; *cu-curr-i*, cp. *curro* (a raiz original é *kar*). Gellio offerece *pepugi*, *scecidi*, *cecurri*, com *e* segundo a tendencia geral do latim archaico.

b) Themas sem reduplicação.

Considerando principalmente a vogal da raiz n'estes themas e as suas relações com a vogal da raiz nos themas correspondentes do presente, dividil-os-hemos da seguinte maneira: 1) themas que apresentam alongada a vogal da raiz, breve no presente; taes são *scāb-i* de *scăb-eo*, *lāv-i* de *lav-o*, *fōd-i* de *fŏd-io*, *ēd-i* de *ĕd-o*, *lēg-i* de *lĕg-o*, *ēm-i* de *ĕm-o*, *sēd-i* de *sĕd-eo*, *vēn-i* de *vĕn-io*, *vīd-i* de *vĭd-eo*, *fūg-i* de *fŭg-io*; 2) themas em que ao *ă* do do presente corresponde *ē*; por exemplo: *fēc-i* de *făc-io*, *jēc-i* de *jăc-io*, *cēp-i* de *căp-io*, *ēg-i* de *ăg-o*; 3) themas com vogal radical longa, que teem ao lado formas do presente com vogal tambem longa: *strīd-i* ao lado de *strīd-eo*, *īc-i* ao lado de *īc-o*, *sīd-i* ao lado de *sīd-o*, *vīs-i* ao lado de *vīs-o*, *cūd-i* ao lado de *cūd-o*; 4) themas com vogal longa que tem ao lado formas do presente

com a vogal da raiz seguida de nasal (tambem o *a* do presente se muda n'este caso em *ē*): *frēg-i* ao lado de *frang-o*, *pēg-i* ao lado de *pang-o*, *vīc-i* ao lado de *vinc-o*, *līqu-i* ao lado de *linqu-o*, *rūp-i* ao lado de *rump-o*, *fūd-i* ao lado de *fund-o*; 5) themas com vogal radical breve ao lado de presente com vogal seguida de nasal; o unico exemplo é: *fĭd-ī* ao lado de *find-o*; 6) themas em que reapparecem a vogal radical do presente e as consoantes que a seguem sem alteração: *de-fend-i*, *ac-cend-i*, *mand-i*, *scand-i*, *pand-i*, *pre-hend-i*, *scand-i*, *lamb-i*, *vert-i*, *verr-i* (ao lado de *vers-i*), *vell-i* (ao lado de *vuls-i*), etc.

Ainda não ha uma explicação completa, satisfactoria d'essas formas sem reduplicação; as vistas de Schleicher s. 743 ff. (cf. Schweizer-Sidler *Zeitschrift* XVIII, 308-311) divergem muito das expressas por Corssen no seu livro, tantas vezes citádo, *kritische Beitr.* s. 530 ff., e, por ultimo, modificadas em a obra *über Ausspr.* I, 553 ff. (cf. 604 ff.). A questão enuncia-se n'estes termos: proveem todos os themas do perfeito simples sem reduplicação de themas formados primitivamente por meio da reduplicação? no caso affirmativo como desappareceu a reduplicação? deu-se sempre uma simples queda da syllaba de reduplicação ou houve n'alguns casos contracção d'esta syllaba com a da raiz? Essas questão complexa ainda não está resolvida, a nosso ver. É verdade que não conhecemos a obra de Scherer, *zur Geschichte der deutschen Sprache*, que dá uma nova explicação das formas simples do perfeito teutonico, explicação posta em connexão com as formas latinas de que se tracta, segundo Schweizer-Sidler no artigo citado. Para Schleicher todas as formas latinas em questão proveem de formas reduplicadas: n'umas houve simples queda da syllaba de reduplicação, n'outras contracção. Ás primeiras pertencem *tŭli* que occorre ao lado de *tĕtŭli*, *scĭdi* que tem ao lado *sci-cid-ĭ* e deveria decorrer d'uma epocha em que ainda se dizia **sci-scid-i*, *fĭd-i* de *fi-fĭd-i*. Em ver-

dade, a queda da syllaba de reduplicação não parece ser um facto muito difficil de admittir se observarmos, d'uma parte, que essa queda é regular nos verbos em ligaçãocom preposições; assim temos *com-peri* ao lado *pe-per-i*, *con-căd-i* ao lado de *ce-cid-i*, *oc-curr-i* ao lado de *cu-curr-i*. Ha algumas formas que fazem excepção á regra como *prae-cucurri*, *ac-cucurri*, além dos compostos de *sto* como *circum-ste-ti*, *re-sti-ti*, de *do* como *ab-di-di*, *con-di-di*, etc. Para maior desenvolvimento v. Neue II, 360 ff. D'outra parte correspondem, n'alguns casos, a formas latinas sem reduplicação formas reduplicadas nos outros idiomas indogermanicos; assim temos *fēc-i*, *fēc-e-rit* junto de osko *fe-fac-id*, *fe-fac-u-st*; *sēd-i* em frente de skt. *sa-sād-a*; *vīd-i* correspondendo a skt. *vi-vēd-a*, *līqu-i* a grego λε-λοιπ-α, *fūg-i* a grego πε-φευγ-α, *vēn-i* a osko *be-bn-u-st* (?), grego βε-βα-μεν, βε-βη-κα, got. *gag-gan*, *lēg-i* a grego λέ-λεγ-μαι. Como junto de *tu-tŭd-i* se nota *to-tond-i*, *tu-tūd-i*, Schleicher admitte que os themas do perfeito com *ā*, *ī*, *ū*, corespondendo a *ă*, *ĭ*, *ŭ* (ou a vogal seguida de nasal) do presente, taes como *scāb-i*, *vīd-i*, *fūg-i*, *rūp-i*, etc., proveem de formas reduplicadas com a vogal radical reforçada, por exemplo **sce-scāb-i*, **vi-veid-i*, **fu-fūg-i* ou **fe-fūg-i*, **ru-rūp-i* ou **re-rūp-i*. Vê tambem simples queda da syllaba de reduplicação nos themas do presente, como *cūd-i*, *pand-i*, *scand-i*, etc.; mas, para explicar as formas do perfeito em que á vogal *a* (ou *e*) breve ou seguida de nasal do presente corresponde *ē*, suppõe que a consoante ou grupo de consoantes inicial da raiz desappareceu, seguindo-se contracção da vogal da raiz com a da syllaba de reduplicação; assim, por exemplo, *fēc-i*, *frēg-i*, viriam de **fe-fic-i*, **fre-frig-i* (produzidas segundo a analogia de **te-tin-i*, *pe-pig-i*, *me-min-i*) por meio dos intermedios: **fe-ic-i*, **fre-fig-i*, *fre-ig-i*. Segundo esta explicação, em *fēc-i*, *jēc-i*, teria cahido um *c* entre vogaes, em *frēg-i*, a articulação *fr*, em *cēp-i* um *p*, em *ēg-i* um *g*, em *lēg-i* um *l*,

etc. Corssen *über Ausspr.* I, 562 n. apresenta algumas objecções á opinião de Schleicher. Para Corssen todas as vogaes radicaes longas do perfeito, tanto em *tu-tūd-i*, etc., como *fēc-i*, *ēg-i*, etc., resultam pura e simplesmente do reforçamento vocalico. Emquanto á questão se as formas sem reduplicação proveem de formas reduplicadas eis o que elle nos diz (*über Ausspr.* I, 560): «Não se pode defender a crença de que a reduplicação seja um elemento primitivo e necessario da formação de qualquer perfeito depois que se provou que no mais antigo sanskrito se acham frequentes formas sem reduplicação que em epocha posterior a lingua apresenta reduplicadas.» A isto objecta Schweizer-Sidler no art. cit., dizendo: «A lingua dos vedas é relativamente moderna, e sabemos sufficientemente que n'ella se encontram formas prakriticas. O sanskrito classico, porém, submetteu a lingua á disciplina e expelliu as producções e alterações dialectaes. Corssen não tem certamente idea de negar a antiguidade do augmento em certas formas que carecem d'elle nos vedas ou em Homero, emquanto o possuem na lingua classica.» Corssen diz ainda: «Poder-se-hia concluir dos perfeitos reduplicados do grego e do sanskrito, que ajuntam as desinencias pessoaes por meio da vogal de formação -*ă* ao thema verbal reduplicada, para a queda da syllaba de reduplicação das formas do perfeito latino em -*ī* com a vogal da raiz reforçada, que proveem das mesmas raizes que aquelles, se se provasse que a formação d'aquelle perfeito grego e sanskrito era a mesma que a d'este perfeito latino. Mas, pois, tal não é o caso e ao contrario abaixo será mostrado que a formação do perfeito italico é differente da do grego e sanskrito, assim de modo algum se pode concluir de λέ-λοιπ-α, πέ-φυγ-α, que *līqu-ī*, *fūg-ī* tenham perdido uma syllaba de reduplicação. Está-se tão pouco auctorisado a isso que dentro dos limites particulares do latim só se domonstra a queda da syllaba de reduplicação em duas formas do perfeito com vogal breve, a saber, em *scĭd-ī*, *tŭl-ī* pelas archaicas

sci-cĭd-i (*scĭ-scĭd-i*), *tĕ-tŭl-ī.*» Examinemos agora o resultado das investigações de Corssen sobre o elemento -*ī* do perfeito latino.

2. As terminações do antigo perfeito latino são:

-*ī*,	-*ei*,	
-*ī-s-ti*,	-*ei-s-tī*,	
-*ī-s-tei*,		
-*ī-t*,	-*ei-t*,	-*ē-t*,
-*ĭ-mus*,		
-*ī-s-tis*,		
-*ī-se* (?)		-*ē-r-ont*, *ē-re*,
		-*ē-r-unt*,
		-*ĕ-r-unt*.

(Corssen ob. cit. 608). Essas formas são determinadas pela inspecção das inscripções e a metrica dos fragmentos da antiga poesia latina (id. 608 ff.). N'essas inscripções *ei* não indica propriamente um diphtongo mas uma vogal longa intermedia entre *ē* e *ī*, como mostram as formas das antigas inscripções: *fec-ī-t*, *cep-ī-t*, *fu-ī-t*, *ded-ī-t*, *de-dē-t*, *fu-ē-t*, etc. A analogia e a historia da accentuação latina levam Corssen a admittir que o *i* da primeira pessoa do plural era primitivamente longo; assim *dé-dĭ-mus*, *díc-sĭ-mus* vieram de *dé-dī-mus*, *dic-sī-mus*. Qual é a origem e a natureza d'esse *ī*, elemento formativo do perfeito latino? Corssen vê n'elle com Aufrecht o mesmo elemento que apparece no quinto aoristo activo sanskrito, e por consequencia um elemento inteiramente diverso do *ă* que apparece no perfeito sanskrito e grego. Esse aoristo sanskrito tem no singular as terminações: 1.ª pess. -*ī-m* junto de -*ī-sham*, -*i-sham*, 2.ª pess. -*ī-s* junto de -*ī-shi*, -*i-shi*, 3.ª pess. -*ī-t*; no plural: 1.ª pess. -*i-shma*, 2.ª pess. -*i-shṭa*, 3.ª pess. -*i-shu-s*, isto é, apresenta no singular o *i* formativo alongado, que apparece breve no plural. Em sanskrito são numerosos os casos em que o reforçamento d'um elemento formativo de thema verbal (raiz ou suffixo) se limita ao singular; o latim ao contrario

extende em regra esse reforçamento ao plural. Nas paginas precedentes encontram-se exemplos d'este phenomeno. Mas a explicação de Corssen, que está de accordo, indubitavelmente, com as regras do vocalismo latino, exclue outra qualquer? Não poderá, por exemplo, o ī formativo do perfeito latino ter origem nò ă formativo do perfeito sanskrito e grego? O proprio sabio cujas opiniões sobre o perfeito latino estamos examinando nos fornece meio de o criticarmos n'este ponto, pois admitte que no ī longo, desinencia thematica do presente do indicativo, tal como se mostra nas medidas archaicas *scrībis*, *ponīt*, *percipīt*, *sinīt*, *agīt*, *figīt*, *defendīt*, *facīt* haja reforçamento vocalico e que esse ī corresponda ao ă que se encontra nas terminações sanskritas *-a-si*, *-a-ti* (*über Ausspr.* I, 599 ff.). Schweizer-Sidler faz valer contra a opinião de Corssen de que o perfeito latino não seja propriamente um perfeito, senão um aoristo, a significação dos tempos: «O sanskrito e o teutonico, diz elle, usam sem duvida a forma do perfeito aoristicamente, mas nunca o sanskrito e o grego, o aoristo para a expressão do presente consummado.» Outras objecções ainda suscita a opinião de Corssen, e em geral pode dizer-se que a questão se as formas não reduplicadas do perfeito latino proveem ou não sempre de formas reduplicadas não se acha resolvida por elle n'um sentido ou n'outro, assim como não nos convencem as suas investigações de que no chamado perfeito latino haja realmente um aoristo. A questão do perfeito latino ou é insoluvel ou exige para ser resolvida novas investigações.

3. Resta-nos fallar no elemento *-s* que apparece na segunda pessoa do singular e do plural. O *r* da terceira do plural nasce evidentemente de *s* como provam a forma archaica *co-em-ī-se* por **co-em-ī-s-ont* (cp. *em-e-re* por *em-e-r-unt*) e o umbrico *ben-ū-s-o* por **ben-ū-s-ont* = lat. *ven-ē-r-unt*, *co-vort-ū-s-o* por **co-vort-ū-s-ont* = lat. *con-vert-ē-r-unt* (Corssen *über Ausspr.* I, 612). N'esse *-s* vê a grammatica comparativa resto da raiz *es*

(ser), que entra tantas vezes em composição nas formas verbaes das linguas indogermanicas.

Os unicos perfeitos simples em - *i* que passaram do latim para o portuguez são os seguintes:

1. perfeito da raiz *da*:

sing. 1.ª *de - i* de *de - (d) - i* [1],
2.ª *de - s - te* *de - (d) i - s - ti*,
3.ª *de - u* *de - (d) i - (t)*, influenciado pelas formas do perfeito composto dos derivados em *e* (*deveu*, etc.),

plur. 1.ª *de - mos* *de - (d) i - mos*,
de - s - tes *de - (d) i - s - tis*,
de - r - am *de - (d) e - r - ont*.

2. perfeito da raiz *ven*:

sing. 1.ª *vim* de *vēn - (i)*.

Nas formas *vieste*, *veiu* (de *veo* DDin. 147 por * *veno*) [2], *viemos*, *vieste*, *vieram* parece manifestar-se o cuidado de evitar a confusão do perfeito da raiz *ven* com o perfeito da raiz *vid* (n. 3), pois de *ven - i - s - ti* melhor viria *vi - s - te* que *vi - é - s - te*, etc.; ao mesmo tempo nota-se a influencia da analogia dos perfeitos compostos dos derivados em - *ē*, e não dos derivados em - *i*, o que é singular por o verbo soar no infinito *vir*; cp. o seguinte, em que o contrario se observa.

3. perfeito da raiz *vid*:

sing. 1.ª *vi* de *vi (d) - i*,
2.ª *vi - s - te* *vi (d) - i - s - te*,
3.ª *vi - u* (por analogia dos derivados em - *i*, como *vesti - u*, etc.),

[1] Encerramos em parenthese as lettras latinas que desapparecem em portuguez.

[2] Em FCast. p. 861 occorre como forma da terceira pessoa singular *vino* que está por * *veno* de * *vene* (= lat. *veni*); cp. *a - veno* em Aff. X, cast. *a - vino* ant. *fezo*, *poudo*, *houvo*, *diso* por *fez (e) poude*, *houve*, *disse*.

plur. 1.ª *vi-mos* de *vi (d)-i-mus*,
2.ª *vi-s-tes* *vi (d)-i-s-tis*,
3.ª *vi-r-am* *vi (d)-ē-r-unt*;

4. perfeito da raiz *fu*:
sing. 1.ª *fu-i* de *fu-i*,
2.ª *fo-s-te* *fu-(i)-s-ti*,
3.ª *fo-i* *fu-i-(t)*,
plur. 1.ª *fo-mos* *fu-(i)-mus*,
2.ª *fo-s-tes* *fu-(i)-s-tis*,
3.ª *fo-r-am* *fu-(e)-r-unt*.

Algumas divergencias no antigo portuguez: sing. 1.ª pess. *foy* DDin. 6 mas *fui* id. 5. 25; 3.ª pess. *fuy* DDin. 118, *fui* doc. era 1298 Rib. I, 277, mas *foy* DDin. 11, etc., *fou* doc. era 1310 Rib. I, 282, *fu* FCast. p. 863 (*foy* id. p. 876), *foe* Claro p. 176.

5. perfeito da raiz *fac*:
sing. 1.ª *fiz* de *fēc-(i)*
2.ª *fiz-e-s-te* *fēc-i-s-ti*
3.ª *fez* *fēc-(i)-(t)*
plur. 1.ª *fiz-é-mos* *fēc-ĭ-mus*
2.ª *fiz-e-s-te* *fēc-i-s-ti*
3.ª *fiz-e-r-am* *fēc-e-r-unt*.

Nota-se n'estas formas portuguezas 1) que o *ē* latino da raiz na primeira pessoa singular se acha representado por *i*, para a distinguir da terceira pessoa singular que conserva a vogal *e*; 2) que nas syllabas não accentuadas o *ē* latino da raiz que se acha mudado em *i* por analogia da primeira pessoa singular; 3) a mudança de accentuação na primeira pessoa plural, segundo a analogia geral das formas d'essa pessoa no perfeito portuguez, em que ella é accentuada na penultima (*comémos*, *dissémos*, *partímos*, etc.). Algumas divergencias no antigo portuguez: sing. 1.ª pess. *fezi* FCas. p. 867, *fize* TCant. 91, HGer. 124, FCast. p. 859, com o artigo: *fizi-o* AApost. 26, 24, *fize-o* id. 23, 30; *fige* (*z* mudado em *ģ*) TCant. 85, GVic. I, 135, Leges p. 375, mas *fiz* já em DDin. 191; 3.ª pess.

fece no mais antigo doc. em portuguez Rib. I, 273; *feze* LLinh. I, 164, Lopes c. 32; com o artigo ou pronome: *feze-a* TCant. 108, *feze-o* AApost. 7, 10, LLinh. I, 161, HGer. c. 10, *feze-lhe* HGer. c. 104, *feze-lhes* AApost. 7, 26; *fege* (*z* mudado em *ĝ*) LLinh. I, 164; *fezo* (*e* mudado em *o* por analogia dos perfeitos compostos cuja terceira pessoa singular termina em *o*, *u*: *vendeo* (ou *vendeu*), *deo* (*deu*), *vestio* (*vestiu*), etc.) TCant. 37, FCast. p. 859, mas *fez* já em TCant. 1. 15, LLinh. I, 164, AApost. 7, 10, etc.

THEMAS DO IMPERFEITO

Em latim apenas ha dois themas simples do imperfeito: o do imperfeito da raiz *es*, *er-ā-* por **es-ā́-*, e o do imperfeito da raiz *fu*, *-b-ā-* por **fu-a*. O ultimo é só empregado em composição (*leg-ē-b-a-m*, etc.). Ha duas opiniões ácerca d'estes themas do imperfeito. Schleicher s. 808 f. pensa que esse imperfeito é formado, como o imperfeito lituanico, juntando-se á raiz as formas do presente dos verbos derivados em *-ā*, primitivo *-aja*; assim *er-ā-m*, *er-ā-s*, *er-ā-t* como *sēd-ā-s*, *sēd-ā-t*, etc. Corssen *über Ausspr.* I, 595 ff. explica d'outro modo as formas em questão; e a sua demonstração tem muito mais a seu favor que a de Schleicher. Segundo Corssen *er-a-m* não pode separar-se de skt. *as-a-m*, grego *ἦ-α*, zend *ah-a*. Em sanskrito, grego e antigo baktrico ha um imperfeito simples, que tem *-ă* por vogal formativa, assim em skt. *a-bhar-a-m*, *a-bhar-a-s*, *a-bhar-a-t*. Esse *-ă* em grego abranda em *-ι*, *-ο*: ἔ-φερ-ο-ν, ἔ-φερ-ε-ς, ἔ-φερ-ε; em sanskrito, porém, é reforçado na primeira pessoa do dual e do plural: *a-bhar-ā-va*, *a-bhar-ā-ma*. Do mesmo modo se formou um imperfeito da raiz *es* (ser) de que em sanskrito só se conservou *ās-a-m* eu era, e em antigo baktrico só *ah-a* elle era, *aṇh-a-ḍ* elles eram. Em grego, lingua que conserva quasi todas as formas d'esse tempo, o elemento *-a* foi n'algumas pessoas reforçado; em latim em todas; assim temos:

grego ἦ-α,	ἔ-ο-ν,	lat. *er-ā-m,*
	ἔ-α-ς, ἔ-η-σθα,	*er-ā-s,*
ἦ-ε-ν,	ἤ-η-ν, ἔ-η-ν,	*er-ā-t,*
		er-ā-mus,
	ἔ-α-τε,	*er-ā-tis,*
ἦσ-α-ν,	ἔσ-α-ν,	*er-ā-nt.*

Do mesmo modo se formou um imperfeito da raiz *bhu, fu* que em italico devia soar

**fu-ā-m,*	**fu-ā-mus,*
**fu-ā-s,*	**fu-ā-tis,*
**fu-ā-t,*	*fu-ā-nt.*

e que, conforme á phonica latina, se mudou em composição em

-b-a-m,	*-b-ā-mus,*
-b-ā-s,	*-b-ā-tis,*
-b-ā-t,	*-b-a-nt,*

Sobre *b* de *f* v. ob. cit. 161 ff.

Em portuguez o imperfeito da raiz *es* é:

sing. 1.ª *er-a*
2.ª *er-a-s*
3.ª *er-a*
plur. 1.ª *ér-a-mos*
2.ª *ér-e-is* (ant. *ér-a-des*),
3.ª *ér-a-m.*

No plural houve pois mudança do accento do *a* formativo para a raiz. Sobre o destino do imperfeito da raiz *fu* nos themas compostos em a nossa lingua vede mais abaixo.

THEMAS COMPOSTOS

1. Themas do perfeito em *-si* e *-ui* ou *-vi.*

As formas simples do perfeito latino parecem provir d'uma epocha muito antiga; a lingua deve ter por isso perdido cedo consciencia do processo d'essas formações; ora como ellas não offereciam um typo adequado para a analogia, o latim teve que recorrer a um novo processo para formar novos

themas do perfeito; aqui, como succede sempre no periodo de decadencia das linguas, o unico meio que se offerecia era a composição. Os perfeitos das duas raizes *es* e *fu*, que já vimos e veremos ainda figurar em composição nas formas verbaes, foram naturalmente os meios que o genio da lingua achou para realisar a nova formação.

Da raiz *es*, pelo processo de fomação de themas simples do perfeito latim, produzira-se um thema **es-es-ī*, d'onde **s-es-ī*. Este **se-s-ī* não apparece nunca isolado em latim; a lingua contentou-se com *fu-ī*, como no imperfeito se contentou com *er-a-m* e poz de lado **fu-a-m*. De **s-es-i*, valendo sempre a syllaba *s-e* como a syllaba de reduplicação veiu *s-ī*, que em composição principalmente é perfeitamente conforme ás tendencias da lingua (cf. p. 88) e esse *s-ī* juntou-se a raizes verbaes e ás vezes a themas do presente, para formar themas do perfeito. *si* apparece regularmente depois de guttural, dental e labial: *duc-si*, raiz *duc*, pres. *duc-o*; *dic-si*, raiz *dic*, pres. *dic-o*; *coc-si*, raiz *coqv*, pres. *coqu-o*; *al-lec-si*, raiz *lac*, pres. *al-lic-io* (cp. *lac-io*); *spec-si*, raiz *spec*, pres. *spic-i-t* (arch.); *nec-si*, raiz *nec*, pres. *nec-to*; *pec-si*, raiz *pec*, pres. *pec-to*; *plec-si*, raiz *plec* (*plic-o*), pres. *plec-to*; *vi-n-c-si*, thema do pres. *vi-n-c-i* por **vic-ni-t*; *luc-si*, raiz *luc*, pres. *luc-eo*; *anc-si* de **ang-si*, pres. *ang-o*; *cinc-si* de **cing-si*, pres. *cing-o*; *finc-si* de **fing-si*, pres. *fing-o*; *fic-si* de **fig-si*, pres. *fig-o*; *af-flic-si* de **af-flig-si*, pres. *af-flig-o*; *fric-si* de **frig-si*, pres. *frig-o*; *rec-si* de **reg-si*, pres. *reg-o*; *trac-si* de **trah-si*, raiz *trah*, pres. *trah-o*; *vec-si* de **veh-si*, raiz *veh*, pres. *veh-o*; *mi-si* de **mit-si*; pres. *mit-to*; *per-cus-si* de **per-cut-si*, pres. *per-cut-io*; *clau-si* de **claud-si*, pres. *claud-o*; *lae-si* de **laed-si*, pres. *laed-o*; *lū-si* de **lud-si*, pres. *lud-o*; *rā-si* de **rad-si*, pres. *rad-o*; *trū-si* de **trud-si*, pres. *trud-o*; *carp-si*, *carp-o*; *clep-si*, pres. *clep-o*; *rep-si*, pres. *rep-o*; *serp-si*, pres. *serp-o*; *nup-si* de **nub-si*, pres. *nub-o*;

scrip-si de **scrib-si*, pres. *scrib-o*, etc. N'estas formas do perfeito e nas outras similhantes é por assimilação que as sonantes *g*, *h*, *b* se mudam respectivamente em as aphonas *c*, *p* deante da aphona *s*, e por dissimilação que a dental *d* cae diante da sibilante do mesmo orgão *s*, queda que se nota em *divī-si* comparado com *divĭd-o*. A guttural cae entre *l* ou *r* e *-si*: *al-si* de **alg-si*, pres. *alge-o*; *ful-si* de **fulg-si*, pres. *fulg-eo*; *indul-si* de **indulg-si*, pres. *indulg-eo*; *ful-si* de **fulc-si*, pres. *fulc-io*; *mer-si* de **merg-si*, pres. *merg-o*; *tor-si* de **torc-si*, pres. *torqu-o*, etc.

Depois de *l* apparece *-si* só em *vul-si*, pres. *vello*; depois de *n* só em *man-si*, pres. *man-eo*. Quando as formas radicaes ou thematicas a que se junta *-si* terminam em *m*, a lingua, afim de evitar a ligação consonantal *ms*, introduz entre estes dous sons um *p*; assim *sum-p-si* por **sum-si*, pres. *sum-o*; *dem-p-si* por **dem-si*, pres. *dem-o*; *prom-p-si* por **prom-si*, pres. *prom-o*; *com-p-si* por **com-si*, pres. *com-o*; *con-tem-p-si* por **con-tem-si*, pres. *tem-no*, raiz *tem*. Em *jus-si* por **jub-si*, pres. *jub-eo*, e *pres-si* por **prem-si* ou **prem-p-si*, pres. *prem-o*, notam-se assimilações desusadas, produzidas talvez, como pensa Schleicher s. 828, pela analogia dos themas mais frequentes em dental. Em *us-si*, raiz *us*, permanece o *s* primitivo que no presente se acha mudado em *r* (*ūr-o*), e o *s* das raizes *haes*, *haus* que nas formas do presente se acha tambem mudado em *r* (*haer-eo*, *haur-io*) e o *s* de *-si* reduziram-se a um só *s*: *haesi*, *hausi* por **haes-si*, **haus-si* (cf. Corssen *über Ausspr.* I, 282 f.). Em *vic-si* por **vig-si* (cp. *vigēre*), *fluc-si* por **flug-si* (cp. *con-flug-es*) nota-se um *g* que não apparece nas formas do presente *vīv-o*, *flu-o*. A raiz do primeiro verbo é *gvig* (cp. gotico *quick*); em latim um *v* nasce muitas vezes adeante de *g*; d'ahi a raiz na forma *gvigv* no presente, e na forma *gvig-* no perfeito; *v* repelle o *g*; assim *viv-o* de **gvigv-o* e **vig-si* de **gvig-si* (v. Corssen *kritische*

Beitr. s. 72 f.); o *g* de **flug-si*, *con-flūg-es*, que não apparece em *flu-o*, *flu-viu-s*, etc., é, segundo Schleicher s. 243 um determinativo da raiz, de modo que duas formas radicaes existiam uma ao lado da outra: *flu* e *flug* (cp. grego φλυ e φλυγ); o verbo *flu-ere* existira ao lado de outro **flu-g-ere*; do primeiro conservou-se o presente e tempos subordinados, do segundo o perfeito. A um processo similhante deve existencia, segundo Corssen ob. cit. 71 f., o perfeito *struc-si* junto do presente *stru-o*. Da raiz *star* (em *ster-no*, etc.) por meio d'um vogal de formação *ū*, que se vê tambem em *in-strū-mentum*, e o suffixo *a* do presente, formar-se-hia o thema *strui-*; do thema verbal *strū*, d'outro lado, derivar-se-hia um thema nominal *stru-īc-*, como *rad-īc-* de raiz *rad* (*stru-ic-* occorre em *struices* Fest. p. 310, etc.); de *stru-īc-* pela contracção de *ui* em *u* viria *struc-* d'onde um verbo *struc-e-re*, a que *struc-si*, *struc-tu-s* se ligam. Esta explicação de Corssen conserva todavia um caracter conjectural (cf. Curtius *Grundzüge* s. 195).

O antigo portuguez offerece dois perfeitos em *-si* o da raiz *dic* e o da raiz *duc* (*duxerun* FCast. p. 864 = lat. *duxerunt*); hoje só se conserva o primeiro:

sing.	1.ª	*dis-s-e*	de *dic-s-i*,
	2.ª	*dis-s-e-s-te*	*dic-s-i-s-ti*,
	3.ª	*dis-s-e*	*dic-s-i-(t)*,
plur.	1.ª	*dis-s-é-mos*	*díc-s-i-mus*,
	2.ª	*dis-s-e-s-tes*	*dic-s-i-s-tis*,
	3.ª	*dis-s-e-r-am*	*dic-s-e-r-unt*.

No antigo portuguez occorre uma forma *disso* ou *dixo* (FCast. p. 885; etc.), produzida como *fezo*, *soubo*, *quiso*, etc.

Passemos agora á analyse das formas do perfeito em *-ui*, *-vi*. A identidade de *-ui* e *-vi* é evidente: quando precede consoante a pronuncia pede *-ui*, quando precede vogal a pronuncia pede *-vi*, segundo a regra. Bopp foi o primeiro a ver em *-ui*, *-vi* o thema do perfeito da raiz *fu*. Eis os principaes factos que demonstram a verdade d'essa explicação:

1. o umbrico offerece formas do perfeito em que *-fei* corresponde ao latim *-ui*, *-vi*; assim *piha-fei* = lat. *pia-vi*; este *-fei* provem de *fu-ei* = lat. *fu-ī* (por **fu-ei*); o *f* conservou-se o *u* foi repellido. Nas formas umbricas *i-u-st* = lat. *i-ve-rit*, *ben-u-s-t* (venerit), *fak-u-st* (fecerit) o *f* foi repellido, o *u* conservado; nas formas *ampr-ē-fu-s* = lat. *amb-ī-ve-rit*, *ambr-ē-fu-rent* = lat. *amb-ī-ve-rint* a raiz *fu* apparece intacta;

2. em latim é um phenomeno conhecido a mudança de *f* em *h* que por fim deixa de se pronunciar e até de se escrever; assim temos os grupos *faedus haedus aedus*, *folus helusa olus*, *fordeum hordeum ordeum*, sabin. *fasena* lat. *harena arena*, etc. Assim explica-se perfeitamente como de uma forma **ama-fui* tenham vindo successivamente **ama-hui*, **ama-ui*, *ama-vi*;

3. o verbo *pos-su-m* é, como sabem todos os que apprenderam um pouco de latim, composto de *pot* por **potis* e *su-m*; d'ahi temos regularmente *pot-eram*, *pot-ero*, etc.; mas no perfeito em vez de **pot-fui*, que era natural esperar, apparece *pot-ui*; aqui o processo da formação do perfeito em *-ui* por *-fui* mostra-se em toda a clareza.

Em latim a forma *-vi* junta-se em regra aos themas do presente dos verbos derivados em *-ā*, *-ē*, *-ī* para formar o perfeito; assim: *amā-vi*, *alienā-vi*, *arā-vi*, *durā-vi*, *laudā-vi*, *levā-vi*, *liberā-vi*, *mandā-vi*, *meā-vi*, *monstrā-vi*, *necā-vi*, *negā-vi*, *notā-vi*, *plorā-vi*, *abolē-vi*, *delē-vi*, *andī-vi*, *expedī-vi*, *lenī-vi*, *mugī-vi*, *polī-vi*, *salī-vi*, *sepelī-vi*, *sopī-vi*. Muitos verbos em *-ā*, *-ē*, *-ī*, porém, não apresentam no thema do perfeito composto o suffixo de derivação *-ā*, *-ē*, *-ī*, juntando immediatamente a forma *-ui* á raiz ou forma radical; isto é sobretudo frequente nos verbos em *-ē*. Exemplos: *crepā-re crep-ui* e não **crepā-vi*, *domā-re dom-ui*, *micā-re mic-ui*, *secā-re sec-ui*, *sonā-re son-ui*, *tonā-re ton-ui*, *vetā-re vet-ui*; *arcē-re arc-ui*, *calē-re cal-ui*, *carē-re car-ui*, *debē-re deb-ui*, *docē-re doc-ui*, *dolē-re dol-ui*,

florē-re flor-ui, jacē-re jac-ui, licē-re lic-ui, madē-re mad-ui, monē-re mon-ui, nocē-re noc-ui, patē-re pat-ui, rubē-re rub-ui, silē-re sil-ui, studē-re stud-ui, tacē-re tac-ui, tenē-re ten-ui, valē-re val-ui, virē-re vir-ui; *aperī-re aper-ui, salī-re sal-ui.* N'alguns casos o mesmo verbo tem as duas formas; assim *applicā-vi* e *applic-ui, necā-vi* e *nec-ui* Prisc. 9, 7, 34, *discrepā-vi(t)* Varro ling. lat. 8, 38, 69 e *discrep-ui, domā-vi* Charis. 5, 7, 4 e *dom-ui.* Essas formas em *-ui* resultam de formas em *-ā-vi, -ē-vi, -ī-vi* em virtude de uma pura alteração phonica, o que Schleicher s. 829 f. se inclina a crer, ou são produzidas por analogia das formas correspondentes dos verbos primitivos? A possibilidade da contracção de *necā-vi* em *nec-ui* de **monē-vi* em *mon-ui*, etc., tem a seu favor uma forma *po-sī-vi* ao lado de *pos-ui*; mas preferimos recorrer á analogia para explicar essas formas em *-ui.* Deve-se ainda observar que é possivel que n'alguns casos essas formas em *-ui* provenham de verbos primitivos que ou se completaram com derivados da mesma raiz ou tomaram em parte a forma de derivados. Não poucos verbos primitivos teem perfeito em *-ui, -vi* que se juntam immediatamente á raiz. Exemplos: 1) perfeitos em *-ui*: *col-ui*, thema do pres. *col-i-*; *con-sul-ui*, thema do pres. *con-sul-i-*; *frem-ui*, thema do pres. *frem-i-*; *trem-ui*, thema do pres. *trem-i-*; *vom-ui*, thema do pres. *vom-i-*; *gen-ui*, thema do pres. *gi-gn-i-*, raiz *gen* (*gan*); *gem-ui*, thema do pres. *gem-i-*; *oc-cul-ui*, thema do pres. *oc-cul-i-*; *al-ui*, thema do pres. *al-i-*; *mol-ui*, thema do pres. *al-ui-*; *ser-ui*, thema do pres. *ser-i-*. A forma *-ui* no perfeito dos verbos primitivos é muito rara depois de consoante que não seja liquida; nota-se em *rap-ui*, thema do pres. *rap-io-*; *sap-io-*, thema do pres. *sap-io-*; *strep-ui-*, thema do pres. *strep-i-*; *stert-ui*, thema do pres. *stert-i-*; *tex-ui*, *tex-i-*; 2) perfeitos em *-vi*: *pā-vi*, thema do pres. *pa-sci-*, raiz *pa*; *nā-vi*, thema do pres. *nā-*, raiz *na*; *strā-vi*, thema do pres. *ster-ni-*, raiz *star*; (*g*)*nō-vi*, thema do

pres. (*g*)*n-osci-*, raiz *gna*; *sē-vi*, thema do pres. *se-ri-*, raiz *sa*; *crē-vi*, thema do pres. *cer-ni-*, raiz *skar*; *crē-vi*, thema do pres. *cre-sci-*, raiz *car*; *trī-vi*, thema do pres. *ter-i-*, raiz *tar*; *sī-vi*, thema do pres. *sī-ni-*, raiz *si*; *po-sī-vi*, thema do pres. *po-si-ni-*, raiz *si*; *lī-vi*, thema do pres. *li-ni-*, raiz *sli*; *ī-vi*, thema do pres. *e-o*, raiz *i*; *plū-vi-*, thema do pres. *plu-i-*, raiz *plu*; *nē-vi*, thema do pres. *nē-*; *flē-vi*, thema do pres. *flē*.

Em *lū-i*, thema do pres. *lu-i-*; *nū-i*, thema do pres. *nū-i-*, *sū-i*, do thema do pres. *su-i-*, vê Corssen *über Ausspr.* I, 330. 551, queda de *v*; assim *lū-i* está por **lu-vi*, *nū-i* por **nu-vi*, e o mesmo se dá com os outros. Segundo aquelle profundo investigador tambem nos perfeitos de verbos primitivos *spu-i*, *ex-u-i*, *ind-u-i*, *im-bu-i*, *ru-i*, *in-gru-i*, e nos perfeitos de verbos derivados em *-u*, *acu-i*, *argu-i*, *tribu-i*, *minu-i*, *de-libu-i*, *futu-i*, *statu-i*, *sternu-i*, *metu-i*, *batu-i*, se perdeu o *v* da forma *-vi*. Esses themas, que teem a apparencia de formações simples, são pois compostos na opinião d'aquelle sabio, que se funda sobre o facto perfeitamente demonstrado na phonica latina da queda de *v* entre vogaes (v. p. 103). A ligação *uv*, *vu* era particularmente desfavorecida do orgão latino. Sobre esse facto firma Corssen a sua explicação das formas *nāv-i*, *fāv-i*, *pāv-i*, *cāv-i*, *mōv-i*, *vōv-i*, *jūv-i*, que olha como provenientes de formas em *-ui*, pela queda do *u*, seguida de alongamento da vogal radical pela analogia das formas simples como *lāv-i*, *vēn-i*, *vīd-i*; assim *nāv-i* de **nav-ui*, *fāv-i* de *fav-ui*, etc. É claro, apesar de tudo, que é muito difficil traçar n'este caso uma linha divisoria completa entre as formas simples e as formas compostas.

É evidente que o perfeito *fu-i* é uma formação simples, que não resulta de **fu-vi* por **fu-fu-i*, aqui hypothese absurda, pois para explicar *fu-i* recorreriamos então a um composto em que elle já existe na sua forma simples (Corssen ob. cit. 321). Corssen vê em *fu-ī* um

perfeito formado da raiz *fŭ*, cujo *ŭ* breve apparece em *fŭ-tu-ru-s*, por meio do reforçamento vocalico e da adjuncção do elemento formativo *-ī*: assim **fau-ī*, **fou-ī*, cujo *ou* d'um lado se fundiu em *ū*, conservado em *fū-i* nos antigos poetas dramaticos, emquanto o *u* d'outro lado se consonantisava em *v* diante da vogal seguinte na forma **fev-i*, de que se conservou *fov-e-rint* (lex. ant. Macrob. Sat. I, 4); depois o *ū* de *fū-i* abreviou-se quando no latim se tornou regra a que só subsistisse vogal breve deante de outra vogal. Mas, diremos contra Corssen e com Schweizer-Sidler loc. cit., não podemos admittir para *plū-i*, *nū-i* e similhantes uma egual explicação? Como da raiz *fŭ* se formou um perfeito **fov-i*, assim das raizes *plu*, *nu* poderiam formar-se os perfeitos **plou-i*, **nou-i*, d'onde *plū-i*, *nū-i*, depois mudados em *plŭ-i*, *nŭ-i*. Schweizer-Sidler na sua critica de Corssen observa com muita razão que dos verbos como *plu-o*, etc. não pode separar-se **fu-o*, por causa de *fŏ-re*, infinito regular da raiz *fu*. Para fazer admittir a existencia d'uma forma **plū-vi* d'onde *plū-i*, allega Corssen s. 551 a forma *pluuerat* Plaut. Men. prol. 63, que, conforme ás suas ideas, escreve *plū-v-erat*; mas nota o mesmo critico que *pluuerat* e formas similhantes são ou modos de escrever como *fluvius* em vez de *flovius* ou que o *u* longo é indicado pela duplicação da vogal; segundo elle, tambem occorre o modo de escrever *fuuimos*, que de modo algum pode auctorisar a conjectura da existencia d'um **fū-vi-mus* [1].

A diversidade de formas do perfeito latino desapparece quasi totalmente em portuguez; a nossa lingua acceita do latim, modificando-o phonicamente, o typo do perfeito dos verbos derivados em *-ā-vi*, *-ē-vi*, *-ī-vi*, e conforma a

[1] Da nossa exposição dos resultados adquiridos ácerca do perfeito latino, das observações com que a acompanhamos, conclue-se que, se muitas questões importantes se acham n'esta parte perfeitamente resolvidas, outras carecem ainda de ser profundadas e vistas por todos os lados.

esse typo quasi todos os verbos tanto derivados como primitivos. Indicamos já o que restava n'ella das formas simples em -*i* e das compostas em -*si*; das formas em -*ui* apenas se nota um pequeno numero que abaixo indicaremos; tiradas essas formas, por assim dizer, excepcionaes, todas as outras seguem aquelle typo. Vejamos agora porque modificações phonicas passou este.

1. Terminações do perfeito dos verbos em -*ā* (port. -*a*; primeira conjugação latina e portugueza):

		lat.	port.
sing.	1.ª	-*ā*-*vi*	-*e*-*i*
	2.ª	-*ā*-*vi*-*s*-*ti*	-*a*-*s*-*te*
	3.ª	-*ā*-*vi*-*t*	-*o*-*u*
plur.	1.ª	-*ā*-*vi*-*mus*	-*á*-*mos*
	2.ª	-*ā*-*vi*-*s*-*tis*	-*a*-*s*-*tes*
	3.ª	-*ā*-*ve*-*r*-*unt*	-*á*-*r*-*am*

Exemplo: port. *am*-*e*-*i* = lat. *am*-*ā*-*v*-*i*, port. *am*-*a*-*s*-*te* = lat. *am*-*ā*-*vi*-*s*-*ti*, port. *am*-*o*-*u* = lat. *am*-*ā*-*vi*-*t*, port. *am*-*á*-*mos* = lat. *am*-*ā*-*vi*-*mus*, port. *am*-*á*-*s*-*tes* = lat. *am*-*ā*-*vi*-*s*-*tis*, port. *am*-*á*-*r*-*am* = lat. *am*-*ā*-*ve*-*r*-*unt*.

Pela queda da desinencia pessoal da terceira pessoa singular produziu-se a forma intermedia

-*ā*-*vi* por -*ā*-*vi*-*t* (v. p. 34 sqq.).

Comparando agora as terminações portuguezas com as correspondentes latinas vemos:

a) que o *v* da forma -*vi* foi syncopado e o diphtongo -*a*-*i*, que ficou em consequencia d'essa syncope, mudado em -*e*-*i*; assim *amavi*, *amai*, *amei*. A syncope do *v* de -*vi* na primeira pessoa do singular dava-se já no latim vulgar da decadencia; assim *probai* Prob. 160, 14 ed. Keil por *probavi*, *calcai* id. 182, 11 por *calcavi*, *edificai* Esp. Sagr. XII, 405 por *aedificavi*; a mesma syncope dava-se tambem nas outras pessoas: *probaisti* id. 160, 14 por *probavisti*, *probaiti* id. por *probavit*, etc. (Corssen *über Ausspr.* I, 322; Schuchardt II, 476). A mudança de *ai* em *ei* é muito frequente em portuguez; assim *primeiro*

por **primairo* de *primarius*, *feito* por **faito* de *factus*, etc.;

b) que na segunda pessoa do singular e em todo o plural desappareceu completamente a forma *-vi*, *-ve*. Tambem n'isto o portuguez nada offerece de novo; uma tal queda da syllaba *vi*, *ve* nas formas do perfeito e nas que proveem do thema do perfeito era muito frequente em latim, como mostram exemplos de epochas diversas; assim *abalienarunt*, *curarunt*, *terminarunt*, *probarunt*, *jurarit*, *negarint*, *ambularis*, *sperarum*, etc. Corpus Inscr. lat. I, 601 c. 3; v. index vocabul.

c) que a forma *-vi* se acha representada em portuguez por um *u*, deante do qual o *a* precedente se mudou em *o*, como em *ouro* de *aurum*, *thesouro* de *thesaurus*, *louro* de *laurus*, etc. Tracta-se agora de saber como de *vi* nasce esse *u*. Em latim vemos: *fau-tor* por **favi-tor*; cp. *fave-re*; *lau-tum* por **lavi-tum*, cp. *lave-re*; *nau-ta* ao lado de *navi-ta*, *nau-fragus* por **navi-fragus*, cp. *navi-s*; *au-d-ere* por **avi-d-ere*, cp. *avi-dus*; *cau-tum* junto de *cavi-tum*; *au-cella* por **avi-cella*, *au-ceps* por **avi-ceps*, cp. *avi-s*. N'essas formas houve syncope d'um *i*, depois da qual o *v* achando-se entre uma vogal e uma consoante se dissolveu em *u*; em a terminação *-o-u* por **-a-u* de *-ā-vi* deu-se um similhante phenomeno: o *i* final foi apocopado e a lingua não podendo supportar um *v* terminando uma palavra dissolveu-o em *u*; foi assim que em a nossa lingua *nau* veiu de *nave*, forma de todos os casos do singular no latim vulgar [1]. Tambem se observa similhante processo em port. *faúlha* = lat. *favilla*. Cf. Schuchardt II, 399 ff. que confiando demasiado em modos de escrever como *exsivt*, *triumphavt*, *vixt*, *pedicavd*, etc., explica o facto em questão de modo um pouco diverso do nosso; pois admitte que de *-ā-vi-t* viesse primeiro **-a-v-t*, d'onde *-a-u-t* e de-

[1] Corssen demonstrou que no latim vulgar dos ultimos tempos do imperio romano os casos do singular dos themas em *-i* tinham perdido todas as suas desinencias consonantes e mudado aquella vogal em *-e* (*kritische Beitr.* s. 236 f.)

pois *-a-u*. A forma *nau* ao lado de *nave* [1] testemunha, porém, pela exacção da nossa explicação, além de que nada prova que os modos d'escrever em questão correspondam a formas reaes na lingua fallada, e tanto menos isto parece provavel quanto vemos n'elles grupos consonantaes finaes que nunca poderam existir em latim.

2. Terminações do perfeito dos verbos em *-ē* (= port. *e*; segunda conjugação latina e portugueza):

		lat.	port.
sing.	1.ª	*-ē-vi*	*-i*
	2.ª	*-ē-vi-s-ti*	*-e-s-te*
	3.ª	*-ē-vi-t*	*-e-u*
plur.	1.ª	*-ē-vi-mus*	*-é-mus*
	2.ª	*-ē-vi-s-tis*	*-e-s-tes*
	2.ª	*-ē-ve-r-unt*	*-é-r-am.*

Exemplo: port. *dev-i* = **deb-ē-vi*, port. *dev-e-s-te* = **deb-ē-vi-s-ti*, port. *dev-e-u* = **deb-ē-vi-t*, port. *dev-é-mos* = **deb-ē-vi-mus*, port. *dev-e-s-tes* = **deb-ē-vi-s-tis*, port. *dev-é-r-am* = **deb-ē-ve-r-unt*.

Sobre as relações d'essas terminações portuguezas com as latinas correspondentes ha que observar:

a) que na primeira e segunda pessoa do singular e plural houve syncope do *-v* de *-vi*, e que o diphtongo restante *-e-i* se contrahiu em *-i* na primeira do singular, como em *lição* por **leição* de *lectione-* (cp. *eleição* = lat. *electione-*); *fira* de ant. *feyra* Leges p. 477 = lat. *feriát*, etc. Não se deve tambem desconhecer aqui certa influencia do perfeito dos verbos em *i*. Nas outras tres formas *-e-i* contrahiu-se em *e*. Na terceira pessoa do plural houve tambem syncope do *v* e os dous *-e-e*, postos em contacto, contrahiram-se n'um só;

b) que na terceira pessoa do singular a forma *-vi* se acha representada por un *-u*, exactamente como nos verbos em *-a*.

[1] Cp. provençal *leu* de **leve* (*levis*), *greu* de **greve* por **grave* (*gravis*), *greu* occorre em DDin. e TCant., mas foi provavelmente introduzida do provençal.

3. Terminações do perfeito dos verbos em -ī (= port. -*i*; quarta conjugação latina e terceira portugueza):

		lat.	port.
sing.	1.ª	-*ī-vi*	-*í*
	2.ª	-*ī-vi-s-ti*	-*i-s-te*
	3.ª	-*ī-vi-t*	-*i-u*
plur.	1.ª	-*ī-vi-mus*	-*í-mus*
	2.ª	-*ī-vi-s-tis*	-*i-s-tes*
	3.ª	-*ī-ve-r-unt*	-*í-r-am*.

Exemplo: port. *vest-í* = lat. *vest-ī-vi*, port. *vest-i-s-te* = lat. *vest-ī-vi-s-ti*, port. *vest-i-u* = lat. *vest-ī-vi-t*, port. *vest-í-mos* = lat. *vest-ī-vi-mus*, port. *vest-i-s-tes* = lat. *vest-ī-vi-s-tis*, port. *vest-í-r-am* = lat. *vest-ī-ve-r-unt*.

A syncope do *v*, seguida da contracção dos dois *ii* postos em contacto (de *i* e *e* na terceira pessoa plural), a dissolução do *v* em *u* na terceira pessoa singular, eis o que ha que notar n'essas terminações portuguezas. A queda do *v* da forma -*vi* era em latim particularmente frequente nos verbos em -*ī*; os exemplos occorrem nos melhores escriptores da lingua (v. Neue II, 397 ff.). Alguns verbos primitivos formavam já em latim o seu perfeito em -*ī-vi*, pela analogia dos derivados em -*ī*: taes eram *cup-ī-vi*, thema do pres. *cup-io*; *quaes-ī-vi*, thema do pres. *quaes*, *sap-ī-vi* arch. (Prisc. 10, 2, 7) ao lado de *sap-ui*; *rud-ī-vi*, thema do pres. *rud-i-*; *pet-ī-vi*, thema do pres. *pet-i-*; tambem n'alguns d'esses perfeitos se dava a syncope do *v*; assim encontramos *cupii*, *quaesii* ou *quaesi*, *petii* ou *peti*, etc. (Neue l. c.); mas o accento que antes da syncope se achava sobre o primeiro -*i*- de -*ī-vi*, recuava depois d'ella, emquanto em portuguez permanece n'essa vogal em que é absorvido o *i* final [1]. Exemplo:

pet-ī-vi { lat. *pétii*
port. *pedí*.

Não é aqui o logar de tractar das differenças que existem

[1] É sabido que o latim só admitte o accento principal sobre a penultima ou antepenultima.

entre o systema prosodico do latim e systema prosodico do portuguez; para o nosso fim basta observar que o facto indicado nos revela que uma torma como *pedí* vem, não da latina syncopada *petii*, mas sim da não syncopada *pet-ī-vi*, ou que, pelo menos, essa forma portugueza é nova e produzida pelo typo proveniente dos perfeitos latinos em *-ī-vi*. Apenas em portuguez se conservou um perfeito particular em que a syncope do *v* remonta já ao latim: é o perfeito da raiz *quaes* (= indogerm. *kis*), cujas formas são:

sing.	1.ª	*quís* (não *quísí*) = lat.	*quaes-i*
	2.ª	*quís-e-s-te*	*quaes-i-s-ti.*
	3.ª	*quís*	*quaes-i-t*
plur.	1.ª	*quis-e-mos*	*quaes-i-mus*
	2.ª	*quis-e-s-tes*	*quaes-i-s-tis*
	3.ª	*quis-e-r-am*	*quaes-ē-r-unt*

Algumas divergencias no antigo portuguez: sing. 1.ª pess. *quigi* DDin. 72; *quige* GVic. I, 135; *quizo* DDin. 49, TCant. 85, mas *quis* DDin. 49, *quix* TCant. 56; 3.ª pess.: *quiso* DDin. 64, TCant. 1. 96; *quis* DDin. 49. 11, TCant. 85.

Os perfeitos latinos em *-ui*, conservados no portuguez, mas modificados phonicamente são os seguintes, na maior parte dos quaes a vogal da primeira syllaba attrahiu o *u* da forma *-ui*.

1. perfeito de *habere*:

sing. 1.ª	*houv-e*	por **haub-e*	de lat. *hab-ui*,
2.ª	*houv-e-s-te*	**haub-e-s-te*	*hab-ui-s-ti*,
3.ª	*houv-e*	*houb-e*	*hab-ui-t*,

etc.

Algumas divergencias no antigo portuguez: sing. 1.ª pess. *oube* TCant. 32; *uvi* DDin. 81, mas *ouve* id. 182, TCant. 32; 3.ª pess. *ovi* id. 51; *ove* Rib. I, 273; *ouvo* TCant. 246; *ov'*, id. 128; plur. 2.ª pess. *uveste* DDin. 72. 118.

2. perfeito de *capere*:

sing. 1.ª *coub-e* por **caub-e* de lat. *cap-ui*,
etc.

3. perfeito de *sapere*:

sing. 1.ª *soub-e* por **saub-e* de lat. *sap-ui*, etc.

4. perfeito de *posse* (*poder*):

sing.	1.ª *pud-e*	por **poud-e*	de lat. *pot-ui*,
	2.ª *pud-e-s-te*	**poud-e-s-te*	*pot-ui-s-ti*,
	3.ª *poud-e* (ou *pôde*)		*pot-ui-t*,
plur.	1.ª *pud-e-mos*	**poud-e-mos*	*pot-ui-mus*,
	2.ª *pud-e-s-tes*	**poud-e-s-tes*	*pot-ui-s-tis*,
	3.ª *pud-e-r-am*	**poud-e-r-am*	*pot-uē-r-unt*.

Algumas divergencias no antigo portuguez: sing. 1.ª pess. *podi* DDin. 58; *poid'* TCant. 285, *puyd'* id. p. 310, mas *pude* id. 86, DDin. 63, FCast. p. 895; 3.ª pess. *podo* TCant. 246; *pudo* FCast. p. 869.

A mudança do diphtongo *ou* em *u* na primeira pessoa singular, em que o accento cahia sobre elle, teve por fim distinguir essa forma da da terceira pessoa do mesmo numero. Nada ha de particular na mudança d'esse diphtongo *ou* em *u* nas formas em que elle não era accentuado; a analogia da primeira pessoa podia tambem facilitar ainda mais essa mudança.

5. perfeito de *placere*:

sing. 1.ª pess. *prouve* por **proue* de ant. *prouge*=lat. *plac-ui* etc.

A forma *plougue* encontra-se frequentes vezes nos antigos escriptos, por exemplo em AApost. 6, 5 e LLinh. II, 165; o *g*, depois syncopado, apparece tambem em formas ligadas ao perfeito como *prouguer* DDin. 92, TCant. 1; *proguesse* DDin. 84. N'um doc. da era 1293 em Rib. I, 277 nota-se *plouge*. A forma *prouve* apparece em Lopes c. 1, etc. ao lado de *plougue* c. 2. 21, etc.

6. perfeito de *jacere*. Só no antigo portuguez, pois no portuguez moderno diz-se *jazí*, etc.:

sing. 1.ª pess. *jouue* DDin. 85. por *jogue* TCant. de lat. *jac-ui*.

7. perfeito de *ponere* (*pôr*):

sing. 1.ª	*pús* (*puz*)	por **pous*=**pouse*	de lat. *pos-ui*,
2.ª	*pos-e-s-te*	**pous-e-s-te*	*pos-ui-s-ti*,
3.ª	*pôs* (*poz*)	**pous*=*pouse*	*pos-ui-t*,
plur. 1.ª	*pos-e-mos*	**pous-e-mos*	*pos-ui-mus*,
2.ª	*pos-e-s-tes*	**pous-e-s-tes*	*pos-ui-s-tis*,
3.ª	*pos-e-r-am*	**pous-e-r-om*	*pos-uē-r-unt*.

Alumas divergencias no antigo portuguez: sing. 1.ª pess. *pusy* doc. era 1344 Rib. I, 297, *pusi* doc. era 1335 Fig. p. 256, *pusi* (*te*) AApost. 13, 47; *pugi* Reg. c. 6 (cp. *fige*, etc.), *pugy* doc. era 1337 Fig. p. 254, *puge* TCant. 42; 3.ª pess. *pose* LLinh. II, 216, *pose* (*lhe*) id. 165, mas *pos* DDin. 17, *pôs* FCast. p. 853, *pôs* (*lhe*) LLinh. IV, 234;

8. perfeito de *trahere* (*trazer*) [1]. No latim vulgar devia existir ao lado do perfeito *trac-si* uma forma **trac-s-ui*, produzida como *nec-s-ui*, raiz *nec*, thema do pres. *nec-to-*, *mes-s-ui* por **met-s-ui*. raiz *met* (Curtius *Grundzüge* s. 289), thema do pres. *met-i-*; *pec-s-ui* thema do pres. *pec-ti* formas em que a um thema do perfeito em *-si* se juntou ainda o elemento *-ui*. Sobre essa forma **trac-s-ui*, que necessariamente existia no latim vulgar, porque era impossivel formar-se em a nossa lingua, em que falta o typo em *-ui*, assenta o perfeito portuguez do verbo trahere:

sing. 1.ª	*troux-e* ou pop. *truxe*	por **traux-e*	de lat. vulg. **trac-s-ui*,
2.ª	*troux-e-s-te*	**traux-i-s-ti*	**trac-s-ui-s-ti*,
3.ª	*troux-e*	**traux-e*	**trac-s-ui-(t)*.

etc.

O *x* n'esse perfeito é pronunciado como *s*, e por isso apparece mudado em *ģ* em *trouge* GVic. I, 132, etc. e syncopado em *trouue* LLinh. I, 161, AApost. 25, 26, *trouveste* GVic. I, 257, *trouverom* Lopes c. 2, CGuin. c. 27, *troverao* (*no*) LLinh. I, 171; *trouvesse* Lopes. c. 6,

[1] O *z* ou *ģ* de *trazer*, ant. *trager* foi introduzido para evitar o hiato nas formas que se ligam ao presente. Não se deve, porém, desconhecer a analogia do perfeito, em que a sibilante provem de lat. *x*.

trouvessem AApost. 25, 23. A forma com _x_, mais archaica que a usual nos antigos escriptos, occorre raras vezes n'estes: _trouxessem_ Lopes. c. 31. Em _trouve_ como em _jouve_ e _prouve_, etc. o _v_ foi introduzido para evitar o hiato, resultante da queda da consoante medial; cp. _couve_ de *_caue_ = lat. _caule-_, _ouvir_ de *_auir_ = lat. _audire_, _gouvir_ Eluc. etc. de *_gouir_ = lat. _gaudere_, etc.;

9. perfeito de _tenere_ (_ter_):

sing. 1.ª	_tiv-e_	por *_teu-e_	de lat. _ten-ui_,
2.ª	_tiv-e-s-te_	*_teu-i-s-ti_	_ten-ui-s-ti_,
3.ª	_tev-e_	*_teu-e_	_teu-ni-t_,
plur. 1.ª	_tiv-e-mos_	*_teu-i-mus_	_ten-ui-mus_,
2.ª	_tiv-e-s-tes_	*_teu-i-s-tis_	_ten-ui-s-tis_,
3.ª	_tiv-e-r-am_	*_teu-e-r-om_	_ten-uē-r-unt_.

A syncope do _n_, que tão é frequente em portuguez, a consonantisação do _u_ para evitar o hiato resultante d'essa syncope, a mudança de _e_ em _i_ na primeira pessoa singular para a distinguir da terceira do mesmo numero, e a mesma mudança da vogal radical nas syllabas atonas pela analogia d'aquella primeira pessoa, eis o que ha que notar n'esse perfeito. No antigo portuguez são frequentes as formas sem mudança do _e_ radical nas syllabas atonas; assim: _teverom_ CGuin. c. 33, _teverõ_ HGer. prol. _tevera_ Lopes. c. 26, _tevesse_ id. c. 2.

O perfeito de _ter_ serviu em portuguez de typo para duas formações novas, a do perfeito da raiz _sta_: _estive_, _estiveste_, _esteve_, que substituiu o reduplicado _steti_, e a d'um antigo perfeito de _ser_, de que occorrem algumas formas nos antigos escriptos; por exemplo: 3.ª sing. _seve_ DDin. 125, AApost. 9, 9, doc. era 1310 Rib. I, 282: 3.ª plur. _severom_ doc. era 1303 Rib. I, 292, _sobresseverom_ CGuin. c. 87, em vez de *_siu_ por *_si_ ou *_sei_ de *_sedi_(_t_), *_serom_ de _sedērunt_; cp. _viu_ por *_vi_ de _vidi_ (_t_), etc.

2. Themas do futuro exacto. Schleicher s. 829 f.

Estes themas apresentam em latim duas formações, uma mais antiga, outra mais recente.

a. *-so*, *-sis* estão por **-eso*, **-esis* como *sum* por **esum*; **eso*, **esis*, donde *ero*, *eris*, é um presente da raiz *es* com força de futuro (v. p. 77); as formas *-so*, *-sis*, etc. juntam-se ao antigo thema do perfeito terminado na desinencia da raiz, que perde a reduplicação: assim *cap-so* por **ce-cap-so*, *ac-cep-so*, *rap-si-t*, *axo*, *faxo*, *effexis*, *noscit*, *incensit* (por *incendsĭt*), *occīsit* (por *occdisit*). Esta formação que é mais antiga, corresponde á do futuro grego em σο, que apresenta ainda a reduplicação (Schleicher s. 825).

b. nos themas de formação mais recente *-so*, *-sis* juntam-se ao thema do perfeito em *i*; assim *de-de-ro* por **de-di-so*, *ste-te-ro* por **ste-ti-so*, *scripse-ro*, *amāve-ro*. N'algumas formas nota-se a perda do *i* do perfeito; assim: *dixit* (*dic-si-t*) por **dic-si-si-t* (cp. *dixsti* por *dixisti*); *jussit* por **jus-si-si-t*; n'outras ha assimilação, precedida da queda d'aquella vogal; assim *amasso* por *amav-so* de **amāvi-so*; *pecassit* por **peccav-sit* de **peccāvi-sit*; *habessit* por **habev-sit* de *habēvi-sit*, formas em que *ss* provem de *vs*.

A lingua portugueza conserva as formas do futuro exacto, não como as formas d'um futuro do indicativo, mas sim como formas d'um futuro do conjunctivo. As formas latinas de que proveem as portuguezas são exclusivamente aquellas em que permanecia o *i* (*e*) do perfeito. Vejamos agora em que relações estão as formas do futuro do conjunctivo portuguez com as do futuro exacto latino.

As terminações *-a-r*, *-a-res*, etc. (por exemplo em *amar*, *amares*) proveem das terminações latinas em *-ā-ve-ro*, *-ā-ve-ris* (*amā-ve-ro*, *-amā-ve-ris*) por meio da syncope de *v* entre vogaes seguida da absorpção da vogal atona em a accentuada (*-á-ris* de **-á-e-ris*); na 1.ª singular cae *o* final precedido de *r*, provavelmente depois de se ter mudado em *e* (*-r* de **-re* = *-ro*).

Modificações similhantes se observam nas formas do futuro do conjunctivo dos verbos em *e* e *i*: *dever*, *deveres*

de * *debevero*, * *debeveris* por *debuero*, *debueris*, mas *houver*, *houveres* de *habuero*, *habueris*; *vestir*, *vestires* de *vestivero*, *vestiveris*, etc.

3. Themas do optativo perfeito. Schleicher s. 837 f.

Para formar estes themas juntou-se *sim* de *siem* por **esiem* (v. p. 58) aos themas do perfeito em *i*; assim *fēce-rim* de **fēci-sim* ou **fēci-siem*. Tambem n'algumas formas archaicas d'este tempo cahiu o *i* do perfeito; assim *fac-sim*, *ob-jec-sim*, *au-sim* (por **aud-sim*). As formas como *negassim*, *jussim* explicam-se do mesmo modo que as similhantes do futuro exacto. Á lingua archaica pertencem tambem as formas medio-passivas d'este modo *faxitur*, *turbassitur*, etc. [1]

D'estas formas não ha vestigio em portuguez.

4. Themas do mais que perfeito do indicativo.

Ao thema do perfeito em *i* juntou-se o imperfeito (*e*)*ram* da raiz *es*; assim de *dedi* **dediram* *dederam*, de *amavi* *amaveram*, etc. O mais que perfeito conserva-se em portuguez: *déra*, *amara*, *fizera*, etc.

5. Themas do optativo mais que perfeito. Schleicher s. 830.

**esēm* deve ter sido o optativo do imperfeito da raiz *es* *esam*; assim como de *amā-mus* vem o optativo *amē-mus*, assim de **esā-mus* devia vir o optativo *esē-mus*. D'esse **esē-m* veiu *-sem* que juntando-se ao thema do perfeito formou o mais que imperfeito do optativo. N'umas formas o antigo thema do perfeito apparece sem *i* ou *is*; taes são: *fac-sem* de **fefac-sem*, *per-cep-set*; *vic-set*, *intel-lec-set* (de **vixi-set*, **intellexi-set* viriam **vixe-ret*, **intellexe-ret* Schleicher s. 831); n'outras formas, as usuaes, *-sem* junta-se ao thema do perfeito em *-i-s*: assim *fecis-sem*, *viscis-sem*, *fuis-sem* e d'ahi os compostos com *fui* como *potuissem* por **potfuissem*, *plausissem*, etc. As formas chamadas do imperfeito do conjunctivo portuguez provém d'essas formas do mais que perfeito do optativo latino:

[1] Sobre o emprego nos escriptores latinos das formas archaicas do futuro exacto e optativo perfeito v. Neue, II, 421 ff.

fizesse = lat. *fecis-sem*, *fo(i)sse* = lat. *fuis-sem*, *amasse* = lat. *amavissem*, etc.

6. Themas do imperfeito. Schleicher s. 831.

Ao thema do presente junta-se o thema do imperfeito da raiz *fu*, *-ba-*, (v. p. 95); assim dos themas do presente de verbos primitivos *ī* (*e-o*, *ī-s*), *dā* (*do*, *dā-s*), *stā* (*sto*, *stā-s*) se formam os themas do imperfeito *i-ba-*, *da-ba-*, *sta-ba-*. O mesmo se dá com os verbos derivados; assim dos themas do presente *amā-*, *debē-*, *servī-* se formam os themas do imperfeito *amā-ba-*, *debē-ba-*, *servī-ba* (arch.). Mas apresenta-se uma anomalia nos themas do presente em primitivo *a*, cuja desinencia adeante do *-ba* formativo dos themas do imperfeito se muda em *ē*; assim *dicē-ba-* e não *dicĕ-ba-*, como seria natural esperar. Corssen *kritische Beitr.* s. 539 e Schleicher s. 381 vêem n'esse *ē* um resultado da analogia dos imperfeitos dos derivados em *-ē* e esta explicação é perfeitamente acceitavel. Tambem se encontram algumas formas archaicas d'um futuro da terceira conjugação em *-ē-bo*, taes como *ex-sug-ē-bo*, *dic-ē-bo* por *ex-sug-a-m*, *dic-a-m* (Corssen l. c.) o que confirma a explicação. Ás antigas formas em *-i-ba-* do imperfeito dos derivados em *-ī* correspondem tambem formas usuaes em *-i-ē-ba-*, nas quaes o *ē* resulta egualmente da analogia. As formas em *-i-ba* são muito frequentes nos poetas anteriores a Augusto; foram empregados pelos poetas da edade aurea da litteratura latina, quando o metro lh'as tornava commodas, e occorrem tambem em prosa, principalmente depois da epocha de Augusto. Acha-se uma collecção d'essas formas, como *sci-ba-m*, *exaudi-ba-m*, *leni-ba-t*, *muni-ba-t*, em Neue II, 346 ff.

O imperfeito composto conserva-se em portuguez, mas o elemento *-ba* passou por algumas modificações phonicas, diversas segundo a vogal precedente, que tambem n'alguns casos não se conserva intacta.

No imperfeito em *-ā-ba-*, o *b* muda-se em *v* e o *a* do

thema verbal permanece sem alteração qualitativa; assim:

port. *amá-va* = lat. *amā-ba-*.

No imperfeito em *-ē -ba-* o *b* é syncopado como em *marroio* de *marrubium*, *prenda* de *praebenda*, etc. e o *ē* muda-se em *i* assim:

port. *dev-í-a-* por * *dev-é-a-* = lat. *deb-ē-ba-*

port. *l-í-a-* por * *le-i-a-* de * *le-é-a-* = lat. *leg-ē-ba-*.

No imperfeito em *-i-ē-ba-* o *b* é tambem syncopado e as vogaes *-i-ē* contrahidas em *i*, a não ser que as formas portuguezas provenham das latinas em *-i-ba-*; assim:

port. *vest-í-a-* = lat. *vest-i-ē-ba-* ou *vest-i-ba-*.

Sobre os perfeitos particulares *tinha* por * *tenía* de *teneba-*, *punha* por * *ponía* de *ponebam* escreve Diez II, 182: «É de suppor que se retrahiu o accento para firmar mais o *n* radical, que d'outro modo teria cahido como no infinito: dizia-se *pónia* para não fazer desapparecer o *n* em *ponía* e mudou-se *o* e *e* em *u* e *i* para distinguir do presente do conjunctivo; eram todavia usadas antigamente formas sem *n*, como *teeya* por *tinha*, *via* por *vinha* SRos. (Eluc.)». Em Lopes c. 4 occorrem *poiam* e *poinha* (*poínha?*); a ultima forma em CGuin. c. 5. 56, etc.

7. Themas do imperfeito do optativo.

-se, thema do imperfeito do optativo da raiz *es*, cuja formação já explicamos, e que não é empregado isolado, junta-se aos themas do presente para formar os themas do imperfeito do optativo; assim *posse-* por * *pot-se-*, cp. *pot-est*; *es-se-* por * *ed-se-*, cp. *es-t* por * *ed-ti*; *fer-re-* por * *fer-se-*, cp. *fer-t*; *vel-le-* por * *vel-se-*, cp. *vol-t*; *es-se-*, raiz *es*; *dicĕ-re-*, *facĕ-re-*, *legĕ-re-*; *amā-re-*, *debē-re-*, *vestī-re-*. Este tempo do optativo não se encontra em portuguez e a causa de tal desapparecimento está na impossibilidade em que se achava esta lingua de distinguir as suas formas das formas do futuro do conjunctivo; por exemplo, *amārem*, *amāres*, *amāret* davam (v. desinencias pessoaes) *amare*, *amares*, *amare*, ora cahindo o *e* final depois de *r* (cp. as formas do infinito, *quer* de * *quere*, etc.)

ficavam as formas *amar, amares, amar* exactamente identicas ás nascidas de *amāvero, amāveris, amāverit.*

8. Themas do futuro.

A p. 77 acha-se explicada a formação d'um thema do presente da raiz *fu, -bo, -bi,* que como *ero* devia ter força de futuro quando era empregada isoladamente; este thema juntando-se aos themas do presente dos verbos derivados em *-ā* e *-ē* forma os themas do futuro d'estes verbos; assim *amā-bo, debē-bo.* Tambem se encontram alguns verbos da terceira conjugação, na lingua archaica, que formam o futuro pela analogia dos derivados em *ē,* como já notamos (v. supra n. 6); taes são *exsug-ē-bo, dic-ē-bo, fid-ē-bo* (Corssen *kritische Beitr.* s. 539). A lingua archaica offerece-nos ainda numerosas formas do futuro em *-bo,* pertencentes a verbos derivados em *-ī*; assim: *sci-bo, nesci-bo, expedi-bo, audi-bo, servi-bo, dormi-bo, perpolī-bo,* etc. (Neue II, 341 ff., Corssen o. c. s. 540 f.). Esses futuros dos verbos em *-ī* acham-se substituidos por formas produzidas pela analogia dos do futuro dos verbos primitivos: *vestiam* como *dicam, vestiēs* como *dicēs,* etc.

Em portuguez o futuro em *-bo* desappareceu completamente, como as formas optativas com funcção de futuro (v. p. 58 sq.) e as do verbo em *-ī* de que acabamos de fallar. As causas principaes d'esse desapparecimento estão, sem duvida, em que essas formas em virtude da alteração phonica se confundiam com formas d'outros tempos e em que á lingua se offerecia um meio simples de substituir o futuro. Em latim encontra-se não raras vezes o verbo *habeo* construido com um infinito; assim «quid *habes* igitur *dicere* de Gaditano foedere?» Cic. Balb. 14, 33; ora as formulas *habeo dicere, habeo audire,* etc., que indubitavelmente, eram mais frequentes na lingua popular que na literaria, equivalem a *habeo dicendum, habeo audiendum* ou a *habeo quod dicam, habeo quod audiam*; cp. Cic. Fam. 1, 5, 3: «de republica nihil *habeo* ad te *scribere*» com Ces. Bell. gall. 4, 38, 2: «nihil *habeo quod* ad te *scribam* (cf. Voss.

Aristarch. 7, 51). Essas formulas indicavam n'alguns casos a necessidade ou a vontade de fazer uma acção (*habeo audire* = eu *hei* de *ouvir*) e d'ahi á idea do futuro mal ha um passo do que temos prova material nas linguas teutonicas (cp. inglez *I shall*, *will hear*). Todas as linguas romanicas, á excepção do valachio, aproveitaram aquella construcção latina para exprimirem o futuro, e, por um uso que necessariamente decorria já do latim vulgar, collocaram o infinito adeante do presente de *habere* de modo que as duas palavras se ligaram estreitamente. Nas formas port. *amar-ei*, *amar-ás*, *amar-á*, *amar-emos*, *amar-eis*, *amar-ão*, etc., vê-se claramente o infinito *amar* unido ás formas do presente de *haver*, e se assim não fosse não comprehenderiamos como se separam as duas palavras nas construcções com o artigo e os pronomes, como *amal-o-hei*, *tel-a-hás*, *ver-te-há*, *responder-lhe-hemos*, etc., separação que se encontram em todas as epochas da lingua (*poder-m'edes* TCant. 69, *leixar-m'a* id. 47, *levar-vos-ey* AApost. 7, 43, *poel-os-hemos* id. 6, 3. *levantar-s'am* id. 20, 30) [1]: Outras linguas além das romanicas exprimem o futuro pelo infinito e o presente do verbo que n'ellas

[1] Foi Antonio de Nebrissa quem na sua grammatica hespanhola (1492) primeiro reconheceu o modo porque se formou o futuro romanico. Duarte Nunes de Leão, talvez seguindo Nebrissa, que indubitavelmente conheceu, pois o cita, na sua *Origem da lingua portuguesa* (1606) observou tambem a formação do futuro portuguez: «Tambem na voz actiua supprimos algumas faltas que temos em nossa coniugação Portuguesa com este verbo *hei*, *has*, *ha*, que he o *habeo*, *habes* dos Latinos que ajuntamos ao infinitiuo, porque dizemos, *amarei*, *amaraa*, *amaremos*, *amarias*, *amariaõ*, & aos mais modos em que me naõ detenho, porque para os que sabem Latim basta fazer esta lembrança.» c. XIX. Todos os grammaticos posteriores a Nunes de Leão parecem ter ignorado a natureza do nosso futuro, já porque não conheceram a passagem citada d'aquelle escriptor, já porque conhecendo-a não lhe deram attenção ou não a comprehenderam. Antonio das Neves Pereira nas *Memorias de litt. port.* t. IV, 341 reconhece os elementos do futuro portuguez, mas os nossos grammaticos continuaram e continuam na sua ignorancia a este respeito.

significa haver (Diez II, 111). Em Ulphilas Joh. 12, 26 *visan habaith* corresponde ao *erit* da Vulgata; 2 Corinth. 11, 12 *taujan haba* corresponde ao *faciam* da Vulgata; 2 Thessal. 3, 4 *taujan habaith* corresponde ao *facietis* da Vulgata.

Em portuguez os infinitos de *dizer*, *fazer*, *trazer* em ligação com *hei*, *has*, etc. para exprimirem o futuro experimentam syncope do *z*, seguida de contracção das vogaes postas em contacto em resultado d'essa syncope: *direi* por **dierei* de *dizerei*, *farei* por **faerei* de *fazerei*, *trarei* por **traerei* de *trazerei* (J. Alvares em Rib. I, 364). Não se diz, porém, **jarei* mas sim *jazerei*. Syncope da ultima vogal do infinito apresentam antigas formas como *querrey* por *quererei* DDin. 49, *querra* id. 161; *guarrey* id. 158, *guarrei* TCant. 45 por *guarirei*. N'algumas formas apparece o *r* do infinito duplicado, provavelmente para exprimir a pronuncia aspera; assim *valrrá* TCant. 45 por *valerá*, *terrey* Claro p. 198, *verrá* Cath. p. 137; cp. *valrria* TCant. 12, *verr'* id. 129, etc.

Uma ligação similhante do infinito com *hia*, *hias*, *hia*, etc., formas syncopadas por *havia* (*habebam*), *havias*, *havia*, etc. deu origem ao chamado modo condicional: *amaria*, *deveria*, *vestiria*; *diria* por **dizeria*, *faria* por **fazeria*, *jaryam* CGuin. c. 37 (mas mod. *jazeria*), etc. [1]. Observe-se que o imperfeito só por si substitue innumeras vezes essas construcções condicionaes: *eu ia, se...* por *eu iria, se...* As duas palavras d'esses compostos improprios separam-se, como no futuro, na construcção com pronomes: *quitar-m'end-ia* TCant. 67, *guysar-lh'ia* DDin. 37; *fal-o-hia*, etc.

[1] A syncope de *z* = lat. *c* que se nota em *farei*, *faria*, *jariam*, etc. deu-se egualmente em *faes* GVic. I, 139, *fais* SMir, egl. 8 por *fazes*

APPENDIX

Este appendix é destinado a dar algumas noções sobre os verbos derivados e as formas nominaes que se ligam immediatamente ao verbo. O estudo d'aquelles e d'estas entram propriamente na theoria da derivação, e só para completar ou esclarecer o que precede é que os tractamos n'um livro cujo objecto é a theoria da conjugação; por isso limitar-nos-hemos a indicar n'esta parte os pontos capitaes.

I. VERBOS DERIVADOS

De themas verbaes ou nominaes em *a* se formaram nas linguas indogermanicas por meio do suffixo *-ja* themas verbaes derivados com funcção principalmente causativa, transitiva, mas ás vezes tambem durativa e intransitiva. Esse sufixo *ja* foi olhado por Bopp e outros como identico com a raiz *ja* ir em skt. *jā-ti* elle vae, *ja-jā'* elle foi, *jā'-tum* ir. Da significação de «ir» ter-se-hia desenvolvido n'elle a «de fazer». Em sanskrito a formação dos verbos derivados apparece em toda a clareza, por isso damos em primeiro logar alguns exemplos d'esta lingua: raiz *bhar*, thema do pres. e thema nominal *bhāra-* (*bhára-ti* elle leva; *bhara-s* o levar subst.), thema do causativo *bhāra-ja-* (*bhārá-ja-ti* elle faz levar); raiz *sad* thema nominal *sāda-* (assento), causativo *sādá-ja-ti* elle faz assentar; raiz

budh, thema do pres. e thema nominal *bōdha*- (*bōdhá-ti* elle sabe; *bōdha-s* o saber), causativo *bōdhá-ja-ti* elle faz saber. Sem duvida a principio estes verbos derivavam unicamente de themas ao mesmo tempo verbaes e nominaes, mas depois, em virtude da analogia, começaram a ser derivados tambem de themas puramente nominaes; assim skt. *jōktrá-ja-ti* elle liga do thema *jōktra*- ligamen, formado da raiz *jug'* (*jug*) reforçada e do suffixo -*tra*. Esse verbo derivado tem ao lado um outro, *jōgá-ja-ti*, proveniente d'um thema *jōga*-, que nos apparece só como thema nominal (união, juncção), mas que foi provavelmente tambem empregado como thema verbal.

Os verbos derivados que provcem de themas propriamente nominaes são chamados verbos denominativos.

Em latim os elementos -*a*-*ja* dos verbos derivados, elementos dos quaes o primeiro é, como acabamos de ver, a desinencia do thema fundamental, passaram por diversas alterações phonicas, que não só obscureceram a sua formação, mas ainda scindiram os themas dos verbos derivados em tres classes, phonicamente distinctas. A representação multiplice do *a* primitivo por *a*, *e*, *i* latinos, a syncope do *j* entre vogaes foram as causas d'essa scisão (cf. p. 60 sq.).

1. *aja* contrahiu-se em *ā*, assim *sēdā-s*, *sēdā-t* (depois *sēda-t*), de *sēda-(j)a-si*, *sēda-(j)a-ti*, cp. skt. *sādá-ja-si*, *sādá-ja-ti*; *doma-t* = skt. *damája-ti*. Na primeira do singular do primitivo -*ajā-mi* veiu **ajō*, d'onde pela queda da semi-vogal -*ao*, conservado na forma umbrica com o *o* mudado em *u* *subocau* por **sobvocau*, e em latim contrahido em *ō*; assim *sēdō* de **sēdaō-mi* por *sēdajō-mi*, skt. *sādájā-mi*. O latim offerece um grande numero de verbos derivados de themas nominaes em *a* (*a*, *o*), de todas as especies; assim *anima-t* de *anima*, *forma-t* de *forma*, *planta-t* de *planta*, *aqua-t* de *aqua*, *cura-t* de *cura*, *ac-cūsa-t* de *causa*, *lacrĭma-t* de *lacrima*, *acerva-t* de *acervo*-, *adultera-t* de *adultero*-, *auxilia-t* de *auxilio*-, *cribra-t* de *cribo*-, *damna-t* de *damno*, *dona-t* de *dono*-,

regna-t de *regno-*, *signa-t* de *signo-*, *vaga-t* de *vago-*. De themas participaes em *-ta* (*-to*) se derivam muitos verbos em *ā*; exemplos: *adjuta-t* de *adjuto-* (participio de *adjuva-t*), *canta-t* de *canto-* (*cani-t*), *capta-t* de *capto-* (*capi-t*), *cita-t* de *cito-* (*cie-t*), *dicta-t* de *dicto-* (*dici-t*), *gesta-t* de *gesto-* (*geri-t*), *jacta-t* de *jacto-* (*jaci-t*), *rapta-t* de *rapto-* (*rapi-t*). De themas participaes como *domito-*, *crepito-*, *vomito-* proveem verbos como *domita-t*, *crepita-t*, *vomita-t*; e estes verbos deram o typo para novas formações produzidas sobre participios; assim: *factita-t* de *facto-* ao lado de *facta-t*, *ductita-t* de *ducto-*, *scriptita-t* de *scripto-*, *ventita-t* de *vento-*. Tambem de themas nominaes terminados em consoante se formaram verbos derivados em *ā*: *carmina-t* de *carmen-*, *crimina-t* de *crimen-*, *decora-t* de *decor-* (*decos*), *genera-t* de *genus-* (*gener-*), etc.

Em alguns verbos derivados em *a* que tem ao lado verbos primitivos da mesma raiz, apparece ainda mui claramente a significação causativa; d'esse numero são *fuga-t* ao lado de *fugi-t*, *liqua-t* ao lado de *liqui-tur*.

2. Na segunda classe de verbos derivados *a-ja* contrahiu-se em *ē*: *torrē-t* (depois *torrĕ-t*), etc. de **tarsa-ja-ti*[1] cp. skt. *trsh-ja-ti*, *terrē-t* por **tarsa-ja-ti*; cp. skt. *trāsá-ja-ti* (Bopp § 745).

A primeira pessoa do presente dos verbos d'esta classe explica-se da seguinte maneira: d'uma forma como *arká-jā-mi* veiu primeiro *arkájō-mi*, d'esta *arkejō-* (perda da desinencia pessoal), em que o *j* foi syncopado, ficando assim *arceō*, a forma historica. Os verbos em *ē* são muito menos numerosos que os verbos em *ā*; consideravel parte derivam de themas nominaes em *o*; taes são *aegreo* de *aegro-*, *albeo* de *albo-*, *clareo* de *claro-* (junto de *clara-t*), *nigreo* de *nigro-*; outros proveem de themas de desinencia consonantal; por exemplo: *floreo* de *flos floris*, *frondeo* de *frond-*.

[1] Em latim *rr* proveem algumas vezes por assimilação de *rs*; v. Corssen *kritische Beitr.* s. 402 ff.

A significação causativa apparece ainda em *moneo* (fazer pensar) junto do primitivo *meminisse* (lembrar-se), *terreo* (fazer tremer), etc.

3. Na terceira classe dos verbos derivados *a-ja* contrahiu-se em *ī*: *sōpī-t* (depois *sopĭ-t*) por *sopiji-t* de *svāpa-ja-ti*, conservada em sanskrito, raiz *svap*. A primeira pessoa *sōpio* vem de *sōpijō-* de *svāpájā-mi*. *sopio* é um causativo que significa propriamente «fazer dormir», mas que não tem ao lado um primitivo *sopi-t*; o verbo primitivo da raiz *svap* encontra-se no zend *ghap* (Curtius Grundz. s. 260; cf. Bopp § 745). Grande numero de verbos derivados de themas nominaes em *i* seguem este typo; assim: *crātio* de *crāti-*, *crinio* de *crini-*, *fīnio* de *fīni-*, *ignio* de *igni-*, *partio* de *parti-*; outros, porém, proveem de themas que não terminam em *i*; taes são: *blandio* de *blando-*, *equio-t* de *equo*, *ineptio* de *inepto-*, *insanio* de *insano-*, *pūnio* (ant. *poenio*) de *poena*, *custodio* de *custod-*, *dentio* de *dent-*, *compedio* (cf. *impedio*, *expedio*) de *com-ped-*); *partu-rio* de **par-tor* (*părio*), etc.

O *e* e o *i* que na segunda e na quarta conjugação latina precedem respectivamente a desinencia *o* da primeira pessoa do presente do indicativo e se conservam em todas as formas do conjunctivo adeante das terminações *am*, *as*, *at*, etc., passaram em portuguez por diversos accidentes, em virtude do valor como consoante palatal que esses sons tinham n'esse logar. Indiquemos apenas os factos, cuja comcompleta explicação pertence á phonologia da nossa lingua:

1. em não poucas formas o *o* e o *i* foram simplesmente syncopados, sem exercerem influencia alguma sobre os sons precedentes; assim em *doo* por **dolo* de *doleo*, *doa* de *doleam*, *encho* de *impleo*, *devo* de *debeo*, *sorvo* de *sorbeo*, *rio* por **rido* de *rideo* [1], *muno* de *munio*, *puno* de *punio*, *pulo* de *pulio*, *abro* de *aperio*, *sinto* de *sentio*;

2. depois de terem influido sobre as consoantes prece-

[1] Em *ris*, *ri* o *e* de *rides*, *ridet* foi absorvido depois da syncope do *d* na vogal precedente; 3.ª do plur. *riem*, mas *rim* em SMir. etc.

dentes o *e* foi syncopado em *torço* de *torqueo*, *luzo* de *luceo*, *arço* GVic. I, 202. III, 262 de *ardeo* (mas mod. *ardo*), *arça* Reg. c. 22 de *ardeat* (mas mod. *arda*), *valho* de *valeo*, *valha* de *valeam* (cp. *vales*, etc.), e o *i* em *meço* de *metio* (cp. *medes* = *metis*), *menço* DDin. 110 TCant. 14 de *mentior*, *senço* id. 78 de *sentio*, *ouço* de *audio*, *impeço* de *impedio*. Pela analogia de *teneo* ou *venio* se disse **poneo* ou **ponio*, de que vem *ponho* (mas *pono* Eluc.), pela analogia de *metio* se disse **petio*, do qual *peço* (cp. *pedes* = *petis*);

3. o *e* repelliu a consoante precedente e degenerou depois em *j* (*ģ*) em *vejo* de *video*, *veja* de *videam*, *sejo* DDin. 124. 180. 184, TCant. 119 de *sedeo*, *seja* de *sedeam* [1], *haja* de *habeam*. Pela analogia d'estes *esteja*, mas *estê* = *stet* DDin. 6. TCant. 211, GVic. I, 109, *esteis* id. 107. 132; *estês* id. 240;

4. a syncope d'uma consoante deu logar á conservação do *e* e do *i* em *hei* de **haio* de *habeo*, *saio* de *salio*, *doya* TCant. 203 de *doleat* (mas mod. *doa*). Pela analogia dos derivados se disse **cadio* por *cado*, **cadiam* por *cadam*, **vadiat* por *vadat*, e d'essas formas produzidas por uma analogia de que n'este livro abundam os exemplos proveem as port. *caio* (cp. *caes* de *cadis* ou **cades*) *caia*, *vaya* FCast. 855;

5. n'algumas formas antiquadas, mas que occorrem n'outros dialectos peninsulares, o *e* ou *i* acham-se representados

[1] *sejo* significava *sou* como *seja* de *sedeam* equivale a lat. *sim*. Da idea de permanecer estavel veiu a de *ser*, por exemplo, got. *visau* habitar, permanecer, ser, all. *wesen*, ing. *was* [1]. Do verbo *sedere* vem tambem o infinito *ser*, antigamente *seer*, bisyllabo, como outros infinitos em que foi syncopada a consoante medial, mas que no futuro se tornavam monosyllabos por causa do accento (*se - er serei*, *te - er terei*, *ve - er verei*), facto observado por Diez *über die erste port. u. s. w.* s. 115 f.; o ant. part. do pres. *seente* Reg. c. 7, Eluc., o ger. *sendo*, o imper. *sê*, *sede*, o ant. imperf. *siam* doc. era 1344 (= **seiam* de *se(d)e(b)ant*), *siia* LLinh. II, 190, *sijam* AApost. 2, 1 e o ant. perf. mencionado a p. 110.

[1] Cf. Schweizer-Sidler *Zeitschrift* XVII, 144 f.

por uma guttural, evidentemente em resultado da aspereza da pronuncia da palatal que essas lettras representam; assim em *salga* FCast. p. 849 de *saliat*, *salgan* id. p. 888, *venga* id. p. 851. 854 DDin. 35 (mas *venha* id. 5), *uengan* FCast., *tenga* id. p. 852. 853. Pela mesma analogia se formou *ponga* FCast. p. 883 de **poneat* por *ponat*, *pongam* id.

II. FORMAS NOMINAES QUE SE LIGAM AO VERBO

1. Infinito.

O infinito tem em quasi todas as linguas capitaes indogermanicas uma formação especial e por isso com razão se pensa que as suas formas adquiriram a sua funcção especial depois da separação dos povos indogermanicos. O infinito latino, nomeadamente, não pode comparar-se a nenhum dos infinitos do grego, lingua que em grande numero de particularidades coincide, como é sabido, estreitamente com o latim.

O infinito do presente do activo em latim forma-se ajuntando ao thema do presente o elemento *re*: assim de *dicĕ-re*, do thema *dicĭ-*, *amā-re*, do thema *amā-*, *monē-re*, do thema *monē-*, *vestī-re*, do thema *vestī-*. Que o *r* não era um som primitivo n'esse elemento formativo, mas provinha, como em tantos outros casos, em que elle se acha entre vogaes d'um *s* primitivo, mostram-nos as formas *es-se*, thema do pres. e raiz *es*, *es-se* por **ed-se*, thema do pres. e raiz *ed* (comer). *posse* está pela ant. forma *pot-esse*. Do thema do perfeito em *-s-* (*dicī-s-* em *dicī-s-ti*, por exemplo), se formou o perfeito do infinito pela addição do mesmo elemento *se*: *dici-s-se*, *amavi-s-se*, *monui-s-se*, *vestivi-s-se*, etc. (Leo Meyer II, 122). A noticia laconica em Festo p. 5: *dasi dari* dá-nos ainda outra prova de que *s* era o som primitivo do elemento formativo do infinito, pois *dasi* era, por certo, uma antiga forma, d'onde a posterior *dari*. N'alguns casos o *s* assimilou-se ao som precedente, como em *fer-re* por **fer-se*, em *vel-le*

por **vel-se*. A grammatica comparativa mostra que esse elemento *se* é identico ao skt. *-asai* que occorre em muitas formas vedicas, que com razão se olham como infinitos; taes são *cajasai* juntar, *cárasai* ir, *vrdhásai* crescer. O *a* de *asai* mudou-se em *e*, conservando-se no infinito dos verbos primitivos como *dicere*, *facere*, e absorvendo-se no *ā*, *ē*, *ī* dos derivados como *amāre*, *monēre*, *vestīre*; *es-se*, *vel-le*, *fer-re* estariam por **esese*, **velese*, **ferese*, etc.; o diphtongo *ai* fundiu-se n'um *ē*, depois tornado curto. As bases d'esta explicação são inattacaveis. Todas as formas do infinito proveem de determinadas formas casuaes. Esses infinitos em *-as-ai* do sanskrito, e portanto os infinitos latinos em *-re*, não são mais, segundo toda a verosimilança, do que o dativo de nomes derivados da raiz ou taema verbal por meio do suffixo *as* (= lat. *es*, *os*, *us* em *veter* por **vetes*, cp. *vetus*, *corpos*, *pubēs*, *corpus* por **corpos*, cp. gen. *corporis*, etc.) A phrase *bálam dhaihi g'īvásai* Rigveda 3, 53, 18 traduz-se bem por *força deu viver*, mas ainda por *força deu para vida*; o infinito em *-asai* revela n'ella perfeitamente a sua natureza de dativo. *g'īvás-ai* é o dativo d'um thema em *-as* formado da raiz *g'iv* como *sád-as-* (= lat. *sēdes* da raiz *sad*). Os dativos dos abstractos de thema em *-as* em latim não terminam em *-re* como os infinitos; assim o dativo de *genus* é *generī* não *genere*, mas o que prova ainda ser a explicação dada exacta é que em Ennius, por exemplo, encontramos a forma *fīe-rī*, infinito de *fio*, presente da raiz italica *fu*, formado por meio do suffixo *-jo* (v. p. 77). A *fīerî* corresponderia exactamente um skt. *bhūjas-ai* (Leo Meyer II, 121).

A sciencia não poude dar tão facil e evidente demonstração ás formas do infinito do medio-passivo; não apresentaremos por isso aqui nenhuma das opiniões suggeridas por este ponto (v. Schleicher s. 471–473; cf. Schönberg *Zeitschrift* s. 153).

As formas do infinito do activo conservam-se em portu-

guez, perdido apenas o *e* final, e confundidas as dos verbos primitivos com as dos derivados em *e* e *i*: *amá-r*, *devé-r*, *diz-ér*, *sentí-r*, *fug-ír*.

Por analogia das formas temporaes o portuguez junta muitas vezes ao infinito as desinencias pessoaes -(*e*)-*s*, -*mos*, -*des*, -(*e*)-*m*: assim *dizer*, *dizeres*, *dizer*, *dizer-mos*, *dizer-des*, *dizer-em*. As construcções do infinito com pronomes nas chamadas orações do modo infinito, o obscurecimento ha tanto tempo completamente realisado da funcção verdadeira do infinito, a analogia explicam-nos perfeitamente este facto peculiar do portuguez. As outras linguas romanicas conservaram n'este ponto mais fielmente a tradição da lingua mãe.

2. Participio do presente em -*ant*.

O participio activo é formado nas linguas indogermanicas do thema do presente do verbo por meio do suffixo -*ant*, que perde a vogal se esse thema termina já por vogal. A forma primitiva -*ant* do suffixo (cp. skt. *ad-ánt*-, raiz *ad* (comer); *s-ant*, raiz *as* (ser), etc.), muda-se em -*ent*, -*unt* (por intermedio de *-*ont*); mas a forma -*nt* é a mais frequente n'esta lingua, porque quasi todos os themas do presente terminam por vogal. As formas -*ent*, -*unt* apparecem em *prae-s-ent*-, composto de *prae* e *s-ent*- por **es-ent*, raiz *es*; *i-ent*-, *e-unt*- por **e-ont*, raiz *i*, thema do presente *ei*; *vol-unt-arius* d'uma forma *vol-unt*- ao lado da usual *vol-ent*-. Exemplos da forma -*nt*: *dice-nt*-, thema do presente *dici*-, raiz *dic*; *da-nt*, thema do presente *dā*, raiz *da*; *ama-nt*, thema do presente *amā*-; *mone-nt*, thema do presente *monē*-; *vestie-nt*- thema do presente, *vestii*-, *vestī*-.

Na lingua portugueza não só se encontra um grande numero de formas participaes em -*ant*, que já existiam em latim, mas o suffixo conserva ainda a sua vitalidade, sendo empregado para produzir novos derivados; sómente as formas em -*ent* perderam hoje inteiramente a força participal, sendo apenas algumas empregadas como adjectivos,

outras como substantivos; isto é, já não são construidas com os mesmos complementos que os verbos de que proveem. No antigo portuguez, todavia, ainda a sua funcção participal não estava perdida, como testemunham numerosos exemplos, taes como: cegou *entrante* á lida LLinh. I, 165; os quaes *tementes* Nostro Señor Reg. p. 251; palavras ociosas, e riso *moventes* id. c. 6; chama a nós a Sancta Escriptura de Deus *dizente*, etc. id. id.; *sabente* si seer sometudo á disciplina da regra id. c. 60; aquesta regra, escreuemos, que os *esguardantes* ela id. c. 73; *propesantes* mayor e milhor cousa seer Leges p. 477; *entrante* aa casa id.; *Consirantes* mais e milhor en saude das almas ca en engano e prol das cousas temporaes id. p. 399.

Em latim occorrem já alguns substantivos que eram primitivamente participios do presente; taes são *in-fant-*, que não falla, de *fant-*, participio de *fā-ri*; *ad-olesc-ent-* de *olesco-*, *pare-nt-* de *par-io*, *serp-ent-* de *serp-o*, *clie-nt-* por *clue-nt-* de *clueo*, *torre-nt-* de *torreo* (v. Corssen *kritische Beitr.* s. 402); *orie-nt-* de *orior*, *oc-cide-nt-* de *oc-cido*; v. Leo Meyer II, 87 f. Em portuguez conservam-se esses todos e ao lado de *oriente*, *occidente* apparecem *nascente*, *poente*; outros substantivos de identica formação são *lente* de *legent-* participio de *lego*; *escrevente* (homem que escreve); *caminhante*; *tirante* (correia de tracção no carro) de *tirar*; *sargento* de ant. *sergente* = lat. *serviente-*, modificado na significação pelo francez *sergent-*; *estante*, etc. Tambem pertence a esta especie *marchante* = ant. fr. *marchant* (mod. fr. *marchand*) de *mercant-* participio de *mercor*. O portuguez tem a forma divergente *mercante*, empregada como adjectivo.

3. Gerundio.

Segundo as investigações de Corssen *kritische Beitr.* s. 120 ff. o suffixo *-ondo*, *-undo*, *-endo*, *-ndo*, do substantivo verbal, chamado ordinariamente gerundio, e do adjectivo verbal, chamado participio do futuro passivo, ou participio

de necessidade, é composto do suffixo *-on*, que se encontra em os nomes verbaes como *rauc-on-*, *lig-on-*, *ger-on-*, *err-on-*, *ed-on-*, e do suffixo *-do*, que apparece em numerosas formas como *cali-do-*, *timi-do-*, *vali-do-*, *avi-do-*, *cupi-do-*. A forma *-undo* por *-ondo* pertence á linguagem archaica; a forma *-endo* que a substitue na linguagem classica, occorre, como aquella, nas formas provenientes das raizes dos verbos primitivos, como *dic-endo-*, *leg-endo-*, e dos themas dos derivados em *-ī*, como *vesti-endo*; a forma *-ndo* junta-se aos themas dos derivados em *ā*, *ē*; assim *amā-ndo*, *mon-ēndo*; ou melhor a primeira vogal do suffixo foi absorvida pela final d'esses ultimos themas.

O participio do futuro passivo não se conserva em portuguez, em que occorrem todavia muitos adjectivos formados da mesma maneira como *gemebundo*, *fecundo*, *segundo*, *oriundo*. Das formas do gerundio, pela perda da distincção dos casos só permaneceu a do ablativo: *ama-ndo*, *deve-ndo*, *dizendo*; as outras foram substituidas pelo infinito em construcção com preposições; por exemplo, *de amar*, *a amar*, *para amar*. Nos verbos em *i* o *e* do suffixo contrahiu-se com o *i* final do thema verbal; assim *vesti-ndo* de *vesti-endo*.

4. Participio do preterito passivo.

O thema do participio do preterito passivo é formado em latim, como nas outras linguas indogermanicas por meio do suffixo *-ta* (*-to*) junto 1) á forma radical; exemplos *da-to-*, raiz *da*; *di-ru-to-*, raiz *ru*; *rup-to-*, raiz *rup*; *stra-to-*, raiz *ster*, *stra*; 2) á forma radical com uma vogal de ligação; assim: *gen-i-to-*, raiz *gan*, *gen*; *vom-i-to-*, raiz *vem*, *vom*; 3) aos themas dos verbos derivados: *amā-to-*, thema *amā-*; *delē-to-*, thema *delē-*; *vestī-to-*, thema *vestī-*. A maior parte dos participios do preterito dos verbos primitivos pertencem á primeira especie; alguns á segunda e raros se conformam á analogia da terceira, como *petī-to-* por **pes-so-* de **pet-to-*; os participios do preterito dos derivados pertencem regularmente á terceira, mas assim como n'esses verbos encontramos

perfeitos com forma de primitivos, tambem observamos n'elles participios do preterito da primeira e segunda especie; assim: *auc-to-* não **augē-to-*, ao lado do pres. *augeo*; *mon-i-to-* não **monē-to-*, ao lado do pres. *moneo*.

Quando o *t* do suffixo *-to* se achou em contacto com um *d* ou *t* final da forma radical, essas consoantes, sob influencia das leis da assimilação e dissimilação, passaram por diversas modificações que podemos representar nas seguintes equações:

1. $d + t = t + t = t$;
2. $d + t = s + t = s + s = s$;
3. $t + t = s + t = s + s = s$.

Exemplos: 1. de **ad-gred-to-*, **e-gred-to-* vieram *ad-gret-to-*, *e-gret-to-* cujos dous *tt* se acham segundo o antigo uso representados por um só em *adgretus* Enn. Paul. p. 6., *egretus* Paul. p. 78 (*apud* Corssen *kritische Beitr.* s. 417); de **in-tend-to-*, **con-tend-to-* vieram successivamente **cont-ent-to-*, **in-tent-to*, *con-ten-to-*, *in-ten-to*; 2) de **in-fend-to-*, **mani-fend-to-* vieram **in-fens-to-*, **mani-fens-to-*, depois *in-fes-to-*, *mani-fes-to-* (cp. *-fendere* em *in-fendere*, *of-fendere*); de **con-ced-to-*, **con-ces-to-*, *con-ces-so-*; de **rad-to-*, **ras-to-*, *ras-so-*, *rā-so-* como de **pand-to-* **pans-to-*, **pans-so-*, *pan-so-*; 3) de **quat-to-*, **quas-to-*, *quas-so-*, de **vert-to-*, **vers-to-*, **vers-so-*, *ver-so-*.

O suffixo *-ta* que serve para a formação do participio do preterito passivo é um elemento thematico muito frequente, que já encontramos n'alguns themas do presente (p. 80), e provavelmente identico á raiz pronominal do mesmo som (p. 34).

Em portuguez conservou-se o typo dos participios do preterito dos derivados em *ā* e *ī*, isto é, dos participios em que o suffixo *-to* é precedido das vogaes de derivação *ā*, *ī*; o *t* do suffixo abrandou em *d*, como se achasse entre vogaes; assim *amá-do* = *amā-to-*, *vestí-do* = *vesti-to-*.

A primeira e terceira conjugação portuguezas ganhou assim facilmente um typo apropriado de participio do preterito; mas á segunda, baseada sobre os verbos em $\bar{e}$ latinos, faltava esse typo, pois são rarissimos os verbos latinos em $\bar{e}$ que não teem participio com forma de primitivo: o portuguez, como as outras linguas romanicas, que estavam nas mesmas circumstancias, lançou mão do typo dos participios em -$\bar{u}$-*to*-, offerecidos pelo latim em grande numero, taes como *arguto*-, *consputo*-, *consuto*-, *diluto*-, *induto*, *minuto*-, *secuto*-, *soluto*-, *tributo*-. Sobre esse typo se formaram os antigos participios em -*udo*: *ascondudo* DDin. 168, *sometudo* Leges p. 339, *estabeleçuda* id., *metuda* id., *recebudo* id. p. 400, *perduda* id., *persoluudos* id. p. 406, *conhoçudo* id., *vertudo* id., *uendudo* id., *metudos* id. p. 407, *espariudo* id. p. 419, *tehudo* id. p. 477, *dehuda* id. p. 535, *creudo* TCant. 58, *entendudo* id. 19, *temudo* id. p. 286, *constrangudos* Rib. I, 311, *traudo* AApost. 2, 23, *apremudos* id. 10, 38, *abatuda* Cath. p. 149, *corruda* Reg. p. 253, *avuda* id. c. 2, *demerguda* id. c. 7, *respondudo* id. c. 13, *elejudos* id. c. 21, *decebudo* id. c. 59, *teudo* id. c. 28 [1]. Esses participios em *udo*, ainda muito usados no seculo xv cahiram em desuso no seculo xvi e foram substituidos por participios em -*ido*, pela analogia da terceira conjugação portugueza, dos quaes ha numerosos exemplos já nos escriptos da edade media; assim: *uencido* FCast. p. 875, *collidas* id. p. 809, *estabelecido* AApost. 10, 42, *sabidos* Reg. c. 7, *construidos* c. 59. Comquanto a maior parte dos participios latinos com forma de primitivos fossem substituidos em portuguez por participios com forma de derivados, esta lingua conserva ainda um consideravel numero d'aquellas formas: assim *posto* de *po*-*si*-*to* (syncope do *i* radical), *feito* de *fac*-*to*-, *dicto*, *i*-*do* de *i*-*to*-; *acceso* de *accenso*-

[1] V. outros exemplos em Diez II, 180 e em *Raynouard Choix de troabadours* VI, 268. No portuguez moderno conservam-se d'essas formas apenas *teuda* e *manteuda* (na formula conhecida), e *conteudo* subst.

ao lado de *accendido*, *corrupto* ao lado de *corrompido*, *nado* de *na-to-* ao lado de *nascido*, *torto* de *tor-to-* ao lado de *torcido*, etc. (v. as grammaticas especiaes). Formas particulares: *visto* de **visĭto-* por *vīso-*; *tido* de **tenido*, *vindo* de **venīdo* por *ven-to-*; *tolheito* DDin. 101, TCant. 192 por *tolhido* pela analogia de ant. *colheito* = lat. *collectō* (cp. *eleito* de *electo-*, *feito* de *facto-*, ant. *coito* de *cocto-*, conservado em *biscoito*, etc.), mod. *colhido*; *cozeito* Eluc. por *cozido*, segundo a mesma analogia. O suffixo do participio do preterito desappareceu em *pago* por *pagado* = lat. *pacāto-*, *vago* por *vagado*; cp. *manso* de *mansueto-*, etc.

5. Supino.

Por meio do suffixo *-tu* se formam em latim, como em sanskrito, etc., nomes de acção, que no accusativo e ablativo do singular são chamados, na primeira lingua, supinos; assim *sta-tu-*, nom. sing. *sta-tu-s* estado; como supino accus. *sta-tu-m*, ablat. *sta-tu*. Os supinos não são pois mais que casos de nomes verbaes, como o infinito. As formas do infinito em sanskrito, demais, são formadas pelo suffixo *-tu*, como o supino latino; occorrem geralmente em accusativo, mas na lingua vedica tambem em dativo e genitivo do singular.

O portuguez como os outros idiomas congeneres perdeu o supino, que n'uns e outros se confundia inteiramente com o participio do preterito passivo, em virtude do desapparecimento ou coufusão das desinencias casuaes.

6. Participio do futuro.

O suffixo *-tōr*, reforçado de *-tar* (em *pa-ter*, *mā-ter*, *frā-ter*, etc.) serve em latim para formar nomes de agente como *vic-tōr*, *da-tōr*, *moni-tōr*, etc.; juntando-se a esse suffixo o suffixo *-a* formou-se o suffixo composto **-tōro*, *-tūro*, formativo dos participios do futuro, como *da-tūro-*, *fu-tūro*, etc.

Em portuguez não ha participio do futuro; as formas como *casadouro*, *immorredouro*, *vindouro*, *cõpridoiros* HGer.

c. 137, *estabelecedoiros* Reg. p. 252, *compecadoyra* id. p. 253, *temedoyro* id. c. 2, *regedoiras* id. p. 2, *acendedoiro* c. 7, *idoiros* c. 71, são formados pelo suffixo -*douro*, -*doiro* == lat. -*tōr*-*io*- em *ama*-*tōr*-*io*-, *trans*-*i*-*tōr*-*io*-, etc. O suffixo *tūro*- existe, porém, em os substantivos como *fu*-*turo*, *ven*-*tura*, provenientes evidentemente de formas participaes; *sepul*-*tura*, *cen*-*sura* (por **cens*-*tura*; cp. *cens*-*eo*), *usura* (*ūsūra* por **ut*-*tūra*), formas que já em latim eram empregadas como substantivos, etc.

INDEX

ADDIÇÕES E CORRECÇÕES

Pagina 14, linha 3, na tabella, columna 3, lede «ē» em vez de «ō». — Pag. 18, lin. 16, lede «futuro do conjunctivo» em vez de «optativo perfeito». — Id., lin. 17, lede «periphrastica» em vez de «periphrasistica». — Pag. 31, lin. 24, lede «*sondes* I, 132, por *sodes*» em vez de «*sodes*», etc. — Pag. 36, lin. 18, supprimí a palavra «vogal». — Pag. 46, lin. 18, accrescentae «Os escriptos portuguezes da edade media impressos que consultamos e ainda os mss. não permittem determinar com inteira confiança a epocha em que começou a operar-se a mudança da terminação verbal *-om* em *-am*. Ainda até no reinado de Affonso v se nota hesitação entre uma e outra forma, sendo mesmo a antiga terminação *-am* = lat. *-ant* frequentes vezes mudada em *-om*; assim em *começom* LCons. c. 5, *chamom* id. c. 6, *façom* id. c. 4, *erom* id. c. 12, *dom* id. c. 28, *farom* id. c. 24, mas *husam* id. c. 15, *tragam* id. c. 24. Como termo *ad quem* da duração da terminação verbal *-om* pode assignar-se o fim do seculo xv. Havemos de voltar n'outro escripto a esta questão. — Pag. 59, lin. 4, accrescentae «As formas da 1.ª pess. do futuro d'origem optativa como *faciem*, *dicem* eram ainda empregadas no tempo de Catão o censor (v. Quintil. 1, 7, 23)». — Pag. 64, lin. 17, lede «do segundo *e*» em vez de «do *e*». — Pag. 67, lin. 10, depois de «cousa» accrescentae «ou pessoa». — Pag. 74, lin. 20, depois de «*r*» accrescentae «ou vogal». — Pag. 82, lin. 19. Algumas observações são necessarias sobre o modo porque o portuguez representa o suffixo *sco*. Tres formas toma o suffixo n'esta lingua na 1.ª sing.: *sco*, *sço*, *ço*. A primeira forma pertence exclusivamente á lingua archaica: *padesco* DDin. 195, *gradesco* id. 17, TCant. 34, *guaresco* id. 220, *esmoresco* id. 210; cf. *cousesca* Reg. c. 2, *obdeescam* id. c. 3, *permaesca* id. c. 2, *offerescam* id. c. 50, *meresca* id. c. 61, *escaesca* id. c. 62, *sobervesca* id. c. 65, *gradesca* Cart. de S. Isabel Fig. p. 268, *cognoscão* doc. era 1325 Fig. p. 268, *conhoscam* doc. era 1319 Rib. I, 304. As formas *sço*, *ço* encontram-se uma ao lado da outra em differentes epochas da lingua; assim em *nasço naço*, *cresço creço*; *padeço*, *agradeço*, *esmoreço*, *obedeço*, *paço* (*pascor*), *permaneço*; *jasço* TCant. 184 (d'uma forma **ja-sco* por **jac-sco*; cp. *jasca* Reg. c. 71, *sujasca* id. c. 3), etc. A mudança de *c* latino em *ç* adeante de *o* sendo impossivel, é unicamente pela analogia das formas em que o *c* lat. degenerou, como de regra, em sibilante adeante de *e*, *i*, que podemos explicar as

formas *sço*, *ço* em questão; assim como se dizia *padesces* ou *padece-* assim se começou a dizer *padesço*, *padeço*. A reducção de *sç* a *ç*, res sulta de valer aquella ligação por *s*+*s* e o portuguez reduzir em regra na pronuncia dous *ss* a um só. Por uma similhante influencia da analogia se diz *induzo* e não *induco* ou *indugo*, cp. *induzir*, *induzes*, etc.; *cozo* e não *coquo*, cp. *cozer*, *cozes*; *venço* e não *venco* ou *vengo*, cp. *vencer*, *vences*; *dirijo* e não *dirigo*, etc. A 1.ª pess. do presente da raiz *dik* escapou em a nossa lingua a essa influencia da analogia: assim *digo* de lat. *dico*, não **dizo*, ao lado de *dizer*, *dizes*. O ant. portuguez offerece tambem a forma *addugo* = lat. *adduco*, mod. *adduzo*. — Pag. 110, lin. 27. Em um doc. do anno 1286 apparece a forma *stede* = lat. *steti* Eluc. s. v.; cp. o ant. castell. *estido*.

NOTA A PAG. 9, FUNDO

Felizmente tracta-se agora de formar na Bibliotheca Nacional uma collecção de trabalhos sobre a sciencia das linguas que possa representar bem o estado actual d'essa sciencia. Com o miseravel subsidio que o governo concede á bibliotheca não é possivel formar collecções que satisfaçam os especialistas; mas reunindo-se ali os principaes e indispensaveis elementos do estudo da sciencia da linguagem, dar-se-ha um grande passo para facilitar o conhecimento d'essa sciencia em o nosso paiz.